

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**Patrícia Cristina Statella Martins**

**A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO TURÍSTICO DE  
PEDRO JUAN CABALLERO (PARAGUAI)**

**Aquidauana – MS  
2007**

M344a Martins, Patrícia Cristina Statella

A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero (Paraguai)/ Patrícia Cristina Statella Martins. Aquidauana, MS: UFMS, 2007

100p. ; 30 cm

Bibliografia

Dissertação (Mestrado) – UFMS. Programa de Mestrado em Geografia, 2007

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Banducci Júnior

1. Atividade turística 2. Território fronteiriço 3. Territorialidades 4. Turismo de compras I. Título

CDD 20.ed. – 796.5

**PATRÍCIA CRISTINA STATELLA MARTINS**

**A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO TURÍSTICO DE  
PEDRO JUAN CABALLERO (PARAGUAI)**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Banducci Júnior

**Aquidauana – MS  
2007**

**MARTINS, PATRÍCIA CRISTINA STATELLA. A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO TURÍSTICO DE PEDRO JUAN CABALLERO (PARAGUAI).** Aquidauana, 2007. 100p. Dissertação Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Orientador: Prof. Dr. Álvaro Banducci Júnior**

---

**Prof. Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Mirian Rejowski**

**APROVADA EM:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

*Aos meus pais Dejair Martins Peres e  
Rosa Maria Statella Martins  
pelo apoio, pelo amor,  
pelo carinho, pelo estímulo e  
por sempre acreditarem em mim.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, por ter-me concedido o afastamento tão necessário para a elaboração deste trabalho.

Ao meu orientador – professor Dr. Álvaro Banducci Júnior – pelo aprendizado, pela paciência e por, a sua maneira, ter-me instigado a descobrir um novo olhar sobre o fenômeno do turismo. Pela oportunidade de conhecer “as fronteiras” enquanto objeto de estudo. Área que a princípio me trazia receio mas que trouxe encantos, descobertas e novas possibilidades de se pesquisar a relação turismo e fronteira, ainda tão incipiente no Brasil.

Ao professor Dr. Edvaldo César Moretti pela oportunidade de iniciar-me nos caminhos da geografia, pela acolhida no GTA, pelas orientações durante todo o processo anterior ao meu ingresso ao mestrado e pelas valiosas contribuições por ocasião do exame de qualificação, enfim, durante todo o período de realização do curso, ora esclarecendo dúvidas, ora colocando sua biblioteca à disposição.

A professora Dra. Icléia Albuquerque Vargas por sua contribuição na banca de qualificação. Igual consideração dedico aos professores Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira e Dra. Mirian Rejowski pela participação na minha banca de defesa.

Ao professor Luís Gonzaga Godói Trigo por iniciar-me nos estudos do fenômeno turístico e por despertar o desejo pela carreira acadêmica.

À Prefeitura Municipal de Ponta Porã, à *Municipalidad* de Pedro Juan Caballero, e algumas pessoas que também colaboraram: Sr. Domingos José de Oliveira, Prof. Dionísia A. L. de Ocampos, Lic. Fernando G. Villasboa Romañach, Thomás Juliano Medina, Wakíria Capusso, Mercedes Winker, Sacha Aníbal Benitez Cardona. Estendo meus agradecimentos a todos os fronteiriços que direta ou indiretamente colaboraram com esta pesquisa, seja prestando informações, seja disponibilizando seu tempo, seja pela divulgação de suas histórias.

Ao corpo técnico e docente do Curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em particular a Dores Cristina Grechi, Graci Marlene Pavan, Heros Augusto Santos Lobo, Emílio Davi Sampaio, Eliana Lamberti e Rosa Maria Faria Asmus - pela amizade, companheirismo, incentivo e carinho. À Rosa, dedico agradecimento especial pela ajuda, pelo amparo, paciência e sobretudo pelo carinho nos momentos de angústia e desânimo.

A duas outras pessoas apesar de não serem da academia também agradeço, por fazerem parte da minha vida e de alguma maneira estarem presentes durante todo o processo de realização do mestrado: minha querida amiga Silmara Dourado Moraes e meu irmão Roberto César Statella Martins.

Aos demais amigos e familiares por compreenderem minhas ausências.

Por fim, agradeço às pessoas que embora tenham participado em poucos momentos, não foram menos importantes. Seja por terem oferecido suas casas seja por terem disponibilizado seu tempo precioso, seja pela amizade: Cristina Horst, Rodrigo Barrinuevo, Alan Somaio, Simone Pereira, Milene Machado, Genir Machado, Scharlene Rodrigues, Pollianna Thomé.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a formação do território turístico na cidade de Pedro Juan Caballero (PY), que faz fronteira seca com a cidade brasileira de Ponta Porã (BR), localizada no Mato Grosso do Sul, formação decorrente do fluxo de turistas de compras. O foco da pesquisa é a cidade paraguaia que recebe turistas que buscam adquirir produtos importados. A vocação comercial de Pedro Juan Caballero tem suas origens no final do século XIX e se expande no decorrer do século XX quando a localidade se torna ponto de pouso para as caravanas que transportavam erva-mate até Concepción. A partir da década de 60 o comércio de produtos importados se fortalece, consolidando o turismo de compras, atividade esta que transforma a área fronteira em um território turístico. Nesse sentido, este trabalho se propõe entender a formação desse território turístico e a maneira pela qual a presença do turismo interferiu na vida da população local bem como em novas configurações na cidade. Percebeu-se que esse fenômeno é muito mais amplo do que pressupõem seus próprios atores, os pedrojuaninos. As territorialidades, decorrentes desse processo, serão tratadas sob a percepção daqueles que estão envolvidos direta ou indiretamente com a atividade turística, discutindo-se, assim, algumas das particularidades da atividade turística em áreas fronteiriças e, de forma específica, a prática das compras. Espera-se que a análise do fenômeno turístico nesse território fronteiro traga contribuições e abra espaço para novas descobertas nessa área de estudo, que é muito recente na academia.

**Palavras-chave:** Território fronteiro, atividade turística, territorialidades, turismo de compras.

## ABSTRACT

*This work aims to analyze the formation of the tourist territory in the city of Pedro Juan Caballero (PY), which does land frontier with the Brazilian city of Ponta Porã (BR), located in Mato Grosso do Sul, this formation is resulted from the abundance of shopping tourists. The aim of this research is the Paraguayan city which receives tourists who want to purchase imported products. The commercial inclination of Pedro Juan Caballero has its origins in the end of the 19<sup>th</sup> century and it expands itself during the 20<sup>th</sup> century when the locality became a resting place for the caravans which transported yerba mate (*Ilex paraguariensis*) to the city of Concepción. Since the 1960's the trade of imported products increase one's, solidifying the cross-border shopping, activity that changes the frontier area at a tourist's territory. On this way, this work purposes to understand the formation of this tourist's territory and the way in which the presence of the tourism interfered in the life of the local population and the new configurations in the city as well. It follows that phenomenon is bigger than their own citizens, the pedrojuaninos, imagine. The territorialities, deriving from this process, are going to be carry by the perception of those who are direct or indirect involved with the tourist's activity, discussing some of the particularities of the tourist's activity in the border areas and, in a specific way, the shopping practices. It expects that the analysis of the tourist phenomenon in this territory of frontier brings assessments and offer information for new discoveries in this field of study that is, already, a new one at the academy.*

*Keywords: Territory of Frontier, Tourist Activity, Territorialities, Cross-Border Shopping*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: América do Sul: destaque Mato Grosso do Sul (Brasil) e Paraguai .....	16
Figura 02: Departamentos Paraguaios .....	17
Figura 03: Carta Imagem Ponta Porã, MS – Brasil e Pedro Juan Caballero – PY .....	18
Figura 04: Marco da Fronteira, Ponta Porã – Pedro Juan Caballero, 2006 .....	19
Figura 05: Cidades gêmeas ao longo fronteira internacional brasileira, 2006 .....	29
Figura 06: Hábito do tereré.....	53
Figura 07: Proximidade entre os território brasileiro e paraguaio.....	55
Figura 08: Traçado urbano das cidades gêmeas Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, 2005....	68
Figura 09: Av. Dr. Francia sem os “informais” .....	69
Figura 10: Rua Mariscal Lopez, 2006 .....	70
Figura 11: Av Dr. Francia e o comércio informal (lado esquerdo da rua) .....	70
Figura 12: Av. Dr. Francia e o “desaparecimento” do comércio formal (lado direito da rua) .....	71
Figura 13: Concentração do Fluxo de Turismo de Compras.....	73

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>O TERRITÓRIO DE PEDRO JUAN CABALLERO: CARACTERIZAÇÃO E</b>	
<b>CONSTITUIÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Delimitação e caracterização da área em estudo .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Formação ou constituição de Pedro Juan Caballero: aspectos históricos,</b>	
<b>    econômicos e sociais.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>FRONTEIRA: CONCEITO, LÓGICAS E CONEXÕES .....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 Aspectos legais e especificidades das cidades gêmeas de Pedro Juan Caballero e</b>	
<b>    Ponta Porã.....</b>	<b>27</b>
<b>2.2 Fronteira além do aspecto físico: fato sociocultural.....</b>	<b>30</b>
<b>2.3 As lógicas estruturais e conjunturais: formalidades, complementaridades e</b>	
<b>    legalidade.....</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>VIAGENS, TURISMO, FRONTEIRA .....</b>	<b>38</b>
<b>3.1 Antecedentes das viagens e do turismo.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2 O fenômeno do turismo em áreas fronteiriças.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3 As compras e a atividade turística .....</b>	<b>46</b>
<b>3.4 Turismo de compras em Pedro Juan Caballero .....</b>	<b>51</b>
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>A CONSTITUIÇÃO DO TERRITÓRIO TURÍSTICO DE PEDRO JUAN</b>	
<b>CABALLERO .....</b>	<b>58</b>
<b>4.1 Noções de território .....</b>	<b>58</b>
<b>4.2 O comércio na fronteira e o surgimento do turismo de compras.....</b>	<b>60</b>
<b>4.3 Território turístico de Pedro Juan Caballero .....</b>	<b>66</b>
<b>4.3.1 Espacialização do turismo de compras.....</b>	<b>67</b>

## **CAPÍTULO 5**

### **AS TERRITORIALIDADES DECORRENTES DO TURISMO DE COMPRAS**

**NA FRONTEIRA VIVA DE PEDRO JUAN CABALLERO ..... 75**

**5.1 Olhares pedrojuaninos ..... 76**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 84**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 87**

**APÊNDICE 01 – ENTREVISTA COM OS MORADORES..... 95**

**APÊNDICE 02 – ENTREVISTA COM OS TURISTAS ..... 97**

## INTRODUÇÃO

O turismo é o movimento de pessoas e sua permanência temporária em localidades diferentes daquela em que residem. É difícil apreender a complexidade do fenômeno considerando uma única perspectiva teórica ou uma única ciência (BANDUCCI JÚNIOR, 2001a). Por esse motivo, a presente pesquisa é um trabalho investigativo com base em procedimentos técnicos e teóricos da ciência geográfica, que visa verificar as transformações territoriais num espaço de fronteira.

A pesquisa concentrou-se na fronteira entre Brasil e Paraguai. Mais especificamente na cidade de Pedro Juan Caballero que faz fronteira seca com a cidade brasileira de Ponta Porã, localizada no Estado de Mato Grosso do Sul.

O foco da pesquisa é a cidade paraguaia que recebe fluxo intenso de turistas que buscam adquirir produtos importados. A vocação comercial de Pedro Juan Caballero tem suas origens no final do século XIX quando a cidade passa a ser utilizada como um lugar de descanso para as caravanas que transportavam erva-mate até Concepción. A partir da década de 60 o comércio se fortalece, consolidando o turismo de compras. Atividade esta que transforma o território fronteiriço em um território turístico.

Nesse sentido, este trabalho se propõe entender a formação desse território turístico e de que maneira a presença do turismo interferiu na vida da população local bem como em novas configurações na cidade. Procurou-se penetrar no universo das relações cotidianas a partir da observação de alguns hábitos da população paraguaia e como eles vêm se transformando em função do contato com o turista estrangeiro. Verificou-se, ainda, quais alterações físicas estão se processando na cidade de Pedro Juan Caballero em função desse movimento de turistas brasileiros bem como seu olhar a respeito de alguns aspectos envolvidos na experiência das compras em uma área de fronteira. A prática de compras em áreas fronteiriças possui certas especificidades que se diferenciam dos estudos e definições para o binômio compras e turismo.

Percebeu-se que há carência de estudos que investigam a atividade turística em áreas fronteiriças e conseqüente dificuldade para pesquisar nessas áreas. As pessoas são desconfiadas, o que exige da parte do pesquisador tática eficiente para se tornar confiável perante os possíveis entrevistados.

Verificar a formação do território fronteiriço na cidade de Pedro Juan Caballero tornou-se um desafio. Seja pela dificuldade em obter dados por ser um país com larga tradição

na informalidade (PENNER, 2006)<sup>1</sup> seja pelo estigma das fronteiras. Na vida de fronteira há complementaridades que nem sempre obedecem à ordem legal (OLIVEIRA, 2005). Dificuldade que, ao longo do trabalho de campo, transformou-se em curiosidade, necessidade de conhecer cada vez mais as lógicas fronteiriças e, principalmente, de entender a vida de seus moradores e daqueles que ali estão para realizar suas compras.

A fronteira em questão vivencia uma trama de relações cotidianas: são pessoas, mercadorias, informações, serviços que se misturam, se integram, e conflitam de ambos os lados brasileiro e paraguaio. O ir e vir é constante e em muitos momentos há certa dúvida se estamos em território brasileiro ou paraguaio.

Para que fosse possível atender aos objetivos propostos e retratar as particularidades de uma pesquisa em área de fronteira, o presente trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro caracterizando e delimitando o território de Pedro Juan Caballero. O segundo capítulo conceitua o termo fronteira e as lógicas estruturais e conjunturais presentes nessas áreas, trata de aspectos legais e especificidades de cidades gêmeas e descreve a fronteira de Pedro Juan Caballero não apenas do ponto de vista físico mas enquanto fato sociocultural. A partir do terceiro capítulo inicia-se o exercício de contextualizar a atividade turística em áreas de fronteira até a identificação do turismo de compras no território pedrojuanino. As entrevistas realizadas com os turistas foram decisivas para a consecução desta parte do trabalho. Continuando este exercício, o quarto capítulo trata da constituição do território turístico. O último capítulo traz as territorialidades decorrentes do turismo de compras sob a percepção daqueles que estão envolvidos direta ou indiretamente com a atividade turística.

Também foram elaborados duas cartas e um mapa<sup>2</sup> para que se pudesse visualizar e contextualizar a área em estudo bem como a localização do fluxo de turismo de compras.

A observação foi uma constante durante todo este trabalho. Procurou-se freqüentar a cidade durante os dias de semana, durante finais de semana e ainda em alguns feriados. Sempre conversando com moradores, trabalhadores e, na medida do possível, freqüentando lugares que turistas e moradores freqüentam. Ressalta-se que, durante as visitas, observou-se ainda que o melhor dia para conversar com os trabalhadores seria de segunda a quinta-feira e com turistas, de sexta a domingo. Todas as observações, sensações foram anotadas e

---

<sup>1</sup> O autor se refere ao contrabando e outras práticas informais que não são controladas e conseqüentemente não revelam a realidade do país.

<sup>2</sup> Esse material foi elaborado utilizando-se os softwares: Spring (Sistema para Processamento de Informações Georreferenciadas, versão 4.1.1, desenvolvido pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), que reúne rotinas para a construção e manipulação de banco de dados espaciais e funções para processamento digital de imagens); AUTOCAD MAP 2000 para digitalização e edição vetorial; Global Mapper Version 8.00 Copyright (c) 2002- 2006 e software de edição gráfica COREL DRAW 11.

resultaram em um diário de campo. Ao total, foram realizadas seis visitas a Pedro Juan Caballero. As visitas foram feitas em feriados como a Páscoa, finais de semana, meio de semana para que fosse possível entender melhor a dinâmica e o comportamento das pessoas e das cidades em função do turismo de compras.

Durante o período – quando se estava definindo a aplicação de entrevista e/ou questionários - , realizaram-se algumas entrevistas não-estruturadas com pessoas que pudessem falar sobre o início do fluxo de compras na cidade e que pudessem indicar os possíveis moradores Pedro Juan Caballero e/ou Ponta Porã a serem entrevistados. Desde o início, percebeu-se a dificuldade que seria obter dados. Em algumas dessas visitas, a pesquisadora hospedou-se em um hotel de Ponta Porã para que pudesse vivenciar a experiência dos turistas que ali estão e que pernoitam na cidade.

As visitas às cidades, tiveram como objetivo a observação do lugar, das pessoas, o estabelecimento dos primeiros contatos na cidade de Pedro Juan Caballero bem como a definição da área em que o turismo de compras acontece.

Concluiu-se que a melhor maneira para que se pudesse obter os dados para este trabalho seria a aplicação de entrevistas padronizadas com um roteiro estabelecido e perguntas predeterminadas. Decidiu-se por entrevistar pessoas-chave, que trabalham ou estão envolvidas direta ou indiretamente com o turismo e que pudessem responder a questões que mostrassem as territorialidades decorridas do turismo de compras na fronteira. Ao final foi possível obter sete entrevistas com brasileiros e paraguaios que estão direta ou indiretamente envolvidos com o comércio e conseqüentemente com o fluxo turístico.<sup>3</sup>

Foi necessário observar o comportamento dos turistas durante suas compras conversando informal e aleatoriamente com diversas pessoas – mas sem revelar a identidade da pesquisadora – para definir qual a melhor maneira de entrevistá-los.<sup>4</sup> Dessa maneira foi possível obter informações e traçar estratégias para que, numa próxima visita a Pedro Juan Caballero, turistas pudessem ser entrevistados. Definiu-se então que a entrevista seria a melhor alternativa e que algumas estratégias deveriam ser adotadas.

As pessoas foram entrevistadas durante as compras; no saguão de um hotel<sup>5</sup>; enquanto aguardavam a troca de pneu (em duas lojas diferentes), e em um supermercado. Foi possível entrevistar 22 pessoas distribuídas nos locais de coleta citados.

---

<sup>3</sup> Foram selecionadas dez pessoas-chave. Algumas não quiseram colaborar/prestar depoimentos e com outras não foi possível conciliar os dias determinados para a pesquisa de campo com suas agendas.

<sup>4</sup> Tal fato foi necessário porque tentativas anteriores para aplicação de questionários foram fracassadas. Afinal as pessoas estão no seu momento de lazer realizando compras e não querem ser incomodadas.

<sup>5</sup> Constatou-se durante as visitas à cidade que esse hotel é o mais freqüentado pelos turistas.

Originalmente, previa-se uma abordagem de forma aleatória em cerca de 10% dos turistas nos pontos de coleta da pesquisa. Porém, encontrou-se uma grande rejeição por parte dos entrevistados. Esta amostra<sup>6</sup> é composta por turistas que aceitaram contribuir com o trabalho e expor questões financeiras a uma desconhecida em uma área de fronteira. Registra a realidade da atividade relacionada às compras na fronteira de Pedro Juan Caballero, expressando o momento em que foi realizada. Por ser considerada uma Fronteira Viva (OLIVEIRA, 2005) esse espaço está sujeito às lógicas conjunturais e à dinamicidade própria de áreas fronteiriças.

As constatações são particulares a Pedro Juan Caballero e talvez não reflitam a realidade de todas as áreas fronteiriças que possuem o turismo de compras. Espera-se que a análise do fenômeno turístico nesse território fronteiriço traga contribuições e descoberta nessa área de estudo, que é muito recente na academia.

---

<sup>6</sup> Os dados da pesquisa com os turistas foram trabalhados no SPSS – *Social Package Statistical Science*. O SPSS é uma ferramenta de estatística aplicada para a análise de dados observados captados por meio de pesquisa de campo ou coletados a partir de pesquisa indireta. O sistema dispõe de um editor de comandos que permite a realização de análises mais complexas e elaboradas.

# CAPÍTULO 1

## O TERRITÓRIO DE PEDRO JUAN CABALLERO: CARACTERIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO

### 1.1 Delimitação e caracterização da área em estudo

A cidade paraguaia investigada neste trabalho – Pedro Juan Caballero – é a capital do XIII Departamento de Amambay<sup>7</sup> e faz fronteira seca com o município brasileiro de Ponta Porã, localizado no Estado de Mato Grosso do Sul. Pertencem ainda ao Departamento de Amambay as cidades de Bella Vista e Capitán Bado.<sup>8</sup>

Pedro Juan Caballero localiza-se a nordeste da República do Paraguai e possui aproximadamente 88.020 habitantes<sup>9</sup>. Limita-se ao Norte com Bella Vista, ao Sul com Capitan Bado, a Leste com Ponta Porã, no Brasil, e a Oeste com o Departamento de Concepción. Sua economia gira em torno da agricultura, pecuária e comércio.

A cidade brasileira de Ponta Porã<sup>10</sup> está a 328 km de Campo Grande (capital do Estado de Mato Grosso do Sul) e a 120 km de Dourados. É a quinta maior cidade do estado e atualmente possui aproximadamente 70.000 habitantes (BRASIL, 2005b). Limita-se ao Norte com os municípios de Antônio João, Bela Vista, Jardim e Guia Lopes da Laguna; ao Sul com Aral Moreira e Laguna Caarapã; a Leste com Dourados e Maracaju e a Oeste com a República do Paraguai. Atualmente, tem o comércio e a agricultura como principais atividades econômicas.

---

<sup>7</sup> O território paraguaio está dividido politicamente em Departamentos que correspondem ao que seriam os Estados brasileiros. O governo departamental possui capacidades e atribuições mais limitadas que o Governo Central e mais amplas que os municípios. O Departamento é composto por vários centros urbanos e zonas rurais e possui uma capital que é a sede do governo. Ao todo, o Paraguai possui 18 departamentos: *Alto Paraguay, Alto Paraná, Amambay, Asunción, Boquerón, Caaguazú, Caazapá, Canindeyú, Centrao, Concepción, Cordillera, Guairá, Itapúa, Misiones, Neembucú, Paraguari, Presidente Hayes e San Pedro*.

<sup>8</sup> Também são cidades fronteiriças respectivamente com Bela Vista e Coronel Sapucaia.

<sup>9</sup> Dados obtidos na *Municipalidad* de Pedro Juan Caballero.

<sup>10</sup> Como a cidade estudada é fronteiriça, faz-se necessário contextualizar alguns aspectos da cidade brasileira.

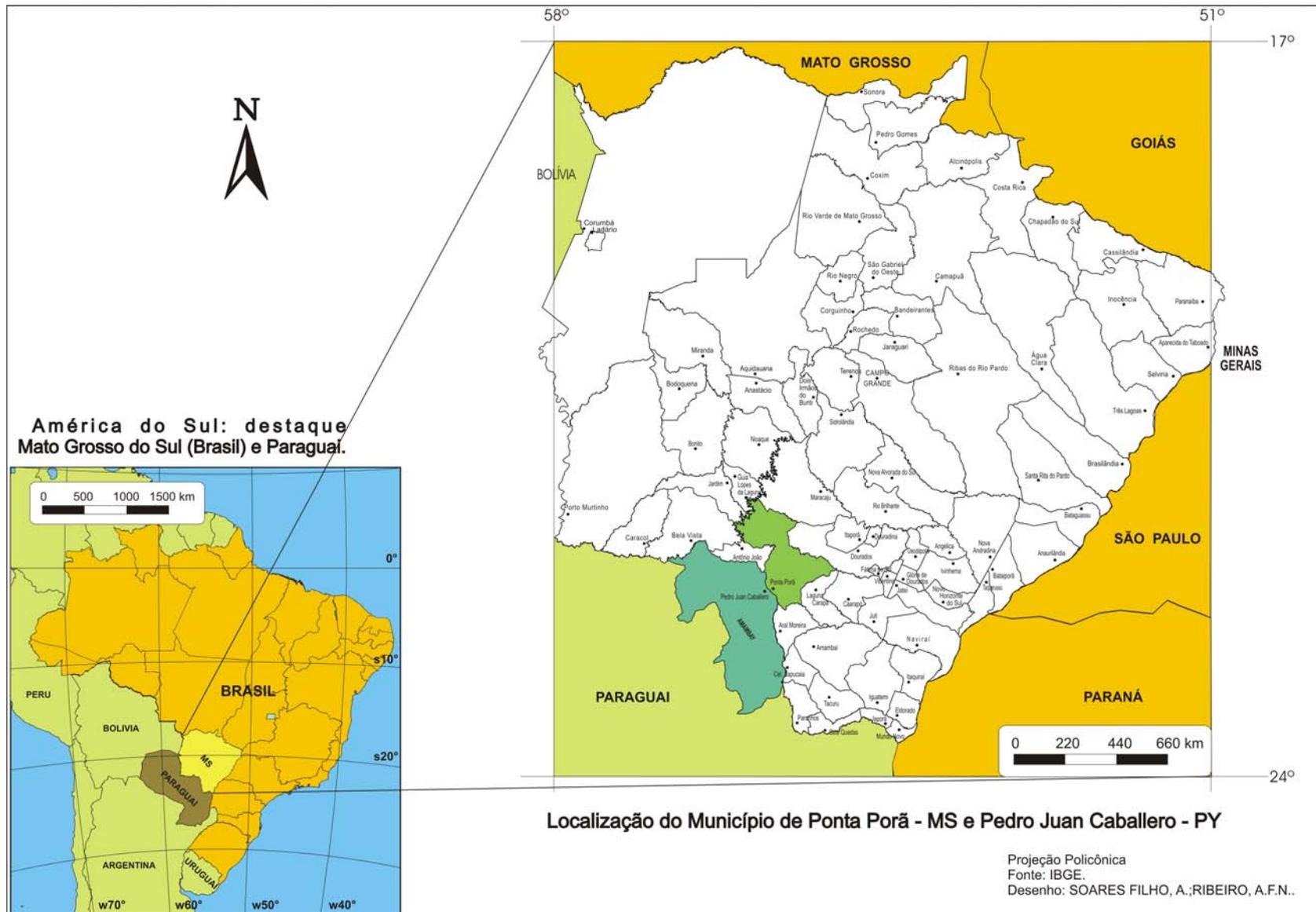


Figura 01: América do Sul: destaque Mato Grosso do Sul (Brasil) e Paraguai



Figura 02: Departamentos Paraguaiois

Fonte: Guia Geográfico América Mapas. Disponível em: <<http://www.paises-america.com/mapas/paraguai.htm>>. Acesso em 19/12/06.

Os municípios são divididos por uma linha conhecida como linha de fronteira ou internacional, cuja extensão urbana é de aproximadamente 13 quilômetros. Essa linha é demarcada fisicamente: do lado brasileiro o limite é a Avenida Internacional e do lado paraguaio, Rua Dr. Francia.

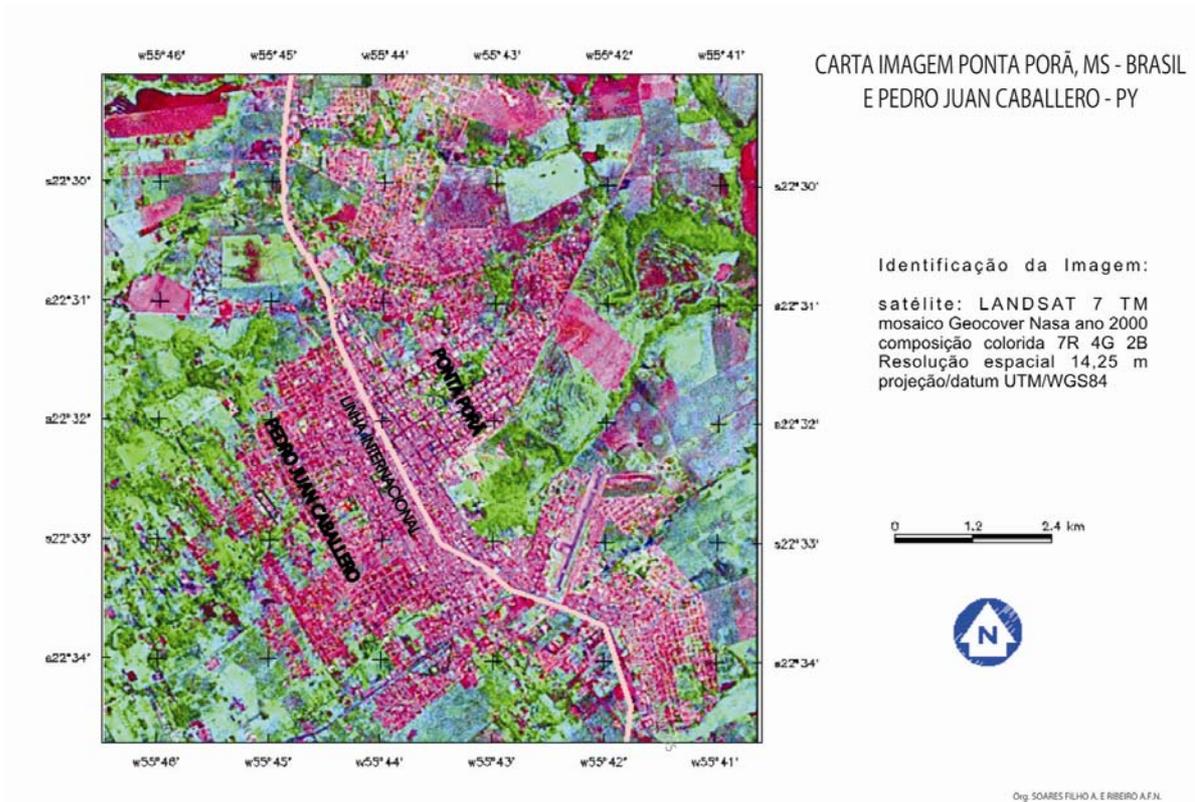


Figura 03: Carta Imagem Ponta Porã, MS – Brasil e Pedro Juan Caballero - PY

Há marcos tanto em Ponta Porã como em Pedro Juan Caballero que servem para demonstrar os limites<sup>11</sup> brasileiros ou paraguaios “O chamado “marco de fronteira” é na verdade um símbolo visível do limite” (MACHADO, 1998, p. 42)<sup>12</sup>. Segundo Martin (1992), tais marcos são estabelecidos para que se possa demarcar a localização exata da linha de fronteira.

Segundo uma autora paraguaia (ROIG, 1984), os marcos além de cumprir as imposições de tratados, representam também a amizade das duas cidades.

<sup>11</sup> “O estabelecimento das fronteiras políticas internacionais constitui-se usualmente de três etapas: a) a delimitação, que consiste na fixação dos limites através de tratados internacionais; b) a demarcação, que é a implantação física dos limites por meio da construção de marcos em pontos determinados; c) a densificação ou caracterização etapa na qual se realiza o aperfeiçoamento sistemático da materialização da linha divisória, mediante intercalação de novos marcos, com o objetivo de torná-los cada vez mais intervisíveis” (STEIMAN, 2006, p. 4).

<sup>12</sup> Esta publicação foi acessada do site <http://www.igeo.ufrf.br/gruporetis/>. Mas também está disponível em MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. M. et al. (orgs). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB, 1998. p 41-49.

*En el punto más alto de la Cordillera, allí donde el agua no puede permanecer, y al retirarse cae por dos vertientes: al Oeste, las aguas que van al Paraguay, y al Este las que van al Paraná. El hito plantado allí cumple lo impuesto por el Tratado de 1872<sup>13</sup>: hoy es el pedestal o la columna sobre la cual se yergue, triunfadora, la amistad de dos ciudades, de dos Patrias. (ROIG, 1984, p. 46).*



Figura 04: Marco da Fronteira, Ponta Porã – Pedro Juan Caballero, 2006.

O limite entre os países foi firmado primeiramente, em 1494 pelo Tratado de Tordesilhas que estabeleceu limites das possessões espanholas e portuguesas. “As terras do leste seriam de Portugal, e a oeste, da Espanha, outorgadas pelo papa Alexandre VI e ratificada pela Santa Fé em 1560” (TORRECILHA, 2004, p. 37). A partir da linha de Tordesilhas, o território foi se transformando por sucessivas ocupações e novos tratados. É o Tratado de Madri que estabelece a primeira linha (limite) entre Brasil e Paraguai. Por ter estabelecido algumas trocas, ficou conhecido como “Tratado de Permuta” (GOIRIS, 1999). Esse tratado é substituído em 1777 pelo Tratado de San Ildefonso.

Goiris (1999) considera que no Tratado de Madri houve uma perda de territórios, e populações inteiras para o Paraguai. “*Este tratado se há hecho em base de uma expresión latina: uti possidetis, que significa: “así como está; Del modo como está posicionado”*”

<sup>13</sup> Depois de alguns tratados e conferências, em 1872, os governos paraguaios e brasileiros designam uma comissão para a demarcação de limites.

(GOIRIS, 1999, p.60). Na fala desse autor paraguaio – Goiris – nota-se o sentimento de perda que o paraguaio possui até hoje (sentimento esse percebido durante a pesquisa de campo – principalmente durante as observações e conversas informais - e que aumenta após o episódio da Guerra do Paraguai). Ao comentar sobre os três tratados, o autor coloca:

*El primer Tratado fue el de Tordesillas, de 1494. Después, el territorio portugués va a extenderse enormemente mediante el segundo Tratado, el de Madrid de 1750, que empieza en la región de la Colonia Sacramento al sur y se proyecta por todo el norte. Este Tratado establece la frontera entre el Brasil y el Paraguay, incluyendo a la región del Amambay. El tercer Tratado, el de San Ildefonso, de 1777, que sigue casi los mismos límites que el tratado anterior, también cedió a los portugueses gran parte de los territorios, inclusive la región próxima al río Apa (GOIRIS, 1999, p. 61).*

O mesmo autor ainda considera que o estabelecimento das demarcações geográficas das terras conquistadas foi deficiente:

*La cuestión histórico-geográfica de la conquista y la colonización española tendrá que ser citada como un aspecto que fue negativo y ha contribuido decisivamente para posponer el despegue económico y la modernización. Es decir, las condiciones geográficas adversas tienen su cuota de responsabilidad en las condiciones socioeconómicas lamentables en que se encuentra el Paraguay, donde predomina una economía atrasada y una productividad y desarrollos de niveles muy inferiores a casi todos los países sudamericanos (GOIRIS, 2004, p. 64).*

As origens do conflito que marca a área em estudo – Guerra do Paraguai - que durou de 1865 a 1870 se encontram no processo de construção e consolidação dos Estados Nacionais no Rio da Prata onde Brasil, Argentina e Uruguai pelo Tratado da Tríplice Aliança<sup>14</sup> – enfrentaram o Paraguai. Segundo Doratioto (2002), o acontecimento foi um divisor na história das sociedades desses países. Para muitos autores, as origens do conflito estão na pressão externa exercida pela Inglaterra para destruir o suposto modelo de desenvolvimento paraguaio. Tanto Doratioto (2002) como Squinelo (2001) demonstram que até 1980, a historiografia conservadora bem como o revisionismo paraguaio (também

---

<sup>14</sup> O Tratado, assinado em Maio de 1865, “[...] determinava que a guerra somente terminaria com a saída de Solano López do poder. Estabelecia, também, o desmantelamento das fortalezas paraguaias que impediam a livre navegação pelos rios do Prata e definia as fronteiras do Paraguai com o Brasil e a Argentina, cabendo a esses os territórios em litígio” (DORATIOTO, 2004, p. 22).

chamado de populista) simplificaram as causas, as conseqüências da Guerra, ignorando e anestesiando o senso crítico (DORATIOTO, 2002). Da historiografia conservadora surge a historiografia tradicional, que simplificou a explicação do conflito com base nas características pessoais de Solano Lopez (considerado tirano, ambicioso, entre outros). Pelo revisionismo populista, Solano Lopez foi um mito (grande chefe militar). No Paraguai, a tendência é atribuir toda a responsabilidade à Argentina e ao Brasil e ainda exaltar Solano López como herói indiscutível (FRAGA, 2004). Por esse mesmo motivo, o assunto sempre foi tratado de maneira diferente no Brasil e no Paraguai. E está aí uma das causas do comportamento observado nos paraguaios em relação aos resquícios da Guerra do Paraguai. Recentemente, avançou-se no conhecimento histórico, possibilitando uma análise mais objetiva da Guerra.

## **1.2 Formação ou constituição de Pedro Juan Caballero: aspectos históricos, econômicos e sociais**

Após a Guerra, iniciam-se a venda das terras públicas ao capital estrangeiro (GOIRIS, 1999) bem como os trabalhos para demarcação dos novos limites entre Brasil e Paraguai. Elege-se uma Comissão para iniciar os trabalhos demarcatórios que terminam em 1874. Destaca-se nessa comissão, Thomaz Laranjeira, comerciante, que fornecia os gêneros alimentícios aos membros de tal comissão.

Durante os trabalhos demarcatórios, Laranjeira observou a presença de grandes ervais nativos. No mesmo ano de 1874, Laranjeira funda uma fazenda de gado no Mato Grosso e posteriormente inicia-se no comércio do mate – ainda no Paraguai – mas já pensando em expandi-lo para o Brasil tão logo conseguisse terra. “*Las tierras cedidas al Brasil por el Paraguay, después de 1870, que, como victorioso, el Imperio tenía derecho, fueron objeto de concesiones por parte de gobierno del Brasil, a latifundistas como Thomaz Laranjeira y el senador Joaquim Murtinho*” (GOIRIS, 1999, p. 131).

A partir de 1877, Thomaz Laranjeira passa a explorar clandestinamente a erva-mate no Sul de Mato Grosso<sup>15</sup>. A maioria dos ervais explorados localizava-se do lado brasileiro, mas a mão-de-obra era paraguaia. Em 1878, em Concepción no Paraguai, o negócio torna-se

---

<sup>15</sup> Atualmente Estado de Mato Grosso do Sul que surgiu da divisão do antigo Mato Grosso em 1977.

rentável quando inicia oficialmente os trabalhos ervateiros com contratos para tal fim (JESUS, 2004). Ressalta-se que Thomaz Laranjeira não foi o único a explorar a erva-mate. Segundo Queiroz (2004, p. 20), “[...] nesse extremo SMT<sup>16</sup>, a partir de 1870, configurou-se um complexo universo econômico envolvendo muitos outros atores além da Mate, englobando atividades agropecuárias e comerciais, além da extração ervateira...”. Nessa época, há constante vinda de imigrantes de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul<sup>17</sup>. “Tais migrantes dedicavam-se, como seus antecessores, à agricultura de subsistência e à pecuária bovina, sendo que, no extremo sul, não se furtavam à elaboração da erva-mate, tanto para seu consumo próprio como para comércio” (QUEIROZ, 2004, p. 20-21). O mesmo autor ainda coloca:

Embora Tomás Laranjeira não fosse o único a elaborar erva no SMT, após o fim da Guerra, é à ação desse empresário que se associa a montagem de um grande empreendimento ervateiro, entre fins da década de 1870 e inícios da década seguinte, empreendimento esse que, nas décadas subseqüentes, em aliança com importantes parcelas da oligarquia mato-grossense (dentre as quais se destacou a família Murtinho), viria a exercer um virtual monopólio da extração e comercialização da erva-mate sul-mato-grossense. Sempre vinculada ao mercado consumidor da Argentina e a capitais acumulados nesse país, a Companhia Mate Laranjeira (como ficou historicamente conhecida a empresa, a despeito de haver assumido, ao longo do tempo, outras razões sociais) utilizou-se largamente dos rios da bacia platina, tanto para a exportação de sua produção como para o abastecimento de seus amplos domínios (QUEIROZ, 2004, p. 24).

O fato é que a Companhia Mate Laranjeira estabelecida em 1883, era a maior empresa exercendo monopólio sobre os ervais.

Ao final do século XIX, início do século XX, a economia ervateira era a principal fonte de renda<sup>18</sup> tanto em Ponta Porã quanto em Pedro Juan Caballero. “*En esse momento, la actividad comercial en todo el norte de la región Oriental del país y la intercomunicación de esta región y el Rio de la Plata se acrecentaron considerablemente*” (RAMIREZ, 2002, p.235). A abertura do rio Paraguai pode ter iniciado a exploração dos ervais nativos a qual desenvolveria uma indústria ervativa, vinculada ao espaço platino e à Argentina – mercado consumidor da erva-mate sul-mato-grossense (QUEIROZ, 2004). Para Goiris (1999), o interesse da Argentina em importar a erva-mate é o fator mais importante para o início da exploração. A erva era transportada por carretas até Concepción.

<sup>16</sup> Sigla utilizada pelo autor para abreviar Sul de Mato Grosso.

<sup>17</sup> A migração dos gaúchos ocorre em função da Revolução Federalista, ocorrida na década de 1890.

<sup>18</sup> Registra-se que antes do século XX já se praticavam agricultura e pecuária (RAMIREZ, 2002).

O porto de Concepción, no Paraguai, se as análises permitem-nos deduzir, foi escolhido estrategicamente a fim de implantar a elaboração de erva-mate, pelo fato de ser próximo aos ervais de Mato Grosso, bem como pela facilidade de escoamento da produção pelo Rio Paraguai, para o mercado de destino (a região platina) (JESUS, 2004, p. 29).

Exportava-se a erva-mate e importavam-se produtos de primeira necessidade como sal, açúcar, azeite, entre outros. Não existia outra zona de abastecimento mais próxima, Concepción era a alternativa inclusive para a cidade brasileira de Ponta Porã<sup>19</sup>:

*Es que el abastecimiento de las casas comerciales se hacía en Concepción, la segunda ciudad, en importancia, del Paraguay, distante 360 quilometros (sic) de la frontera. Si un comerciante quisiese abastecerse comprando en el Brasil, tenía que ir, en carreta, hasta San Paulo, Río de Janeiro, Porto Alegre. No habiendo caminos para aquel lado (la costa marítima) y considerando que la frontera Brasil-Paraguay quedaba a más de 1.300 km de San Paulo, por ejemplo, esa medida comercial era impracticable. El Paraguay se abastecía de Europa, en donde compraba los productos que los brasileños de la frontera, más necesitaban, comenzando por la famosa sal de CADIS, de gran consumo en las haciendas brasileñas. Si los brasileños se estableciesen con casa de negocio en el Brasil y comprasen “por atacados” en el Paraguay, estarían practicando contrabando (REIS apud ROIG, 1984, p. 72).*

A cidade brasileira de Ponta Porã começa a configurar-se como cidade a partir do trânsito da erva-mate, conforme retrata Goiris (1999):

*Ponta Porã, Brasil, comenzó a formarse frente a lo que se llamaba picada de Chriguelo, lugar donde se depositaba y se almacenaba la yerba mate para ser transportada al puerto de Concepción. Por esta picada transitaban carretas con bueyes, que eran los médios de transporte fundamentales. Es importante destacar que no existían caminos para facilitar el intercambio comercial. El noroeste brasileño, por ejemplo, no tenía penetración en el Mato Grosso, por esta razón los estancieros del interior de este Estado tenían que viajar hasta Concepción, Paraguay, para comprar sal y productos alimenticios em general (AQUINO apud GOIRIS, 1999, p. 178).*

Pedro Juan Caballero que nessa época era conhecido como “Paraje Punta Porã ” configura-se como importante entreposto comercial, e começa a demonstrar sua vocação para o comércio. A cidade era utilizada ao final do século XIX como um lugar de descanso para as

---

<sup>19</sup> Bem como outras cidades de Mato Grosso.

caravanas de carretas que transportavam a erva-mate da Companhia Erva-mate Laranjeira<sup>20</sup>, cujas fazendas localizavam-se onde hoje estão os Departamentos de Concepción e Amambay. Esse núcleo, gradualmente origina a população do que hoje é a cidade de Pedro Juan Caballero.

Há uma polêmica em torno da fundação de Pedro Juan Caballero. Em 1899, um decreto cria “1ª Comisaria em Punta Porã”. Porém, diversos autores consideram a fundação como sendo em 1901 quando Sr. Pablino Ramirez se estabelece no local e cria um pequeno comércio que origina a famosa Paraje Punta Porã. Para Goiris (1999), a fundação de qualquer cidade obedece a um processo de construção social. É um trabalho de ação conjunta de todos os pioneiros. A cidade nasce, então, com um pequeno comércio.

*El producto que ha dado origen a la actividad comercial e industrial del pueblo, es la yerba mate, que en tránsito pasan en inmensas cantidades y encuentra en el primer mercado para su compra y venta. Como el transporte de este fruto, se hace en carretas hasta Concepción o hasta las diversas poblaciones del interior de Mato Grosso, se hizo necesario para asegurar el flete a los conductores la compra de mercaderías con las que las carretas vienen cargadas de vuelta. Y de ahí que cada expeditor de yerba vaya convirtiéndose en comerciante. También aconteció que, los que solo fueron con el fin de dedicarse al comercio, aprovecharon la oportunidad de poder ganar y asegurar a la vez el flete de las tropas de carretas, ya que era un perjuicio mandarlas a Concepción vacías. Por estas razones y por otras debidas a la misma situación del pueblo, nació la intensidad comercial del lugar (OLMEDO, 1927, p. 74).*

Por volta de 1930, inicia-se o declínio da economia ervateira. Tal fato ocorre em função da redução das compras pela Argentina que passa a produzir a erva em Corrientes. Goiris (1999) e Jesus (2004) também consideram a pressão por parte do governo brasileiro:

Desde o início da década, o governo Vargas manifestou preocupação com a situação das fronteiras sul-mato-grossenses, devido à forte presença de estrangeiros (sobretudo paraguaios) e devido ao fato de a Companhia Mate Laranjeira ser considerada também uma empresa estrangeira, vinculada a capitais e interesses argentinos. Depois do golpe do Estado Novo, o contrato de arrendamento da Companhia (que vencia em Dezembro de 1937) não foi renovado pelo governo, que passou, por sua vez, a estimular a produção da erva-mate por meio de cooperativas de produtores (pequenos e médios) independentes da empresa (JESUS, 2004, p. 18).

---

<sup>20</sup> A Companhia realizava o transporte inclusive dos produtores independentes.

Após a queda da erva-mate, a economia pedrojuanina é impulsionada pelo plantio de café que, em 1953, ganha reforço com a instalação da Companhia Americana de Fomento Econômico – CAFÉ. Por volta de 1960, com a decadência da cafeicultura iniciam-se atividades relacionadas à exploração madeireira<sup>21</sup>:

*Específicamente para el Amambay, solamente a mediados del siglo XX, se inicia un significativo proceso de poblamiento. Ello se dá, através de la colonización y expansión de la frontera agrícola, con la instalación de empresas cafetaleras, aserraderos, y el rápido florecimiento de PJC<sup>22</sup> como centro urbano de importante dimensión. En ese período (1950-1970), la región recibe fuertes inversiones para el cultivo a escala del café, aprovechando las condiciones naturales existentes en ese entonces como bosques vírgenes, la calidad del suelo y fundamentalmente, el bajo precio de las tierras. La actividad cafetalera fracasaría posteriormente, por motivos climáticos, debido a las sucesivas heladas que arrasaron con las plantaciones. Al mismo tiempo, los bosques vírgenes eran explotados (irracionalmente para algunos) dando esto origen a una actividad florestal mederera. En el mismo período (1950-1970), las actividades ganaderas y agrícolas eran aún incipientes (RAMIREZ, 2002, p. 236-237)*

Na década de 60, após o auge da exploração de madeira, o comércio ganha força fundamentado na compra de produtos importados. Nota-se conforme citação anterior, que as atividades agrícolas ainda são incipientes no período de 1950 a 1970<sup>23</sup>.

Nesse sentido, a vocação comercial de Pedro Juan Caballero iniciada com o transporte da erva-mate, começa a se consolidar. Inicia-se também maior povoamento<sup>24</sup> do Departamento de Amambay e conseqüentemente da cidade em questão.

Acredita-se que o fato de agricultura e pecuária serem incipientes e em pouca escala, não podendo sustentar a economia, somado à promulgação do Decreto-Lei 25.937 que previa uma liberação aduaneira sobre mercadorias de procedência brasileira (produtos não pagavam impostos), são fatores decisivos para que o comércio redescobrisse sua força – afinal desde 1897 já se faz presente na cidade paraguaia.

<sup>21</sup> As fases econômicas relacionadas ao plantio de café e à exploração madeireira não serão detalhadas porque não constituem objeto deste trabalho e não são decisivas para esta pesquisa como é a evolução do comércio na referida cidade.

<sup>22</sup> Sigla utilizada pelo autor para Pedro Juan Caballero.

<sup>23</sup> Segundo Ramirez (2002, p. 237), observa-se progressivo aumento das atividades agrícolas e da pecuária na década de 70 “*En el caso de la agricultura, luego del fracaso del café, se introducen otros cultivos de renta similares a la región del este del país: soja y maíz, y luego trigo*”.

<sup>24</sup> Apenas para ilustrar o crescimento da cidade, em 1950 o Departamento de Amambay possuía 18.160 habitantes. Em 1962, 34.505 habitantes. A população concentrou-se no distrito de Pedro Juan Caballero que já em 1972 representava 75,7 % do total departamental (ROIG, 1984). Essa elevada taxa de crescimento demográfico é fruto do grande fluxo migratório ocorrido na década de 70.

A formação desse importante centro comercial será tratada no capítulo 4, já que é a partir disso que Pedro Juan Caballero se torna um território turístico.

## CAPÍTULO 2

### FRONTEIRA: CONCEITO, LÓGICAS E CONEXÕES

Neste capítulo conceitua-se o termo fronteira que tradicionalmente nos remete a limite entre países. Tal fato pode ser respaldado no tratamento tímido dado a esse termo mesmo na Europa e nos Estados Unidos, quando comparado a outros estudos do conhecimento humano (PAIXÃO, 2006).

Apesar de serem definidas por leis, constituições, são áreas de possibilidades permeadas por contatos cotidianos (amizades, trabalho, serviços, trocas). É justamente essa permeabilidade, em contraste com o limite físico existente, que instiga e fascina pesquisas acadêmicas.

Neste trabalho, a fronteira será considerada do ponto de vista dos processos interativos característicos dessa área, e os conflitos próprios desses espaços (FARRET, 1997).

#### **2.1 Aspectos legais e especificidades das cidades gêmeas de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã**

O Brasil possui uma área superior a 8.500.000 km<sup>2</sup> e limita-se por terra com nove países da América do Sul: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname e com o departamento ultramarino francês da Guiana (CHIAPPINI, 2005).

A faixa de fronteira<sup>25</sup> brasileira representa 27% do território nacional. Possui 15.719 km e abrange 11 estados e 588 municípios (GADELHA; COSTA, 2005). Foi estabelecida pela Lei nº 6.634, de 2/05/1979<sup>26</sup> (MACHADO et al., 2005). Na realidade, “[...] o limite jurídico do território é uma abstração gerada e sustentada pela ação institucional no sentido de

---

<sup>25</sup> A faixa de fronteira é uma expressão de jure, associada aos limites do território e ao poder do Estado (MACHADO et al., 2005). Faz-se necessário também definir outro conceito distinto de faixa de fronteira: zona de fronteira. “[...] o conceito de zona de fronteira aponta para um espaço de interação, uma paisagem específica, um espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional e por fluxos e interações transfronteiriças cujas territorialidades mais evoluída é a das cidades-gêmeas. Produto de processos e interações econômicas, culturais e políticas, tanto espontâneas como promovidas, a zona de fronteira é o espaço-teste de políticas públicas de integração e cooperação, espaço-exemplo das diferenças de expectativas e transações do local e do internacional, e espaço-limite do desejo de homogeneizar a geografia dos Estados Nacionais ((MACHADO et al., 2005, p. 95).

<sup>26</sup> Segundo Brasil (2005a, p. 9), “A largura da Faixa foi sendo modificada desde o Segundo Império (60 km) por sucessivas Constituições Federais (1934; 1937; 1946) até a atual, que ratificou sua largura em 150 km”.

controle efetivo do Estado territorial, portanto, um instrumento de separação entre unidades políticas soberanas, a fronteira é lugar de comunicação e troca” (MACHADO, 2006, p. 1).

Além do Brasil, apenas cinco países na América do Sul reconhecem a faixa ou zona de fronteira como uma unidade espacial distinta e sujeita à legislação específica (STEIMAN, 2002). Alguns não possuem a faixa de fronteira, outros não especificam sua largura – aqueles que o fazem diferem entre 50 km ou 150 km, como no caso do Brasil:

A criação de uma faixa de fronteira, estabelecida atualmente em 150 km de largura paralela à linha divisória terrestre do território nacional, foi motivada por esta ser uma área estratégica para a segurança nacional, resultante de uma política que deu ênfase à concepção de fronteira como sendo peça fundamental para a defesa nacional, com características de imposição de barreiras às ameaças externas e estabelecimento de limites nas relações com os países vizinhos (GADELHA; COSTA, 2005, p. 31).

O Paraguai não possui faixa de fronteira, e é a Constituição de 1992 o instrumento legal dessa determinação (STEIMAN, 2002).

Ao longo desses 15.716km da fronteira do Brasil, é no Mato Grosso do Sul (fronteira com o Paraguai) e, principalmente no Rio Grande do Sul (fronteira com Argentina e Uruguai) que se concentra o maior número de cidades gêmeas, sendo Foz do Iguaçu e Ciudad del Este consideradas as maiores. No estado de Mato Grosso do Sul,

[...]a linha divisória tem uma extensão de 1.517 km; destes 386 km de fronteira – com a Bolívia, e 1.131 km – com o Paraguai. São 12 municípios situados na *linha* de fronteira, sendo que, entre eles, alguns na condição de conurbação. Se contarmos a faixa (150 km da linha), o território abrangido corresponde a aproximadamente 48% da área do Estado, com 39 municípios, 895.680 habitantes e uma densidade demográfica de 5,23hab/km<sup>2</sup>, ou seja, uma região pouco povoada (OLIVEIRA, 2005, p. 391).

Considerando uma escala local/regional, as cidades gêmeas são o meio geográfico que melhor caracteriza a zona de fronteira:

Estes adensamentos populacionais cortados pela linha de fronteira – esta seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infra-estrutura –apresentam grande potencial de integração econômica e cultural assim como manifestações ‘condensadas’ dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania (BRASIL, 2005a, p. 152).

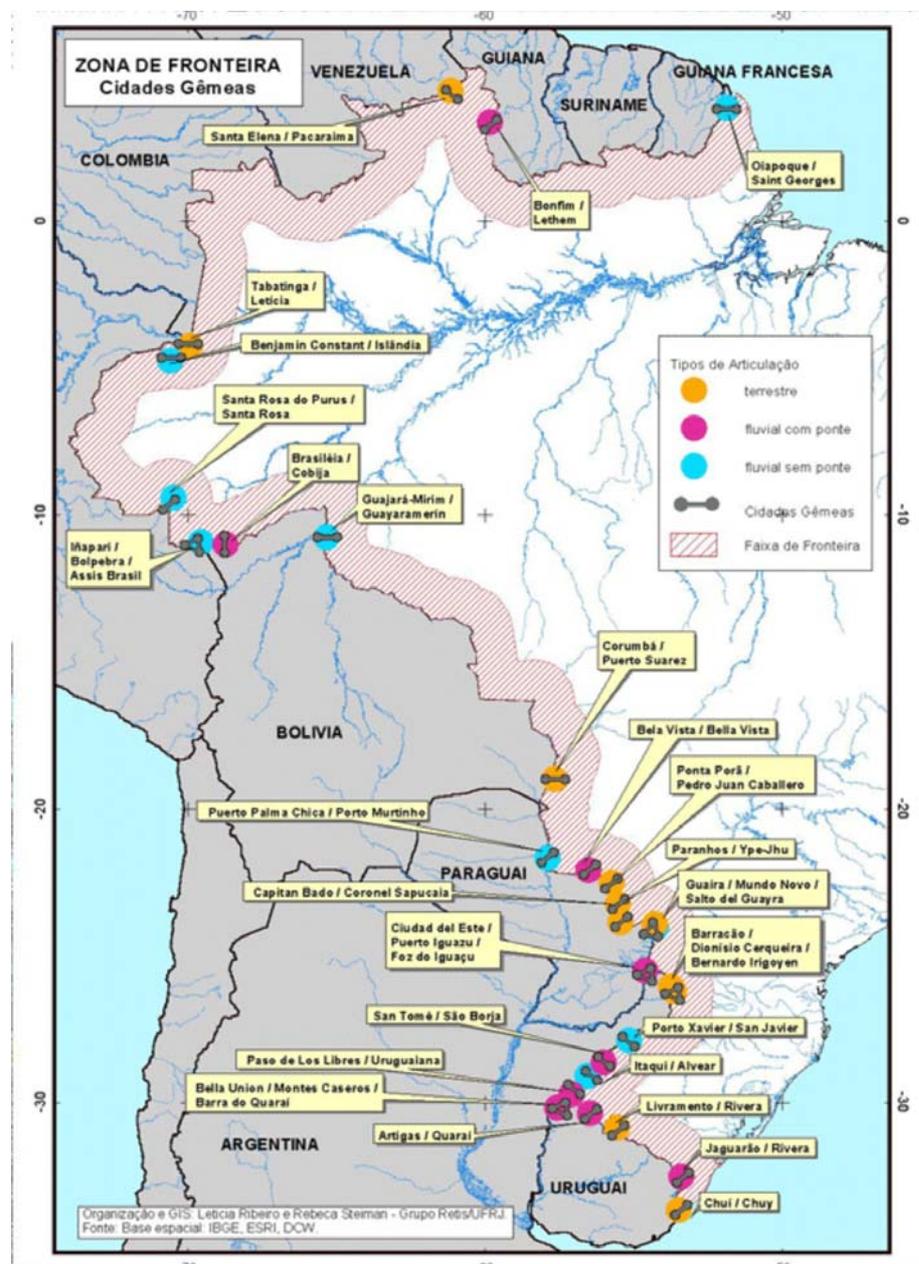


Figura 05: Cidades gêmeas ao longo fronteira internacional brasileira, 2006.  
 Fonte: Grupo Retis, Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
 Disponível em: <<http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras>>. Acesso em 23 jul. 2006.

Segundo Chiappini (2005), as cidades gêmeas possuem configuração espacial específica que geram intensas interações e implicam distintos fluxos de pessoas, mercadorias, serviços, informações legais ou ilegais. E é na linha de fronteira que as especificidades dessas

relações afloram. Afinal “[...] fronteira supõe também a recuperação de seu significado como zona de contato, portanto, de permeabilidade e intercâmbios” (MESQUITA, 1994, p. 70).

Segundo Brasil (2005a, p.155), “No âmbito local-regional, os fluxos transfronteira entre cidades gêmeas apresentam elementos comuns, porém comportamentos diferenciados, dependendo das características de cada cidade e do segmento de fronteira envolvido”. Fatores como trabalho, fluxo de capital, terra, outros recursos naturais e serviços de consumo coletivo são os principais elementos comuns as essas cidades. Tais elementos, definirão os fluxos das interações transfronteiriças bem como outras peculiaridades.

Há também aí flutuações monetárias que influem no turismo e no comércio. Os fluxos derivados da relação complementar entre unidades geográficas, capacidades e produções distintas, de um lado, e as flutuações monetárias que movem o turismo no local, de outro, assim como o comércio e o movimento das cargas, operam com maior visibilidade nas chamadas “fronteiras secas [...]” (CHIAPPINI, 2005, p. 448)

Nas cidades gêmeas de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã os processos de integração bem como os conflitos materializam-se na linha internacional já que é onde ocorrem as “[...] mais variadas práticas sociais e comerciais, inclusive de atividades que a torna associada ao comércio de drogas e prostituição; ou seja, a atual forma de uso e ocupação desse traçado tem também natureza ilegal e irregular” (LAMBERTI, 2006, p. 1). E é também onde se concentra fluxo de turismo de compras.

Na realidade, trataremos do turismo nessa área de fronteira seca, mas não o analisando sob o viés economicista, mas sim procurando saber de que maneira esse fluxo interfere na configuração física do território de Pedro Juan Caballero e na dinâmica da vida local.

## **2.2 Fronteira além do aspecto físico: fato sociocultural**

Historicamente, a preocupação em se delimitar fronteiras era física e militar (SILVA, 2003). O significado das fronteiras vai mudando ao longo da história, conforme a complexidade dos fundamentos sociais e culturais que regem as concepções políticas. Steiman e Machado (2002, p.3) ilustram os casos chineses e romanos:

[...] a fronteira teve o sentido de limite de civilização. Mas se no caso chinês, pelo menos ao norte do Império, ocorreram inúmeras tentativas de cristalizar a fronteira através da construção de rígidas muralhas, no caso romano, estabelecer fronteiras fixas significava limitar a expansão de seus domínios, o que não lhes interessava, donde o longo período que levaram para definir seu sistema de fronteiras. A rigidez perseguida pelos chineses, na interpretação de Lattimore, expressava um desejo de exclusão de povos que eles consideravam bárbaros e não desejavam absorver. Transpor a fronteira não implicava apenas dominar esses povos bárbaros mas dominar o espaço das estepes e da atividade pastoril, uma estrutura considerada, sob todos os aspectos, inferior à chinesa.

No período moderno, as fronteiras são os limites dos Estados-Nação, de modo que as modificações e transformações que nela acontecem decorrem do processo histórico de cada sociedade, e de como se procedem as relações de vizinhança - relações de amizade, integração, indiferença e hostilidade (MARTIN, 1992). Nas palavras de Steiman e Machado (2002, p. 4):

Há um consenso na literatura de que é com o advento do Estado Moderno que a fronteira linear, precisamente delimitada e demarcada, vai se tornar imprescindível, já que para se impor o Estado precisou, inicialmente, lançar as bases de sua soberania territorial. Essa visão, no entanto, parte já da concepção moderna de fronteira como limite dos estados nacionais. A relação entre limite e soberania territorial não foi imediata, pois no mundo feudal (europeu) os argumentos que embasavam o poder dos reis sobre o reino eram de tipo feudal e não nacional .

A lógica da preservação desprezava singularidades (OLIVEIRA, 2005) e estava associada a questões de segurança nacional no sentido de controle e vínculo.

Foi a Constituinte brasileira de 1933 que focalizou, como tema genuinamente nacional e político, os assuntos ligados à situação de nossas fronteiras internacionais. É verdade que, neste sentido, não se pode atribuir desídia aos que governaram o País em qualquer momento, pois aos estadistas nacionais sempre preocupou o objetivo de definir os limites físicos dos pontos de contatos da nossa civilização com o das nações vizinhas (SILVA, 2003, p.17).

Por muito tempo, as fronteiras foram tratadas apenas enquanto processo geopolítico (MELO, 1997),

condicionada, entre outras, pela representação cartográfica, a representação da fronteira é carimbada pelo selo de um esquematismo, capaz de permitir a perda das noções mais aderentes à nossa cultura e no lado mais essencial de seu profundo significado. Os próprios geógrafos revelaram este esquematismo, ao qualificar as fronteiras de “linhas coloridas ou pontilhadas (RAFFESTIN, 2005, p. 12).

Desconsiderava-se o processo de construções históricas bem como o fato de serem espaços permeáveis. Essa “permeabilidade” depende da função da fronteira em questão bem como da similaridade sociocultural de cada lado (DONNAN; WILSON, 1999 apud TIMOTHY; TOSUN, 2003).

Nesse sentido, estimulou-se a coincidência entre limite e fronteira, que são tratados como sinônimos pelo senso comum, apesar de serem conceitos diversos:

Enquanto o limite jurídico do território é uma abstração, gerada e sustentada pela ação institucional no sentido de controle efetivo do Estado territorial, portanto, um instrumento de separação entre unidades políticas soberanas, a fronteira é um lugar de comunicação e troca (MACHADO, 2006, p. 1).

Em outra obra, a autora demonstra o porquê de ser local de comunicação, troca e integração:

[...] o limite não está ligado a presença de gente, sendo uma abstração, generalizada na lei nacional, sujeita às leis internacionais, mas distante, frequentemente, dos desejos e aspirações dos habitantes da fronteira. Por isso mesmo, a fronteira é objeto permanente dos estados no sentido de controle e vinculação. Por outro lado, enquanto a fronteira pode ser um fator de integração, na medida que for uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sociais, políticas e culturais distintas, o limite é um fator de separação, pois separa unidades políticas soberanas e permanece como um obstáculo fixo, não importando a presença de certos fatores comuns, físico-geográficos ou culturais (MACHADO, 1998, p 42).

A definição de Arroyo (1997, p. 28) nos permite visualizar a concepção legal mas também cotidiana de uma fronteira:

Elas são definidas a partir de uma escala internacional, já que são a fração de uma totalidade, o Estado territorial, cujo processo de formação e legitimação é basicamente de natureza jurídico-política. Elas são, então, um subespaço nacional, podendo estar relativamente integrado ou relativamente isolado, à dinâmica do seu país. Por sua vez, elas são parte de uma área não homogênea, mas sim, contígua, atravessada por uma divisão jurídico-política que a separa de outra e, em consequência, a transforma em zona de contato. Contato este entre a vida cotidiana das populações “de cada lado”, contato que faz parte das reações de vizinhança entre essas populações. Amizade, integração, indiferença, hostilidades vividas ou sofridas, acima de tudo pelos homens e mulheres que habitam essas áreas fronteiriças, mas que, na maioria das vezes, são promovidas pelos rumos que adotam as dinâmicas e as políticas nacionais dos respectivos países. Tendo como pano de fundo essa dupla dimensão das áreas de fronteira – por um lado, um território dentro do Estado-nação, cujo referente principal é o poder central, e por outro, um espaço de vida cotidiana, bem ou mal compartilhado, cujo referente é o vizinho mais próximo.

Para Abinzano (2005), as fronteiras são espaços humanizados constituídos por duas sociedades que habitam ambos os lados de uma linha de fronteira. A maneira com que as pessoas interagem marca os limites sócio-antropológicos desses locais.

*Porque las sociedades de frontera poseen una especificidad innegable. Son los agentes sociales quienes construyen su escenario de interacciones dentro de los límites fijados objetivamente por sus especializaciones productivas y laborales y por muchos otros factores que combina determinaciones locales, regionales más amplias, nacionales e incluso internacionales de gran escala (ABINZANO, 2005, p. 115).*

Atualmente, em função das novas configurações políticas e econômicas globais, as fronteiras são vistas como pontos estratégicos, para fortalecimento e integração dos países<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> A esse respeito, há uma preocupação por parte do Ministério da Integração Nacional “[...] o desenvolvimento da faixa de fronteira configura-se como importante diretriz da política nacional e internacional brasileira, conforme preconiza a Política de Desenvolvimento Regional – PNDR, prioridade traduzida no PPA 2004/2007, que passa a definir um norte político para seu desenvolvimento, traduzido em política pública com a reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDFF, da Secretaria de Programas Regionais do Ministério da Integração Nacional” (GADELHA; COSTA, 2005, p. 26). O Ministério da Integração contratou trabalho coordenado por Dra. Lia Osório Machado para planejar e reformular o PDFF. A pesquisadora e seu grupo sugeriram uma sub-regionalização baseada em afinidades sociais, culturais, históricas, étnicas e potencialidade e dinamismo econômico para otimizar iniciativas conjuntas (GADELHA; COSTA, 2005). A faixa de fronteira foi dividida em 17 sub-regiões agrupadas em três grandes arcos (Norte, Central e Sul). Ponta Porã está no arco central que abrange a faixa de fronteira dos estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Segundo Gadelha e Costa (2005), vários ministérios até então não possuíam uma política direcionada para a faixa de fronteira. A partir desse novo olhar, há ações conjuntas do Ministério do Turismo e das Cidades no que se refere ao desenvolvimento de planos diretores integrados a ações de turismo e ainda recursos do Ministério do Turismo em programas como o Frontur “...voltado para a discussão do desenvolvimento do setor turístico nas fronteiras, elaborando de forma participativa o diagnóstico dos principais empecilhos e sugerindo iniciativas para equacioná-los” (GADELHA; COSTA, 2005, p. 36).

Define-se um novo contexto para essas áreas como, “[...] espaços tradicionalmente mais sensíveis às transformações econômicas e políticas de seus respectivos territórios”. (CASTELLO et al., 1997, p. 7).

Para Raffestin (2005, p. 11), a fronteira é um fato social e não apenas um fato geográfico. “Espaço-temporal, a fronteira é também bio-social: ela delimita um “para cá” e outro “para lá”, um “antes” e um “depois”, com um limite marcado e uma área de segurança”.

Neste trabalho entende-se a fronteira no sentido sociocultural (RAFFESTIN, 2005).

A fronteira distingue os territórios estatais, mas não os torna estanques, na medida em que fluxos de pessoas, objetos e informação cruzam constantemente o limite. Na fronteira criam-se possibilidades de atividades econômicas, atraindo população, inclusive de origens diferentes daquelas das nações em contato, a descontinuidade e justaposição das normas nacionais sendo a origem dessas possibilidades” (DORFMAN; ROSÉS, 2005, p. 196-197).

Ou seja, consideram-se todas as relações envolvidas entre as pessoas daquela fronteira e principalmente a vida e o comportamento daqueles fronteiriços. Tais especificidades (relações sociais, culturais e o turismo) serão tratadas nos capítulos que se seguem.

### **2.3 As lógicas estruturais e conjunturais: formalidades, complementaridades e legalidade**

As áreas fronteiriças possuem lógicas próprias em sua organização, mesmo se suas economias e formas de povoamento sejam dominadas por decisões e acontecimentos externos (PÉBAYLE, 1994). Prevaecem dois tipos de fluxos econômicos: um de ordem estrutural e outro de ordem conjuntural “É nas cidades gêmeas que a operação conjunta destas duas lógicas assume maior grau de visibilidade, principalmente naquelas situadas em ‘fronteiras secas’ (onde não há interposição de uma descontinuidade física[...])” (LAURELLI apud RIBEIRO, 2002, p. 20).

O primeiro é praticamente permanente. Já o segundo oscila conforme flutuações cambiais e variações dos mercados. Pébayle (1994 apud RIBEIRO, 2002, p. 20) exemplifica:

[...] em termos de fluxos econômicos as interações espaciais na zona de fronteira brasileira-platina derivam de duas ordens privilegiadas, ambas operantes em múltiplas escalas. Em primeiro lugar intervém uma lógica estrutural na qual o grau de complementaridade entre unidades geográficas com aptidões e produções diferentes, anima os diversos fluxos de pessoas, bens, serviços e informações, tanto visíveis (legais) como invisíveis (contrabando<sup>28</sup>). De outro lado incide uma ordem conjuntural, representada por flutuações monetárias (câmbios), que engendram movimentos turísticos excepcionalmente grandes, e pela variação dos preços de produtos, principalmente agrícolas, que engendram uma oscilação na direção do movimento de cargas. Em resumo, os fluxos transfronteira são, em princípio oscilatórios, acompanhando o comportamento do gradiente financeiro e do gradiente comercial.

A ordem conjuntural, possui grande influência no comportamento da cidade de Pedro Juan Caballero. A política cambial externa favorável ao Brasil (valorização do real e conseqüente desvalorização do dólar) é decisiva no aumento das vendas de produtos importados.

Dessa dinâmica, decorrem algumas tipologias que são definidas conforme as suas características geográficas, tratamento que recebem dos órgãos de Estado e a maneira como estabelecem relações com os povos vizinhos. O Ministério da Integração (BRASIL, 2005a) define cinco modelos<sup>29</sup>, que fundamentam a tipologia de interações: margem, zona tampão, frentes, capilar<sup>30</sup> e sinapse. A fronteira objeto deste estudo é classificada como sendo de sinapse conjuntural<sup>31</sup>:

<sup>28</sup> Segundo Penner (2006, p. 9), “[...] *el contrabando es una práctica bastante común en cualquier ciudad fronteriza del mundo, en el Paraguay las magnitudes alcanzadas con relación al comercio registrado han sido muy elevadas*”.

<sup>29</sup> O Ministério da Integração utilizou modelos propostos por Arnaud Cuisiner-Raynal (2001 apud BRASIL, 2005a) adaptando-os ao caso brasileiro. Há situações de superposições de tipos de interações, mas distingue-se a mais dominante.

<sup>30</sup> O modelo margem é caracterizado pelo pouco contato entre a população fronteiriça. O relacionamento é mais forte com o nacional de cada país do que entre si. Já o modelo zona-tampão “[...] pode ser aplicado às zonas estratégicas onde o Estado central restringe ou interdita o acesso à faixa e à zona de fronteira, criando parques naturais nacionais, áreas protegidas ou áreas de reserva, como é o caso das terras indígenas” (BRASIL, 2005a, p. 145). O termo “frente” “[...] é usualmente empregado para frentes pioneiras, nome proposto faz mais de cinquenta anos para caracterizar frentes de povoamento. No caso das interações fronteiriças, o modelo “frente” também designa outros tipos de dinâmicas espaciais, como a frente cultural (afinidades seletivas), frente indígena ou frente militar” (BRASIL, 2005a, p. 146). Com relação ao modelo capilar, “As interações podem se dar somente no nível local, como no caso das feiras, exemplo concreto de interação e integração fronteiriça espontânea. Pode se dar através de trocas difusas entre vizinhos fronteiriços com limitadas redes de comunicação, ou resultam de zonas de integração espontânea, o Estado intervindo pouco, principalmente não patrocinando a construção de infra-estrutura de articulação transfronteiriça. A primazia é o local, antes de ser nacional ou bilateral como no modelo sináptico descrito mais a frente. O cenário capilar e geralmente superposto pelo modelo sináptico, principalmente nas passagens fronteiriças mais importantes, seja por serem mais freqüentadas ou mais estratégicas” (BRASIL, 2005a, p. 146).

<sup>31</sup> Pedro Juan Caballero também se enquadra no modelo capilar, mas o tipo de interação dominante é a sinapse.

O modelo da sinapse, termo importado da biologia, se refere à presença de alto grau de troca entre as populações fronteiriças. Esse tipo de interação é ativamente apoiado pelos Estados contíguos, que geralmente constroem em certos lugares de comunicação e trânsito infra-estrutura especializada e operacional de suporte, mecanismos de apoio ao intercâmbio e regulamentação de dinâmicas, principalmente mercantis. No caso da sinapse, os fluxos comerciais internacionais se justapõem aos locais (BRASIL, 2005a, p. 147).

Desse modo, a fronteira é entendida como sinapse conjuntural que, conforme descrito anteriormente, é influenciada pela ordem conjuntural.

Nessa mesma linha de raciocínio, o pesquisador Oliveira (2005) considera a fronteira em questão como uma “Fronteira Viva”<sup>32</sup>. Seu estudo caracteriza as regiões de fronteira com base na lógica da integração funcional e na lógica da integração formal. Oliveira (2005) define ainda outras três tipologias para as Relações Fronteiriças: fronteira morta, território perigoso e fronteira burocrática.

A integração funcional deriva das forças de mercado, das articulações dos atores sociais como o comércio, o serviço, que consolidam a complementaridade cotidiana “[...] a natureza da integração funcional não pode ser confundida como ilegal, ilícita ou substancialmente contraventora” (OLIVEIRA, 2005, p. 383). Já a integração formal se enquadra com a legalidade: acordos bilaterais, importações e exportações aduaneiras, entre outros. O autor ressalta que uma relação funcional excessiva distante de ações formais pode ameaçar a salubridade das conquistas e vínculos de integração existentes, mas o contrário (excesso de relação formal) também é problemático.

As Fronteiras Vivas<sup>33</sup> possuem alta integração formal e alta integração funcional. A fronteira morta caracteriza-se por baixa integração formal e baixa integração funcional; o território perigoso por baixa integração formal e alta integração funcional e já a fronteira burocrática, pela alta integração formal com baixa integração funcional.

Na fronteira viva de Pedro Juan Caballero, a condição de fronteira seca possibilita que o ir e vir seja constante e há uma espécie de permanente convite a se transpor o limite estabelecido. Limite este imaginário, já que há um alto grau de penetração de fatores do ponto de vista social.

---

<sup>32</sup> “Esta situação aproxima-se – não *in totum* – do modelo de sinapse proposto pelo Ministério da Integração Nacional (2005)” (OLIVEIRA, 2005, p. 388).

<sup>33</sup> O autor deixa claro que estas tipologias não são permanentes; elas demonstram a realidade da fronteira em questão. Ou seja, dependendo das condições econômicas, políticas e sociais, determinada fronteira ora classificada como viva, poderá ser classificada como morta.

Entre as duas cidades não existem barreiras que dificultem ou impeçam a comunicação entre seus habitantes. Por isso mesmo, é natural que se formem laços familiares, de amizade, comerciais, de trabalho e outros. Daí a região se apresentar como um campo de pesquisa interessante, privilegiado e instigante em razão do contato cotidiano que se estabelecem entre habitantes de ambos os países (FEDATTO, 2005, p. 493).

São trocas, circulação de fluxos, bens, pessoas e facilidades, frutos das diferenças de normas entre sistemas territoriais (BRASIL, 2005a). Para Lamberti (2006, p. 65);

Além das mercadorias e das pessoas, a força de trabalho apresenta uma fluidez bastante peculiar. O emprego de trabalhadores brasileiros do lado do Paraguai e o emprego de paraguaios do lado do Brasil expressam a flexibilização (tanto em termos de terceirização como da informalidade) do trabalho[...]

A alta integração formal convive com certa permissividade que pode ser expressa nas compras, tanto por moradores como por turistas,<sup>34</sup> que ultrapassam a cota de US\$ 300 dólares previamente estabelecida. A alta integração funcional se expressa no comércio informal instalado ao longo da Avenida Internacional que, apesar da ilegalidade está inserido na dinâmica da cidade. Também é constatada pelo receio dos comerciantes em prestar informações e a dificuldade em obter dados exatos. A respeito dessa lógica, Oliveira (2000 apud PAIXÃO, 2006, p. 111) coloca:

A lógica espacial de atuação do capital está sustentada em diversas modalidades de circulação de natureza nem sempre formal, ou melhor dizendo quase sempre informal, ajustadas nas múltiplas formas de manipulação de todas as estruturas sociais e políticas do local. Na fronteira, há uma heterogeneidade de fluxos que desrespeita e desafia os limites legais, situada na organização de parentesco e de sobrevivência, fazendo dos limites do 'Estado Moderno' barreiras invisíveis.

É na complementaridade cotidiana permeada por todas essas trocas e lógicas formais e informais, que o comércio mantém tal vivacidade e que Pedro Juan Caballero se caracteriza como 'Fronteira Viva'. Outras características que comprovam tal tipologia são descritas no capítulo 5, que trata das territorialidades decorrentes do turismo de compra. Atividade esta que será analisada no próximo capítulo.

---

<sup>34</sup> Aspecto verificado durante pesquisa de campo.

## CAPÍTULO 3

### VIAGENS, TURISMO, FRONTEIRA

#### 3.1 Antecedentes das viagens e do turismo

Viajar é algo intrínseco à natureza humana. Segundo Andrade (2001), o homem aprende a viajar para saciar sua curiosidade a respeito de algo novo, além do horizonte conhecido. Seja pelo espírito aventureiro de realizar descobertas, seja por conquistas. As viagens acompanham a história do homem desde a antiguidade. Viajava-se por motivos comerciais ou religiosos.

A viagem antecede o turismo, que é um fenômeno moderno. É fruto de um desejo pessoal motivado por status, pela fuga do cotidiano - resultado do desgaste da vida moderna -, por saúde ou mesmo porque a própria viagem é manifestação do direito à liberdade (ORTIZ, 1995). A respeito das viagens turísticas o autor ainda coloca “As viagens (sobretudo as de natureza turística) são o equivalente aos feriados, um momento de lazer, em princípio se assemelham a outros tipos de atividades (ir ao cinema, descansar, assistir televisão)” (ORTIZ, 1995, p. 16).

Segundo Moretti (2001, p. 41),

O turismo, como atividade econômica, assume no atual período histórico importância ímpar na economia global. Não é uma atividade nova ou que surge neste final de século. Mas é após a década de 1970, com o avanço da tecnologia da informação, de comunicações e de transportes que esta atividade atinge praticamente todos os lugares do mundo e tem significativa importância no comércio internacional.

O turismo surge do movimento de pessoas e sua permanência temporária em localidade fora dos lugares normais de residência. Enquanto atividade econômica, o turismo se expande primeiramente na década de 1840, quando Thomas Cook – grande precursor na história do turismo e considerado o “pai” do turismo contemporâneo e organizado - faz uma viagem sem fins lucrativos entre *Loughborough* e *Leicester*, na Inglaterra. O objetivo era participar de um Congresso Antialcoólico. Tal fato é impulsionado pelo advento das ferrovias que torna possível deslocar-se para distâncias maiores em menor tempo.

Porém, é na década de 1950 – após a Segunda Guerra Mundial – com a revolução nos transportes e na comunicação, o aumento da segurança, o surgimento de novas relações de trabalho motivado pelas conquistas sociais dos trabalhadores que passaram a trabalhar menos horas, a receber férias remuneradas e começaram a ter tempo livre para o lazer e o turismo que a atividade começa a ganhar certo destaque. O crescimento progressivo das relações comerciais entre os diferentes mercados mundiais fez com que os deslocamentos acontecessem por outros motivos além do lazer.

Os grandes movimentos turísticos no século passado surgiram na medida em que o capitalismo se desenvolveu até atingir o nível industrial, especialmente nos países da Europa Ocidental e na América do Norte. Várias conseqüências dessa segunda fase do capitalismo (a primeira foi o capitalismo comercial ou mercantil) marcaram o século XIX e ajudaram a fortalecer o turismo. As principais foram as pesquisas tecnológicas, que possibilitaram a construção de motores a vapor para equipar navios, locomotivas e máquinas de produção industrial, e os novos recursos da engenharia e arquitetura que revolucionaram a construção civil (TRIGO, 2003, p. 15).

Em função do caráter multidisciplinar do turismo, encontra-se certa dificuldade em precisar sua conceituação, devido à complexidade de aspectos nas áreas econômica, social, geográfica, jurídica, cultural, política que o termo abrange. Conforme Banducci Júnior (2001a, p. 22-23):

O turismo, na verdade, tem-se demonstrado um fenômeno mais complexo do que querem fazer parecer os estudos mais apressados. Tendo em vista a quantidade de pessoas envolvidas, o número de países que têm essa atividade como fonte significativa de divisas de sua economia, e os inúmeros tipos de comunidades afetadas, o turismo não é um fenômeno fácil de ser apreendido em suas múltiplas manifestações. Os teóricos do turismo, particularmente aqueles que o analisam do ponto de vista das ciências sociais, concordam em um aspecto: o turismo é um fenômeno extremamente complexo, mutável, que opera de múltiplas formas e nas mais diversas circunstâncias, sendo difícil apreendê-lo, em sua totalidade, por meio de uma única perspectiva teórica ou mesmo de uma única ciência.

Segundo Moretti (2001), as diversas propostas de conceituação do turismo, transformam-se conforme a atividade atinge maior grau de complexidade.

A atividade pode ser conceituada sob duas perspectivas: a do mercado e a da academia. Utilizamos a definição da Organização Mundial de Turismo (2001) para definir a primeira perspectiva. Para a Organização, o turismo compreende as atividades que realizam as

pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios e outros. Acredita-se que essa definição é muito geral e por ser direcionada a fins estatísticos não contempla as especificidades e as práticas decorrentes do turismo.

Sob a perspectiva acadêmica, em função dessa complexidade, os trabalhos que se propunham a pesquisar o fenômeno, ou abordavam a atividade segundo um rótulo depreciativo ou como solução dos problemas. Jafari (1990 apud BANDUCCI JÚNIOR, 2001a), identifica quatro plataformas<sup>35</sup> sobre a abordagem do tema após 2ª Guerra: a primeira, de defesa (trabalhos que ressaltam o caráter positivo); a segunda, de advertência (postura extremamente crítica); a terceira, de adaptação (formas alternativas de turismo podem causar menos impacto que o turismo de massa) e, por último, a do conhecimento.

O turismo deixa de ser considerado o único agente de mudança da cultura local (BANDUCCI JÚNIOR, 2001b), afinal, há outros fatores que também interferem nesse processo. Atualmente, é a postura do conhecimento que norteia grande parte dos trabalhos. Trabalhos estes, que investigam a complexidade do turismo e não apenas seus aspectos positivos ou negativos. Consideram as comunidades e os locais onde a atividade acontece, o que diz o turista de suas experiências, o que o leva a escolher determinados lugares e de que modo suas atitudes e idéias mudam em função dessa experiência.

Segundo Rejowski e Solha (2002, p. 117-118), Jafari anuncia a evolução do pensamento turístico para uma quinta plataforma<sup>36</sup>:

[...] a abordagem do turismo como um bem público. Esta se iniciou a partir dos ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos, que provocaram o seu reconhecimento por importantes entidades internacionais, como a Unesco – Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura. Para aquele estudioso, o turismo se tornou um bem público, quando políticos e governantes, como o presidente dos Estados Unidos e o prefeito de Nova York, vieram a público promover o turismo, procurando reverter os seus impactos negativos na economia em geral e na qualidade de vida dos residentes.”

Em outra obra, Rejowski e Barretto (2001, p. 12), tecem comentários a respeito das “fronteiras” do fenômeno turístico com outros fenômenos sociais:

<sup>35</sup> Banducci Júnior (2001a) deixa claro que o esquema de Jafari é genérico e foi utilizado como parâmetro e não comporta plenamente o caso brasileiro.

<sup>36</sup> Segundo Rejowski e Solha (2002), o anúncio aconteceu durante palestra proferida pelo autor em 2004 no VI Congresso Internacional de Turismo da Rede Mercocidades.

O estudo do turismo permite verificar que suas fronteiras com outros fenômenos sociais empiricamente observáveis são muito difusas, e que igualmente o são as fronteiras disciplinares para seu estudo. Também são múltiplas as ciências sociais aplicadas que concorrem para que o fenômeno turístico aconteça, havendo fronteiras compartilhadas com uma série de outras atividades do homem em sociedade.

No âmbito da Geografia, os estudos são intensificados a partir da década de 60 em função da prosperidade econômica do período pós-guerra nos países centrais do capitalismo (RODRIGUES, 2001). Analisavam a especificidade da relação turismo-território, ou seja a produção e o consumo de territórios pelo turismo:

Uma dessas especificidades diz respeito ao fato de o principal objeto de consumo do turismo ser o espaço, entendido como o conjunto indissociável de objetos e de ações, de fixos e de fluxos. Nenhuma outra atividade consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo e esse é um fator importante da diferenciação entre turismo e outras atividades produtivas. É pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que se gestam os territórios turísticos.

O turismo concorre no processo de transformação dos territórios para seu uso, com outros usos do território, bem como formações socioespaciais precedente a seu aparecimento (CRUZ, 2000, p. 17).

O fenômeno turístico, nesta pesquisa, é entendido segundo Grünewald (2003, p. 141-142):

Turismo indica o movimento de pessoas que estão a trabalho em contextos diferentes do de origem, seja este o lar, a cidade ou o país. Trata-se, geralmente, de visitação a lugares onde poderão ser desempenhadas as mais variadas formas de atividades práticas e/ou subjetivas desde que não a trabalho. A amplitude do termo parece caber desde ao olhar visitante a um monumento na própria cidade de origem até ao passeio em lugares totalmente desconhecidos de outros países. Se algumas definições de turismo destacam a prática ou a estrutura do fenômeno, acho que ambas as esferas – considerando suas dimensões simbólicas, subjetivas e até fenomenológicas – devem caracterizar o fenômeno na medida em que as pessoas muitas vezes se sentem, ou não em turismo.

Neste trabalho, entende-se o caráter mercadológico do turismo (negócios), mas acredita-se que ele é um fenômeno complexo por envolver diversas pessoas, com diferentes interesses (exceto trabalho), por determinado tempo e que se deslocam dentro ou fora de seus países.

### 3.2 O fenômeno do turismo em áreas fronteiriças

Desde as viagens na antiguidade, ao se deslocarem, as pessoas muitas vezes passam por fronteiras. Diariamente, milhões de pessoas cruzam fronteiras internacionais por diversas razões. Seja para trabalharem em um país vizinho seja para viajarem durante um fim-de-semana ou um feriado prolongado (TIMOTHY, 2006).

O tema – turismo e fronteira – inclui lazer, recreação e turismo enquanto fenômeno social e econômico. Para Wachowiak (2006), apesar do avanço acadêmico nas discussões sobre turismo e seus aspectos social, econômico e ambiental, bem como demais implicações, esse aspecto – fronteira – não tem sido objeto de reflexões:

*According to Timothy (2001) and Timothy and Tosun (2003), tourism necessarily involves crossing borders of some type (international, subnational, regional, natural or only perceived ones). It could be argued then, that all borders, in turn, also influence tourism since they are a means of controlling the flow of people and enabling officials to enforce restrictions on either desired or undesired people coming into or leaving a specific country. With ever increasing tourist diversification and the emerging desire to collect destinations through visa stamps in tourists passports (Franklin, 2003; Davis and Guma, 1992; Urry, 1992) the ritual of crossing a border, as an actually in itself, has grown in attractions, and relicts and remnants of former borders, such as the Berlin wall, have reached heritage status.*

*These aspects highlight the importance of the relationship between borders and tourism. But it is this elementary relationship that has largely been ignored and taken for granted in earlier tourism research. As a consequence of the poor definition in current academia, this important aspect of tourism studies has gained momentum in recent years and come into focus for future tourism research activities (WACHOWIAK, 2006, p. 1-2).*

A relação entre a atividade turística e as fronteiras foi observada por muitos pesquisadores, mas mantida como objeto de estudo por poucos. O tema passa a ser considerado um aspecto importante das pesquisas futuras em turismo porque há um número significativo de turistas no mundo todo que mesmo desatentos cruzam áreas fronteiriças. Para alguns a fronteira é o destino desejado e para outros é o caminho para chegarem à destinação final (WACHOWIAK, 2006).

Prescott (1987 apud TIMOTHY; TOSUN, 2003, p. 411), coloca de forma clara as diversas funções das fronteiras internacionais que certamente influenciam a atividade turística:

*First, they mark the limits of national sovereignty – a line up to which a state may exercise its legal authority. Second, boundaries have an important economic function. They filter the flow of certain goods into and out of a country. The third function is to control the flow of people. Some countries erect strong physical and legal barriers to keep certain undesirable people out or to limit the number of people that can enter and to keep desirable people from leaving. Fourth, ideological barriers are created when a country enacts strict regulations to prevent the drift of ideas and information across boundaries. Finally, frontiers often function as lines of military defense. In short, national boundaries are lines that mark differences in political and ideological systems, economic and social structures, and quite simply ways of life. Thus, the function of an international border can significantly influence the tourist experience.*

A literatura nacional nessa área é praticamente inexistente. Mesmo na literatura internacional, percebeu-se que há ainda poucas pesquisas. As publicações internacionais que foram possíveis acessar, contribuíram com este trabalho, delineando novos aspectos e questionamentos<sup>37</sup>.

Na literatura brasileira, registra-se o trabalho de Paixão (2006)<sup>38</sup> que faz menção ao tema turismo e fronteiras tendo como foco central a Região de Corumbá/MS que faz fronteira com a Bolívia. O autor discute algumas experiências de planejamento regional sob o enfoque do turismo em territórios fronteiriços e ao final propõe uma gestão integrada no que diz respeito aos aspectos importantes para o setor turístico. As regiões brasileiras citadas como exemplo são: a cidade brasileira de Santana do Livramento, localizada no Rio Grande do Sul com a cidade uruguaia de Rivera; Foz do Iguaçu, localizada no Paraná, com Ciudad Del Este no Paraguai e Puerto Iguazú na Argentina; o Circuito Internacional das Missões Jesuíticas Guarani considerado o primeiro roteiro turístico do Mercosul incluindo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Também são enfocadas as regiões fronteiriças de Mato Grosso do Sul, detalhando a fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero em relação a aspectos relacionados à educação, saúde, transporte e comércio. Em sua obra, o autor também apresenta uma proposta de categorização de tipos de turismo para as áreas fronteiriças: turismo pela fronteira; turismo na fronteira e turismo de fronteira.

Segundo Paixão (2006), “turismo pela fronteira” configura-se em locais em que a fronteira é ponto de passagem para se chegar ao destino desejado “Nessa situação, por mais

---

<sup>37</sup> Dois aspectos precisam ser ressaltados. O primeiro é que em todas as publicações consultadas, o termo utilizado para denominar turismo em áreas de fronteira é “*cross-border-tourism*”. O segundo é que os autores utilizam as palavras *fronteir*, *border* or *boundary* enquanto sinônimos de fronteira. Dentro da Geografia Política Tradicional (TIMOTHY; TOSUN, 2003), há diferentes significados para os termos *frontier*, *border* and *boundary*. Neste trabalho, as diferentes conotações denotam limite e a concepção adotada de fronteira foi discutida no Capítulo 2.

<sup>38</sup> Desconhecem-se outros pesquisadores que tenham tratado desse tema no Brasil.

que as imediações de fronteira contenham atrativos, produtos e equipamentos turísticos, para os turistas a fronteira se destaca não mais do que um obstáculo a ser transposto rumo ao destino almejado” (PAIXÃO, 2006, p. 93).

A segunda situação apresentada pelo autor, denominada “turismo na fronteira”, é caracterizada em locais onde têm ocorrido conflitos de fundo étnico e/ou religioso e onde a ausência do Estado em um dos territórios dificulta o processo de desenvolvimento da atividade turística binacionalmente.

Essa proposição de tipologia é sugerida para as fronteiras que, mesmo tendo uma contigüidade de atrativos turísticos dispersos em dois territórios nacionais, conformando uma paisagem aparentemente homogênea, sob o ponto de vista turístico não podem ser apropriadas em sua plenitude, à implantação de produtos e roteiros por diversas razões. Os problemas podem implicar turistificação unilateral dessas fronteiras.

Como conteúdo mais marcante dessas regiões, pode-se mencionar a relativa inoperância e/ou incapacidade de determinados Estados em prover, parcialmente ou na totalidade, políticas públicas que resguardecem o empreendedorismo turístico sobre essas regiões fronteiriças de forma bilateral (PAIXÃO, 2006, p. 94 -95).

Na última situação “turismo de fronteira”, a atividade turística é considerada importante como as outras atividades que se estabelecem e é desenvolvida pelas comunidades fronteiriças ou direcionado por organismos governamentais “[...] para haver o turismo de fronteira, é preciso primeiramente existir um processo de integração entre dois ou mais territórios e/ou sociedades, sendo o turismo parte significativa dessa integração” (PAIXÃO, 2006, p. 100). Há uma distribuição natural dos elementos fisiográficos (Andes, Amazônia e Pantanal) e dos aspectos humanos. Outra característica dessa situação é relacionada ao aspecto urbanístico que tendem a ser espaços conurbados ou tendendo a conurbação. Para o autor, configura-se numa região de planejamento turístico internacional.

Reconhece-se o ineditismo de Roberto Paixão (2006) ao trazer questões relacionadas ao planejamento em áreas de fronteiras e iniciar a compreensão a respeito da dinâmica dessas localidades e implicações para o turismo. O autor traz outras contribuições como uma análise teórica-comparativa de dois principais grupos de integração: União Européia – UE - na Europa e o – MERCOSUL - na América do Sul.

Com relação às tipologias, Paixão (2006) pontua alguns aspectos importantes como: atuação do Estado, integração ou não dos territórios fronteiriços, participação da comunidade nos processos relacionados ao desenvolvimento da atividade turística, existência ou não de

conflitos de fundo étnico ou religioso, outros aspectos burocráticos e paisagísticos, presença ou não militar. Porém, entende-se que autor fala em situações e não em tipologias. Acredita-se não ser possível propor tipologias em áreas fronteiriças<sup>39</sup> generalizando situações e aplicando-as em todos os territórios fronteiriços que possuam características semelhantes às categorias propostas pelo autor “[...] o turismo não é uma experiência monolítica, mas que, ao contrário, apresenta singularidades e variações que devem ser compreendidas pelo estudioso a fim de revelar sua complexidade e sua relação com o mundo globalizado” (LABATE, 1997 apud BANDUCCI JÚNIOR, 2001a, p. 40).

Territórios fronteiriços, apesar de aparentemente possuírem algumas similaridades, possuem especificidades próprias decorrentes das relações estabelecidas com os países com os quais fazem fronteira, sendo suscetíveis a diferentes leis e lógicas. Tais colocações respaldam-se ainda em Timothy (1995, 2006) bem como Wachowiak e Engels (2006), que afirmam não haver uma tipologia ou algo pré-determinado para os estudos relacionados a turismo e fronteiras. As pesquisas são focadas no fenômeno turístico em áreas de fronteira abrangendo diversos aspectos, mas todas elas focam na motivação daqueles que visitam essas áreas. A análise dessa motivação permitirá entender as particularidades da atividade turística em áreas fronteiriças. Afinal, ou a fronteira em si é o destino final ou oferece alguma atração que chama atenção dos turistas.

*Tourism and international boundaries share a number of relationships. Probably the most common linkage is that of borders as tourist attractions or destinations. When the borderline itself creates the tourist appeal, it can be said that the border is an attraction. When the border creates contrasting on two sides in terms of rules of law, prices, etc, the border become tourist destination (TIMOTHY, 2006, p. 16).*

Na perspectiva na qual a fronteira é a atração principal, incluem-se os marcos demarcatórios como grades, paredes, bem como torres de controle. O significado histórico da fronteira é um ícone utilizado como marketing pela comunidade para promovê-la. Timothy (2006) cita como exemplo o Muro de Berlin.

Na segunda perspectiva, o interesse não está na “linha” ou na divisa da fronteira internacional, mas sim nas atividades, atrações e características especiais que podem ser encontradas no país vizinho. *“One of the most important features in tourism research in*

---

<sup>39</sup> Tipologias já propostas por segmentos oficiais podem e devem ser analisadas no contexto de territórios fronteiriços (mais a frente há detalhamento deste assunto). Chama-se atenção a não adequação de tipologias específicas para fronteiras.

*border areas, therefore, is the distribution and frequency of border crossing facilities the easy of doing so and the importance of tourism and related activities for the different sides*” (WACHOWIAK; ENGELS, 2006, p. 163). Segundo Timothy (1995), a oportunidade de realizar compras e/ou jogar<sup>40</sup> estão entre essas atrações.

Na maioria das pesquisas, o foco não é a fronteira enquanto atração ou destino final, mas sim as demais atividades oferecidas. Para Timothy (1995), poucos estudos demonstram como a fronteira pode ser uma atração turística significativa. Os estudos envolvem aspectos sociais, geográficos, políticos, legais e ambientais bem como contribuições gerais para o turismo internacional (WACHOWIAK; ENGELS, 2006).

Segundo Timothy e Tosun (2003) outro aspecto pouco analisado, é o fato de a fronteira ser ou não percebida como uma barreira para o desenvolvimento do turismo. Tanto as que possuem limites visíveis para demarcá-las como aquelas que por serem extremamente formais burocráticas e possuem diversas restrições, evitam que muitas pessoas queiram cruzá-las.

Na realidade, este estudo não pretende demonstrar todas as especificidades da relação turismo e fronteiras. Pretende, ao menos, iniciar as reflexões e contribuir com alguns aspectos e constatações observadas na fronteira Ponta Porã /BR e Pedro Juan Caballero/PY. Até o presente momento, o fluxo de pessoas existente em Pedro Juan Caballero é motivado pela possibilidade de se comprarem produtos importados a preços mais competitivos em relação ao Brasil. A condição de fronteira não faz parte da motivação de suas viagens, pelo contrário, para alguns entrevistados representa insegurança e incerteza.

Entende-se que a prática das compras – considerada uma das atividades mais populares em áreas de fronteira (TIMOTHY, 2006) – verificada em Pedro Juan Caballero pode ser denominada de turismo de compras<sup>41</sup> e será tratada ao final deste capítulo.

### **3.3 As compras e a atividade turística**

Os deslocamentos turísticos decorrem de motivações particulares dos turistas, viajantes, visitantes ou excursionistas<sup>42</sup> que são motivados por interesses diversos como lazer,

---

<sup>40</sup> Referindo-se aos Cassinos.

<sup>41</sup> Internacionalmente, ao se referirem à atividade de compras em áreas de fronteira, o termo utilizado é ‘*cross-border-shopping*’ (TIMOTHY; BUTLER, 1995; TIMOTHY, 1995, 2006; WACHOWIAK; ENGELS, 2006).

recreação, tratamento de saúde, religião, visita a parentes e amigos, negócios, estudos, férias, compras entre outros (COOPER et al., 2001; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO, 2003). Conforme tempo livre disponível, estilo de vida, nível cultural e financeiro, personalidade e experiências prévias, tomam decisões e escolhem os lugares que desejam conhecer e o que desejam fazer.

Desses interesses, surgem segmentos ou tipologias de turismo. De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006), os segmentos turísticos podem ser definidos a partir dos elementos de identidade da oferta (que define tipos de turismo como turismo rural, turismo cultural, turismo de pesca, turismo de negócios<sup>43</sup>) e também pelas características e variáveis da demanda (atores demográficos, sociológicos, econômicos e turísticos). Tais tipologias decorrem de uma estratégia de marketing conhecida por segmentação de mercado que procura conhecer os desejos do consumidor bem como suas necessidades criando maior proximidade com ele. É uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado (BRASIL, 2006). É uma técnica que enfatiza o mercado e não o setor de atividade:

Ao segmentar o mercado estamos identificando compradores com comportamentos de compras homogêneos quanto aos gostos e preferências. Ele é constituído por pessoas que são individuais nas suas preferências, necessidades, gostos e idiossincrasias. Para segmentá-lo é preciso conhecer por meio de pesquisas, as necessidades dos consumidores-alvo, bem como suas atitudes e comportamentos mais usuais de compra (MORAES, 1999, p. 16):

Existem diversas maneiras de segmentação de mercado. Pode-se defini-lo geograficamente, demograficamente (idade, educação, raça, renda, nacionalidade, sexo, religião, ocupação) ou psicograficamente quando a referência principal é a personalidade do consumidor (valores, motivações, interesses, atitudes e desejos) (GOELDNER; RITCHIE; McINTOSH, 2002).

---

<sup>42</sup> Para ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (2001), todos os viajantes relacionados com o turismo são considerados “visitantes”. Este termo, é o conceito básico para o conjunto do sistema de estatística de turismo. “Turistas, viajantes e visitantes formam a demanda turística e, por trás desse termo, encontra-se um grupo heterogêneo de pessoas; um agregado de personalidades e interesses com diferentes características sociodemográficas, motivações e experiências” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO, 2001, p. 40). Os turistas são os visitantes que desfrutam pelo menos de um pernoite em alojamento coletivo ou particular no lugar visitado. Viajante é toda pessoa que se desloca entre dois ou mais lugares e visitante de um dia ou excursionista, aquele que não pernoite em alojamento coletivo ou particular no lugar visitado (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO, 2003).

<sup>43</sup> Existem outras tipologias propostas por diferentes autores. Como o objetivo deste trabalho não está relacionado à formação de tais tipologias, optou-se apenas por exemplificar as diversas denominações utilizando-se como referência a documento do Ministério do Turismo (BRASIL, 2006).

Independentemente da maneira em que os diversos autores utilizam os tipos de segmentação de mercado para definir tipologias de turismo, Timothy e Butler (1995) registraram que as definições geralmente não incluem compras como motivação principal ou o propósito da viagem<sup>44</sup>. Tal fato pode justificar a pequena bibliografia existente. Ainda para os autores, *“If the opportunity to shop can motivate people to travel by serving their needs and providing enjoyment, then it too may be regarded as a tourism attraction (p. 20).*

Em muitos casos, as compras são o principal motivo da viagem – e não apenas em áreas de fronteira. Timothy (1995, p. 529) cita o caso de países europeus como Dinamarca, Alemanha, Suíça e seus vizinhos bem como o contexto norte-americano e canadense em que isso acontece:

*Cross-border shopping is a common activity in many parts of the world. A number of publications identify the importance of this activity in Europe between Denmark and Germany, and between Switzerland and its neighbours within the North American context, it is perhaps most notable along the US-Canadian border.*

Porém, viajar com intuito de comprar não é algo recente. A novidade é que a prática das compras tem se tornado um elemento importante em viagens de lazer:

*Humans have made shopping trips since specialization in production took place in prehistoric times, and those living in remote locations often had to travel considerable distances sometimes involving overnight stays and crossing international borders.*

*What is new however is the fact that shopping is becoming an ever increasingly important element in trips which are primarily of leisure or tourism nature (TIMOTHY; BUTLER, 1995, p. 17).*

Apesar de a prática de compras configurar-se como uma das opções principais que motivam pessoas a viajarem, a denominação “Turismo de Compras” foi encontrada em poucas publicações. Geralmente, os estudos consideram tal atividade como parte da experiência turística, algo que o turista fará independentemente do motivo que o fez viajar.

---

<sup>44</sup> Compras não com fins comerciais e sim como motivação pessoal.

*The discussion has so far focused upon shopping as one activity undertaken as part of tourism, rather than as the primary reason for tourism. Jansen-Verbeke (1990 a, 1990b) has noted the difficulty in defining leisure shopping and how it becomes a leisure experience and resolving whether shopping areas can be defined as tourism resources while acknowledging this problem it is reasonable to argue that the desire and need for shopping is an appropriate motivation for tourist travel [...]* (TIMOTHY; BUTLER, 1995, p. 19).

Assim como para Timothy e Butler (1995), para Verbele-Jansen (2002) as implicações decorrentes da prática de compras em destinos turísticos têm sido subestimadas. Apesar de ser algo existente desde a época dos romanos, poucas pesquisas sobre motivação referem-se às compras como determinantes.

Em sua publicação, a autora trata da sinergia entre compras e turismo mas também não utiliza o termo turismo de compras.

Para estudar a interação e possível sinergia entre compras e turismo, as atividades de pesquisa devem incluir as compras como uma atividade turística. Isso é visto como o resultado, por um lado, do alcance dos bens oferecidos (suvenirs e produtos), e, por outro, do contexto de compras, em termos de qualidade e integração ambiental no espaço de ação do turista (VERBEKE-JANSEN, 2002, p. 442).

Para Moletta e Goidanich (2003) o turismo de compras ocorre propositalmente nas localidades que pretendem consolidá-lo. As pessoas transformam seus comércios para motivar que outras pessoas a se deslocarem para realizar compras. A cidade se prepara para atrair esse turista que além das compras realiza outras visitas, utiliza a estrutura turística da localidade como hotéis, restaurantes, casa de lanches etc. Geralmente essa atividade é realizada em centros urbanos desenvolvidos (ocorre na região onde é fabricado o produto ofertado); há interação com a comunidade local; estrutura turística; infra-estrutura básica, acesso, sinalização, equipamentos, serviços, lojas, área de recreação para o público infantil, área de estacionamento, centro de informações turísticas, equipamentos e serviços de apoio (segurança, serviços bancários e câmbio); prática de preços promocionais. Para que o turismo de compras aconteça, o núcleo receptor deverá ter infra-estrutura (locais para recepção, estacionamento, telefone, transporte coletivo, iluminação pública, padronização de vitrine com qualidade do produto ofertado) (MOLETTA; GOIDANICH, 2003).

O segmento – turismo de compras - é tratado pelo Ministério do Turismo (BRASIL, 2006), no âmbito do Turismo de Negócios e Eventos<sup>45</sup> mas não de maneira explícita e clara. A compra e a venda de produtos e serviços está entre as atividades que envolvem o segmento de negócios e eventos. “Turismo de Negócios e Eventos compreende o conjunto de atividades turísticas decorrentes dos encontros de interesse profissional, associativo, institucional, de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social” (BRASIL, 2006, p. 46). A natureza das relações comerciais estão “[...] associadas a transações de compra e venda de produtos e serviços” (BRASIL, 2006, p. 46).

Vaz (1999, p. 176-177) também aborda as compras no segmento ‘ Turismo comercial ou de compras’ mas deixa claro que há diferentes interesses entre os turistas:

[...] é um segmento que tangencia tanto o turismo de eventos, relativamente às feiras, como o turismo de negócios, quando há um interesse de compra bastante específico. De um modo geral, podemos dividir três grupos de turistas que compõem este segmento: o comprador de artigos para uso pessoal, o comprador de especialidades e o comerciante, comprador de produtos que vão servir á realização de negócios (este último geralmente denominado “sacoleiro”).

Tanto o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006) quanto Vaz (1999) abordam as compras como uma das atividades realizadas pelas pessoas que viajam com fins comerciais ou de negócios. Da maneira como é colocado, entende-se que nem sempre tais compras são para consumo pessoal como é o caso do turismo de compras em diversas áreas fronteiriças ,incluindo Pedro Juan Caballero.

Apenas em Verbeke-Jansen (2002, p. 446) encontrou-se menção às compras “por aqueles que cruzam a fronteira”:

Tradicionalmente, a compra feita por aqueles que cruzam a fronteira tem seus apelos e gera importante fluxo de consumidores. O que era visto antes como uma forma de comportamento de consumidor, baseada, principalmente, na obtenção de vantagens de preço, não pode mais ser inteiramente explicado por meio de benefícios econômicos, à luz da análise das despesas de viagens. O valor da experiência de compra de quem cruza a fronteira é difícil de ser apurado, pois não está diretamente ligado à espécie de bens em oferta.

---

<sup>45</sup> Informação obtida por e-mail junto a Coordenação-Geral de Segmentação do Ministério do Turismo (segmentos@turismo.gov.br ) em 09 de Março de 2007. O Ministério considera ainda apenas as compras para fins comerciais.

A autora reconhece que tal experiência vai além dos aspectos econômicos gerados pela atividade e que tradicionalmente são os mais ressaltados. As pessoas além de realizarem algo fora de sua rotina habitual sentem prazer em comprar “[...] *shopping provides a form of relaxation, an escape from normal routine, and an element of challenge* (TIMOTHY; BUTLER, 1995, p. 19). Desconhecem-se estudos direcionados às compras envolvendo tais fatores.

Acredita-se ser necessário caracterizar a prática das compras motivada por fatores pessoais – e não apenas em áreas de fronteira - que excluam o aspecto comercial abordado nas publicações consultadas.

Nesse sentido, no próximo item caracteriza-se o turismo de compras em Pedro Juan Caballero a partir da perspectiva dos turistas. Não pensando na tipologia do segmento, mas sim nas compras enquanto fator determinante para se deslocarem até essa cidade paraguaia. Conforme Timothy (1995, 2006) e Wachowiak e Engels (2006), é analisando-se a motivação dessas pessoas que será possível verificar as relações estabelecidas e decorrentes de sua permanência durante o período em que ficam na cidade.

### **3.4 Turismo de compras em Pedro Juan Caballero**

O interesse em realizar compras é uma das atividades mais populares em áreas de fronteira. Geralmente é influenciado pela existência de melhores preços, taxas, variedade de produtos e horas diferenciadas de abertura do comércio em relação aos países vizinhos (MICHALKO; TIMOTHY, 2001; TIMOTHY; BUTLER, 1995 apud TIMOTHY, 2006). Segundo os autores, raramente as pessoas “cruzam” fronteiras em busca de souvenirs. O intuito é comprar produtos como eletrodomésticos, roupas, comida, sapatos, artigos de limpeza, produtos eletrônicos, jóias e gasolina.

Além da perspectiva econômica que tradicionalmente é a mais analisada (VERBEKE-JANSEN, 2002; TIMOTHY; BUTLER, 1995), a prática de realizar compras enquanto atividade de lazer aliada ao prazer é uma realidade em muitas áreas de fronteira. E é essa realidade encontrada em Pedro Juan Caballero que, mesmo tendo aumento do fluxo turístico em períodos em que a moeda brasileira é valorizada, recebe pessoas que freqüentam a cidade há pelo menos dezoito anos, e algumas delas independente do aspecto econômico. Nem

sempre a viagem é influenciada pela cotação cambial; na perspectiva dos entrevistados é uma viagem a passeio.

Durante pesquisa de campo em que vinte e dois turistas foram entrevistados, 77,3% afirmaram que são motivados pela possibilidade de comprar produtos importados para consumo próprio e não com fins comerciais. Os turistas costumam comprar bebidas, produtos de informática, perfumes, eletrônicos, cosméticos, brinquedos, produtos alimentícios, utilidades domésticas, tênis e roupas. Gastam, em média, R\$ 569,00.

Durante o tempo em que permanecem na cidade, utilizam alguns serviços tanto de Pedro Juan Caballero como de Ponta Porã<sup>46</sup>. Frequentam locais como restaurantes, posto de gasolina, hotéis, farmácias, táxis, supermercado e o cassino<sup>47</sup>. Só utilizam hotéis aqueles que permanecem por dois ou três dias. Esses turistas não possuem contato com os moradores de Pedro Juan e a maioria desconhece costumes locais. Aqueles que conhecem algo (minoria) citaram os costumes que lhes chamam atenção. Entre as respostas estão tereré<sup>48</sup>, “comidas” (sopa paraguaia<sup>49</sup> e chipa<sup>50</sup>), danças, artesanato, hábito de dormir após o almoço e uma resposta curiosa “Falar em guarani na nossa frente”. Nota-se que apesar de toda a dinamicidade relacionada ao comércio de produtos importados, Pedro Juan Caballero possui ainda características peculiares:

Com características próprias de pequenos centros urbanos, Pedro Juan Caballero é um centro pacato e interiorano, com ruas pavimentadas, limpas onde a população tem ainda o hábito de sentar-se nas calçadas para conversar e tomar o tereré, uma espécie de mate gelado servido em recipientes feitos de chifres de bois ou cabaças (BANDUCCI JÚNIOR, ROMERO, 2005, p. 511)

---

<sup>46</sup> Nesta questão foi necessário incluir Ponta Porã porque muitos dos serviços utilizados localizam-se no lado brasileiro.

<sup>47</sup> Há um Cassino em Pedro Juan Caballero.

<sup>48</sup> Corresponde ao chimarrão gaúcho mas é servido com água gelada. Herança da economia ervateira, pode ser tomado só ou em grupo.

<sup>49</sup> Prato típico paraguaio. Torta feita com milho, cebola e queijo.

<sup>50</sup> Espécie de rosca de forma redonda ou oval, feita de queijo.



Figura 06: Hábito do tereré

A maioria dessas pessoas – cerca de 59,1% - residem em Mato Grosso do Sul sendo que, desse total, quase 2/3 são de Dourados/MS. No perfil predomina o sexo feminino (68,3%), pessoas casadas, com idade média de 47 anos, com nível superior completo (91%) e que permanecem apenas um dia em Pedro Juan Caballero. Julgam que apenas um dia é suficiente para comparem e saírem da rotina “No sábado saímos cedo de casa, compramos o que precisamos, almoçamos aqui na fronteira e, à tardezinha, estamos de volta. Dá tempo de aproveitar o domingo para descansar” (COMÉRCIO, 2007, p. 4). Uma minoria (18,21%) permanece dois ou três dias (9%).

Os turistas têm medo e receio por estarem em uma área fronteiriça e durante o tempo em que permanecem em Pedro Juan circulam apenas nas ruas onde o comércio está concentrado<sup>51</sup>. Para Timothy e Tosun (2003) tal percepção decorre de diversos aspectos como segurança, formalidades exigidas e diferenças culturais e econômicas. No caso de Pedro Juan

<sup>51</sup> Haverá detalhamento desse comércio na seqüência do trabalho.

Caballero, este receio decorre da imagem dessa fronteira,<sup>52</sup> até a década de 90 considerada como local de criminalidade (WAGNER, 2003 apud PAIXAO, 2006, p. 112-113):

Nesse sentido, até a década de 90 essas fronteiras tiveram forte repercussão na mídia nacional como lócus de contrabando, narcotráfico, pistolagem e outras formas de crime organizado. Razão pela qual as mesmas foram estigmatizadas sob o foco de uma imagem pejorativa e pelo que foram rotuladas de “fronteiras sem lei. [...] o Paraguai foi majoritariamente o destino de muitos veículos roubados nas cidades brasileiras, ou ainda de turistas que se aventuraram nas bordas de suas fronteiras. Essa situação foi, inegavelmente, favorecida por questões de ordem sócio-econômica de fundo histórico, como também pela aquiescência silenciosa e, porque não, consensual das autoridades daquele país.

Para o Ministério da Integração Nacional (BRASIL, 2005a) a localidade em estudo é uma das sub-regiões mais complexas e desafiadoras da faixa de fronteira brasileira pelo número expressivo de apreensões de cocaína, *Cannabis sativa*, pelos diversos contrabandos - há uma ordem estabelecida em favor da questão ilícita - e ultimamente pelos conflitos envolvendo população indígena e fazendeiros.

Para alguns entrevistados, a palavra fronteira traz a idéia de limite. “As fronteiras estão presentes no imaginário social como limite, aparecendo como naturalizadas” (MULLER, 2005, p. 575). Mas não em Pedro Juan Caballero que por fazer fronteira seca com Ponta Porã e não possuir nenhuma barreira natural ou ponte que separe Brasil e Paraguai possibilita relativa facilidade em se transitar pelos dois países “A fronteira representa limite, entrada. Mas aqui o ir e vir é constante. Não há idéia de limite.” Aqueles que não a conhecem bem, realmente se confundem e muitas vezes não sabem se estão em território brasileiro ou paraguaio. A imagem de satélite da figura 3 bem como a figura 7 mostra tal proximidade. Pela figura 7 é possível entender o porque as pessoas muitas vezes se confundem. O lado direito é território paraguaio e do lado esquerdo território brasileiro. É possível inclusive estar ao mesmo tempo em ambos os países. Ao meio vemos a linha internacional.

---

<sup>52</sup> Segundo Paixão (2006), a sociedade pedrojuanina está procurando desvincilhar-se da imagem de fronteira de risco e marginalidade. Porém, até a realização desta pesquisa percebeu-se que turistas ainda têm receio.



Figura 07: Proximidade entre os territórios brasileiro e paraguaio

A condição de cidade fronteiriça não é considerada uma atração para os turistas entrevistados. Além do limite, a fronteira representa insegurança que é expressa na ameaça de terem o carro roubado pela facilidade em sair do país, temor em relação a bandidos e violência. Outro turista apesar de achar interessante a facilidade do “ir e vir” não se sente tranqüilo “Acho interessante. As pessoas dizem: lá no Brasil... E é ao lado. Mas sinto insegurança, tenho medo dos guardas armados<sup>53</sup>.” Ou seja, a tranqüilidade é aparente. Para Timothy (2006, p. 13), “...even at friendly borders people may feel a sense of nervousness or apprehension about crossing.”

Dois entrevistados, justamente pela rapidez com que se chega de um país a outro, disseram não se sentir diante de uma fronteira, mas também mostram receio em seus comentários “Pessoalmente eu não gosto, me arrepio quando chego perto. Representa insegurança, violência”. Para o outro, a fronteira também representa insegurança “À noite eu não saio”. Resposta curiosa já que inicialmente disseram não se sentirem diante de uma fronteira. Será que a configuração das cidades não os fazem se sentir em uma fronteira mas o estigma que fronteiras representam os deixam inseguros?

Diferentemente do que colocam Moletta e Goidanich (2003), nem a cidade nem o comércio foram transformados para atraírem interessados em realizar compras. As pessoas também não foram qualificadas para receber turistas. Não houve planejamento para que

<sup>53</sup> O entrevistado refere-se aos guardas de estabelecimentos particulares que ficam armados o tempo todo e despertam certo constrangimento e temor.

Pedro Juan Caballero pudesse oferecer a infra-estrutura desejada para receber o fluxo de turistas que já frequentam a cidade. Apenas em 2006, inicia-se um trabalho em conjunto com Ponta Porã, denominado Projeto Turismo sem Fronteira Brasil e Paraguai<sup>54</sup>.

Também é recente a preocupação em se atender melhor os turistas bem como oferecer horários diferenciados (incluindo domingos e feriados) para as compras<sup>55</sup>. Eles reclamam da segurança principalmente com relação ao trânsito em Pedro Juan Caballero, afirmam que infra-estrutura turística, sinalização e mesmo atendimento<sup>56</sup> são deficientes. O comércio informal<sup>57</sup>, o assédio dos “guarda carro”<sup>58</sup> e a sujeira também foram citados como fatores incomodativos.

Apesar de a cidade possuir atrativos naturais e culturais<sup>59</sup> a maioria dos turistas não os conhece. Além da falta de divulgação<sup>60</sup> e a organização de roteiros – que só agora começam a ser elaborados - acredita-se que a falta de interesse, o medo e mesmo o desconhecimento são motivados pela imagem que associava fronteiras como locais de crime, tráfico, violência e roubo.

Entende-se que esse fluxo verificado em Pedro Juan Caballero, orientado para as compras, pode ser chamado de turismo de compras. Por ser uma área de fronteira, oferecer vantagens competitivas em função das oscilações cambiais entre outros aspectos configura-se diferentemente de estudos já realizados que analisem o binômio compras e turismo. As especificidades decorrentes de sua condição fronteira precisam ser analisadas separadamente a fim de que se elaborem conceitos direcionados e coerentes com tal condição.

---

<sup>54</sup> O projeto é uma iniciativa do Sebrae e é desenvolvido através da metodologia Gestão Estratégica Orientada para Resultados (Geor). Está sendo construído pelos governos brasileiro (Ministério do Turismo) e paraguaio (Secretaria Nacional de Turismo) em parceria com instituições de ensino, como a Universidade de Columbia (Paraguai), com as prefeituras de Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero, com o governo de Mato Grosso do Sul (Fundação Estadual de Turismo) (PROJETO, 2006) e outras instituições. O projeto pretende estruturar a atividade turística em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero e mostrar que há outras opções além das compras de produtos importados (PROJETO, 2006; CONEXÃO SEBRAE, 2007). Entre as ações estão: identificar o perfil do turista que visita a cidade e os potenciais atrativos históricos e culturais; proporcionar qualificação profissional; elaborar um calendário binacional de eventos; melhorar a infra-estrutura de atendimento ao turista; estabelecer políticas para integração nacional (PROJETO, 2006).

<sup>55</sup> Aspectos que serão detalhados no capítulo 5.

<sup>56</sup> Apesar de dizerem que atendimento melhorou e haver preocupação por parte do Projeto Turismo sem Fronteiras, os turistas ainda acham que é preciso melhorá-lo.

<sup>57</sup> Será detalhado no próximo item.

<sup>58</sup> Termo usado pelo entrevistado.

<sup>59</sup> Alguns desses atrativos ainda precisam ser explorados.

<sup>60</sup> Turistas disseram durante entrevistas que não há divulgação dos atrativos existentes em Pedro Juan Caballero.

Em Pedro Juan Caballero uma dessas especificidades é a configuração de um território turístico em decorrência do movimento dessas pessoas que há anos freqüentam a cidade em busca de produtos importados entendido aqui como turismo de compras. A formação desse território bem como a espacialização e dinâmica dessa atividade serão retratadas no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 4**

### **A CONSTITUIÇÃO DO TERRITÓRIO TURÍSTICO DE PEDRO JUAN CABALLERO**

O processo de uso e apropriação do território de Pedro Juan Caballero pelo turismo iniciado na década de 60, foi permeado por relações marcadas pelo poder, por interesses econômicos, políticos e também por aspectos culturais decorrentes da proximidade de dois países e dois povos diferentes.

A investigação da atividade turística na fronteira de Pedro Juan Caballero baseou-se na concepção integradora de território, nos limites ali estabelecidos, bem como nos processos e nos atores que constituem seu território turístico.

#### **4.1 Noções de território**

A palavra território está associada a uma extensão considerável de terra; “base geográfica do Estado (solo, rios, lagos, baías, portos, etc) sobre a qual exerce ele sua soberania” (FERREIRA, 2000, p. 670).

Tradicionalmente, o conceito de território foi trabalhado em uma dimensão natural e biológica e outra - ainda muito utilizada – que enfatiza as relações de poder, condições políticas e econômicas (HAESBAERT, 2002). Esse autor, em sua obra publicada em 2004, agrupa a concepção de território em três vertentes básicas e organiza seu raciocínio com base na fundamentação filosófica de cada abordagem (no binômio materialismo-idealismo e no binômio espaço-tempo).

A vertente política refere-se às relações espaço-poder em geral; a cultural, refere-se à dimensão simbólica e mais subjetiva na qual o território é visto como produto da apropriação simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. A vertente econômica enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas. O território é visto como fonte de recursos.

Na Ciência Política, o conceito de território é utilizado sobretudo como referência ao Estado. Os estudos na Antropologia e na Geografia extrapolam a noção de limite físico, de um lugar demarcado. Consideram a identidade desse território (HAESBAERT, 2002), e o local onde a história do homem se realiza plenamente e onde também se expressa o cotidiano. “O

território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência” (SANTOS, 2002, p. 9). Para Haesbaert, “O território de qualquer forma, define-se antes de tudo com referencial às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) em que está mergulhado” (2002, p. 25).

Em sua definição, Santos (2002, p. 10) traz a noção de território usado.

O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é o fundamental do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a geografia. É o território usado que é uma categoria de análise.

Para Haesbaert (2004) é provável que a concepção mais relevante e teoricamente mais consistente seja essa de Milton Santos na qual o uso define a excelência do território.

Neste trabalho, o território é entendido em uma perspectiva integradora, conforme Haesbaert (2004), onde todas as dimensões são consideradas:

Encontramos aqui um outro debate muito relevante: aquele que envolve a leitura de território como um espaço que não pode ser considerado nem estritamente natural, nem unicamente político, econômico ou cultural. Território só poderia ser concebido através de uma perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais (e da sociedade com a própria natureza) (HAESBAERT, 2004, p. 74).

As perspectivas estão conectadas, integradas e não isoladas “[...] não há vida sem ao mesmo tempo atividade econômica, poder político e criação de significado de cultura” (HAESBAERT, 2004, p.79). O mesmo entendimento de território é compartilhado por Machado et al. (2005, p. 91):

Em vez do território reduzido exclusivamente à sua dimensão jurídico-administrativa, de áreas geográficas delimitadas e controladas pelo Estado, entende-se que o território é produto de processos concomitantes de dominação ou apropriação do espaço físico por agentes não-estatais. Nota-se que os processos de controle (jurídico/político/administrativo), dominação (econômico-social) e apropriação (cultural-simbólica) do espaço geográfico nem sempre são coincidentes

em seus limites e propósitos. Ademais, a territorialização desses processos se dá tanto de “cima para baixo” (a partir da ação intencional do Estado ou das grandes empresas, por exemplo) quanto de “baixo para cima” (através das práticas e da significação do espaço efetivamente vivido e representado pelas comunidades). É, portanto, o processo de territorialização como acima concebido, ou seja, que acaba por delinear o território por uso e posse, e não somente por determinação jurídico-administrativa.

Além de se considerarem as esferas políticas, econômicas e culturais é preciso que o território seja contextualizado historicamente<sup>61</sup>.

É imprescindível, portanto, que contextualizemos historicamente o “território” com o qual estamos trabalhando. Se nossa leitura for uma leitura integradora, o território respondendo pelo conjunto de nossas experiências ou, em outras palavras, relações de domínio e apropriação, no/com/através do espaço, os elementos-chave responsáveis por essas relações diferem consideravelmente ao longo do tempo (HAESBAERT, 2004, p. 78).

Tal fato é necessário já que “[...] as ditas áreas são parte de um processo histórico, contraditório e em transformação, que lhes imprime as condições de sua existência e permanência. O entendimento dessa historicidade ajudará, sem dúvida, a apreender sua dinâmica” (ARROYO, 1997, p. 27).

#### **4.2 O comércio na fronteira e o surgimento do turismo de compras**

A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero acompanha a formação da cidade e tem origem no final do século XIX, quando a cidade passa a ser utilizada como um lugar de descanso para as caravanas que transportavam erva-mate dos campos do sul de Mato Grosso para o porto de Concepción, no Paraguai. É através da erva-mate que se origina a vocação comercial e industrial de Pedro Juan Caballero (OLMEDO, 1927), afinal, as carretas retornavam dessas caravanas com produtos para o abastecimento da pequena localidade e de fazendas e vilas da região<sup>62</sup>. É o início da vocação comercial de Pedro Juan Caballero.

<sup>61</sup> Tal contextualização histórica foi feita no primeiro capítulo.

<sup>62</sup> Ressalta-se que Ponta Porã também era abastecida por essas carretas. Afinal, não existia outra zona de abastecimento mais próxima da cidade brasileira. Inclusive brasileiros que se dedicavam ao comércio

Atualmente, os moradores tanto de Ponta Porã como de Pedro Juan Caballero, utilizam-se desse território e a atividade turística influencia tanto suas vidas como a vida da cidade.

Conforme relatado anteriormente, o comércio tinha a função de abastecer a população local com produtos de primeira necessidade. Com o tempo, artigos de luxo como porcelanas, perfumes, roupas, entre outros, também são trazidos. Inicia-se o interesse pela compra de produtos importados direcionados àqueles que ali viviam. Inicialmente impulsionado por um tratado entre os países o qual garantia que todos os produtos paraguaios pudessem entrar em território brasileiro livre de impostos. Em contrapartida, o Brasil assegurava as exportações de erva-mate e gado de Mato Grosso via Concepción. Esse tratado é rompido quando o Paraguai sente-se prejudicado em função da concorrência da erva-mate brasileira que circulava livremente em território paraguaio e sem incidências de impostos. Respondendo à ação paraguaia, o Brasil proíbe o comércio de mercadorias paraguaias. Em função disso, os comerciantes de Concepción, se instalam em Pedro Juan Caballero, consolidando a vocação para o comércio da cidade, iniciada durante o transporte de erva-mate.

*Este comercio interfrontera, fue impulsado por el tratado de 1883 entre Paraguay y Brasil, por el cual todos los productos y las manufacturas paraguayas ingresaban a la provincia de Mato Grosso libre de impuestos y viceversa. Sin embargo, era corriente que productos importados de Europa (ponchos, botas y zapatos, conservas, alimentos) se introducían como “mercaderías paraguayas” a dicha provincia. Por su parte, el Brasil aseguraba la salida de sus exportaciones de yerba y de ganado vacuno de Mato Grosso via Concepción pasando por la región que actualmente comprende el Amambay. En 1897, Paraguay deroga el tratado mencionado precedentemente, pues se consideraba que la yerba mate traída de Brasil, compelia con la industria yerbatera paraguaya, ya que la misma circulaba libremente por el territorio, no abonando ningún tipo de impuestos como tampoco pagaba impuestos para la exportación dentro del territorio brasileño; mientras que la yerba paraguaya era gravada con un impuesto a la exportación. Como represalia a la acción de Paraguay, el gobierno brasileno, inmediatamente prohibió el trafico comercial paraguayo de abastecimiento a las poblaciones brasileras. Esto determino que a finales del siglo XIX, comerciantes de Concepción se establecieran en la región conocida como Punta Porã (hoy PJC), generando un importante núcleo comercial desde donde se introdujeron al Brasil los productos europeos, siempre bajo la modalidad del contrabando (RAMIREZ, 2002, p. 235 e 236).*

Ainda sobre esse contexto, Roig (1984, p. 71) coloca:

---

instalavam-se no lado paraguaio (ROIG, 1984). Marin apud Banducci Júnior e Romero (2005, p. 514) ilustra tal situação “[...] em Ponta Porã, a maior parte das casas comerciais localizava-se em Pedro Juan Caballero, embora os comerciantes residissem no lado brasileiro. O abastecimento das casas comerciais brasileiras era feito em Concepción, a 360 km da fronteira. Esses produtos eram redistribuídos e abasteciam o sul do estado de Mato Grosso”.

*Al frenarse el paso libre de las mercaderías, los paraguayos tuvieron que instalar sus casas de comercio y luego sus viviendas en la línea misma de la frontera, y almacenar allí los ricos productos que llegaban del puerto lejano; incluso muchos brasileños pasaron a este lado a instalar sus casas comerciales. Para el traspaso de las mercaderías el otro lado, ya se las ingenerían, los habitantes de uno y otro sectores de la frontera, en una actividad que comenzaba a arraigarse entonces.*

Instalam-se importantes companhias que vendiam artigos importados. As empresas mais importantes pertenciam a cidadãos europeus como espanhóis, portugueses e alguns italianos (GOIRIS, 1999).<sup>63</sup>

Para Lamberti (2006), a condição de conurbação de Pedro Juan Caballero com Ponta Porã permitiu que as cidades se firmassem enquanto centro de comercialização e trocas internacionais.

Mas é na década de 60 que esse comércio de importados ganha força e passa a atrair turistas. Para Medina (2006)<sup>64</sup> a “época de ouro”<sup>65</sup> acontece entre 1960 a 1975. Os produtos importados possuíam baixo custo e eram legítimos. Um dólar (1) era o equivalente a cento e vinte e seis (126) guaranis. Hoje, um (1) dólar corresponde a seis mil (6.000) guaranis, “a estabilidade era fruto da construção da Usina de Itaipu”. O comerciante ainda ressalta que na época havia produtos originais da Adidas, Solingen alemã - segundo o entrevistado produzia a melhor faca, navalha tudo com aço inoxidável. Era possível encontrar as melhores marcas (linho irlandês, calça Lee americana e original). Atualmente, na visão do entrevistado, como os produtos são fabricados em vários lugares perde-se a originalidade<sup>66</sup>. Ainda sobre a década de 60, Goiris (1999, p. 258-259) traz mais detalhes:

*A fines de la década del 60, se intensificaba el comercio fronterizo. Los turistas brasileños empezaban a llegar a la frontera. Este va a ser el rubro económico más duradero y promisorio para la ciudad de Pedro Juan Caballero. Casi toda la economía de la región se va a sustentar en la venta de mercaderías y productos importados, particularmente de los países asiáticos, europeos y también norteamericanos. Algunos factores, como el asfaltado de las rutas; la llegada del ferrocarril a Ponta Porã, que posibilitó la unión con Campo Grande y São Paulo y; después, la inauguración de una Terminal aérea en Ponta Porã, fueron decisivos para el incremento del turismo comercial.*

*Aparte de eso, en la década del 60, los comerciantes pedrojuaninos consiguieron la promulgación del Decreto Ley 25.937, de 1962, que hizo reaccionar positivamente al comercio fronterizo. En realidad, ese decreto no contemplaba una zona franca*

<sup>63</sup> Apenas para ilustrar, em 1972, 57% da população de Pedro Juan era estrangeira, sendo que desse percentual, 80% eram brasileiros; 10% europeus; 5 % asiáticos e 5% outros (ROIG, 1984).

<sup>64</sup> MEDINA, Tomás. Entrevista concedida a Patrícia Cristina Statella Martins. Pedro Juan Caballero, 2006.

<sup>65</sup> O autor considera como sendo a “época de ouro” porque não havia imitação de produtos.

<sup>66</sup> Atualmente, a maioria dos produtos é produzida em países asiáticos.

*para Pedro Juan Caballero, sino una liberación aduanera sobre mercaderías de procedencia brasileña. Estos productos brasileños no pagaban ICM – Imposto sobre Circulação de mercadorias; IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados y ni siquiera se requería el Impuesto a la Renta.*

A intensificação do comércio decorre de novas legislações, infra-estrutura de transportes que facilitam o acesso a Pedro Juan Caballero bem como outras particularidades históricas.

Na década de 70, surge uma normatização para a atividade denominada Regime de Turismo<sup>67</sup>. É um regime tributário especial utilizado pelo Paraguai e admitido pelo Mercosul que “...otorga a ciertos productos de importación atractivos para el turismo, un incentivo consistente en la disminución sensible de los impuestos internos paraguayos” (PENNER et al., 2005, p. 16). O regime favorece comerciantes por estimular a venda de artigos importados aos turistas de compras – os comerciantes são favorecidos fiscalmente com tributação menor sobre tais artigos que podem ser vendidos a preços competitivos - e ainda, cria as bases para transformar a reexportação<sup>68</sup> em um dos setores mais importantes da economia nacional<sup>69</sup> (PENNER, 2006).

Nos anos oitenta, o comércio de reexportação se destaca e é possível notar um dinamismo efetivo deste setor que gera forte movimento turístico-comercial e que cria condições para o surgimento de casas de câmbio, bancos e financeiras (RAMIREZ, 2002).

Ainda na década de 80, registra-se a chegada dos imigrantes asiáticos que até hoje “comandam” a atividade comercial em Pedro Juan Benitez (1991, p. 124-125) coloca:

<sup>67</sup> Segundo Penner (2006, p. 9), há uma liquidação única dos impostos antes de ingressarem ao país “*Esta liquidación incluye todos los impuestos como los arranceles, el Impuesto al Valor Agregado, el Impuesto selectivo al consumo y el Impuesto a la renta[...]*”.

<sup>68</sup> Segundo Lamberti (2006, p. 42), “a reexportação se refere à entrada de mercadorias em um país produzidas em outro com o objetivo de serem vendidas ao exterior independente da ocorrência do processo de transformação ou não dessa mercadoria no país que importou”. Ou seja, não se destina ao mercado consumidor interno do país que as importou. Nesse sentido, o comércio de Pedro Juan Caballero é de reexportação. Mas utiliza-se a denominação turismo de compras já que se analisa esse movimento e não outras especificidades relacionadas a economia de reexportação. É pertinente ressaltar que “[...] *la actividad de reexportación contiene una parte importante de negocio ilícito (contrabando). Uma de las características del registro estadístico del comercio exterior del país es que la aduana no registra la mayor parte del ingreso de mercaderías para reexportación ni tampoco la salida de bienes vendidos a turistas o comerciantes brasileños – que representan buena parte de esta actividad-, ya que salen del país en forma de contrabando hormiga o via el turismo de compra*” (PENNER, 2006, p. 9). Segundo esse autor, o Regime de Turismo é a base para transformar a reexportação em um dos setores mais importantes para a economia do Paraguai.

<sup>69</sup> O setor de reexportação constituiu-se o principal setor gerador de divisas no Paraguai no primeiro quinquênio da década de 90 sendo que mais de 50% dos movimentos de câmbio realizam-se em Ciudad del Este (PENNER, 2006).

*Ultimamente, la actividad comercial se há visto bastante enriquecida en el aporte de gentes de procedencia asiática. Tal es así, que en la década del 80 se produjo una verdadera invasión de asiáticos, chinos de Taiwán, de Hong Kong, de coreanos, vietnamitas, que han revolucionado completamente el comercio de Pedro Juan, a tal punto de que actualmente son los que comandan prácticamente la actividad comercial y con todo éxito han logrado atraer a numerosos turistas procedentes del Brasil que vienen a adquirir los productos importados por estos nuevos comerciantes.*

Em 1994, segundo a Secretaria da Câmara da Indústria e Comércio de Pedro Juan Caballero (apud LAMBERTI, 2006, p. 67-68);

[...] a atividade comercial do lado paraguaio recebia em média 3.500 pessoas por dia e contabilizava o ingresso de aproximadamente US\$ 1 milhão em termos de vendas.  
A partir da metade dos anos de 1990, especificamente 1999, houve o arrefecimento do processo de desaceleração da atividade comercial...”

Esse arrefecimento é fruto da desvalorização da moeda brasileira que gera aumento no valor dos produtos importados durante o período citado<sup>70</sup>. Porém, a partir de 2003 inicia-se um momento de retomada das atividades e nos últimos dois anos o número de turistas/dia passou para 1.200, representando o ingresso de US\$ 250 mil (LAMBERTI, 2006). Há uma expansão dos investimentos no setor comercial.

Aliás, especificamente no caso de Ponta Porã, houve declaradamente uma intenção econômica de retomar o turismo dos anos 80 e 90, tendo claro que essa modalidade é importante para as duas cidades, já que pode aquecer o comércio de Pedro Juan Caballero e o setor hoteleiro de ambas, dentre outros serviços como restaurantes e transportes. Por certo prisma, é como se essa sociedade regional procurasse reencontrar o passado recente quando os visitantes se espremiavam pelas calçadas e ruas para as compras favorecidas pela paridade entre o dólar americano e o real (PAIXÃO, 2006, p. 120).

Além da questão cambial e dos preços competitivos a situação registrada em Cidade do Leste fronteira com Foz do Iguaçu influencia positivamente o aumento na abertura de lojas em Pedro Juan Caballero bem como o fluxo de turistas (COMÉRCIO, 2006).

---

<sup>70</sup> Para maiores informações a respeito de aspectos relacionados à economia brasileira consultar Giambiagi, Fábio (org). Economia brasileira contemporânea (1945-2004). Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

O problema de lá é que a fiscalização é rigorosa demais no lado brasileiro o que está espantando consumidores. Além disso, os constantes problemas registrados na Ponte da Amizade acabam espantando os consumidores que aqui, encontram maior tranquilidade para adquirir os gêneros que necessitam (MEDINA, 2006 apud COMÉRCIO, 2006, p. 05).

Balizando a atividade comercial, existe uma cota<sup>71</sup> de produtos que deve ser respeitada. Segundo Penner (2006), essa cota sofreu quatro alterações: em 1992 foi estabelecida em US\$ 500; em 1996, US\$ 250; em 1997, US\$ 150 e finalmente em 2006, US\$ 300. A cidade oferece vantagens em função de melhores políticas fiscais já que a carga tributária paraguaia é inferior à brasileira “Além disso, o tratamento tributário diferenciado dado aos produtos brasileiros que são exportados faz com que os mesmo produtos sejam vendidos dos dois lados da fronteira, porém com preços que chegam a ser até 50% inferiores no lado paraguaio” (LAMBERTI, 2006, p. 67). Os produtos oferecidos chegam a Pedro Juan Caballero por intermédio de representantes das importadoras localizadas em Assunción e Ciudad Del Este (LAMBERTI, 2006).

Segundo o Diário MS (COMÉRCIO, 2007), o atual momento é extremamente favorável em função da política cambial adotada pelo governo brasileiro que reduziu a diferença do Real em relação ao dólar. Segundo a Câmara de Comércio (COMÉRCIO, 2007), o volume de venda aumenta 20% ao ano desde 2003. Valor semelhante à atual cotação da moeda norte-americana só foi verificado há mais de seis anos.

Para Santos (2002), o uso define a excelência do território. Todos os aspectos citados – fatores econômicos, chegada de imigrantes, instalação de infra-estrutura adequada entre outros - permitem um processo de apropriação pela atividade turística transformando-o em território turístico.

---

<sup>71</sup> As cotas são regulamentadas pelo Governo Federal por meio de decretos e a Receita Federal divulga por meio de Instruções Normativas essas alterações. Segundo a Receita Federal, a cota refere-se exclusivamente a bens de uso ou consumo pessoal. Não pode ser usada para bens que revelem destinação comercial e tampouco vale para produtos pirateados ou de importação proibida.

### 4.3 Território turístico de Pedro Juan Caballero

O território é movimento, é construído no cotidiano. É um processo dinâmico no qual as relações sociais fazem parte dessa construção. Nesse sentido, o território de Pedro Juan Caballero foi sendo construído por diferentes processos como a Guerra do Paraguai, economia ervateira, o comércio e, finalmente, o turismo de compras.

De modo geral, o comércio entre cidades-gêmeas e mesmo o contrabando são feições muito comuns em faixas de fronteira pelo mundo afora. Deriva não só do fluxo de bens e pessoas, como da possibilidade de usufruir as facilidades proporcionadas por diferenças de normas entre sistemas territoriais. Uma das mais recentes (segunda metade do século XX) tem a ver com valores diferenciados de moeda, a chamada “economia da arbitragem”, que permite não só o comércio de bens como o comércio de moedas.

A transformação do Paraguai em um grande entreposto ou porto franco no pós-guerra foi uma forma de estimular o comércio transfronteira. Compradores seriam atraídos pelo preço baixo de produtos impossíveis de serem adquiridos no país de origem devido aos altos impostos que seus governos cobravam para desestimular as importações e incentivar a produção interna (BRASIL, 2005a, p. 239)

A cada momento verificou-se uma determinada configuração territorial, uma nova identidade bem como territorialidades que são definidas por dois territórios – brasileiro e paraguaio – marcados por diferentes “poderes”, leis, costumes e identidades.

[...] há contudo pelo menos dois conceitos sem os quais fronteira e limite perdem vida: território e territorialidade. Ou seja: se há uma fronteira é por haver contato entre territórios soberanos distintos. Entretanto o que constitui fundamentalmente essa distinção entre territórios é a territorialidade. E o que é a territorialidade? Ela pode ser concebida como amálgama de impulsos internos e estímulos externos, que se expressam pela sociabilidade e permitem a constituição da identidade de uma dada sociedade (MESQUITA, 1994, p. 70).

As territorialidades são geradas pelo processo de territorialização – apropriação do espaço geográfico – e ensejam identidades – no sentido de construção e pertencimento de um lugar. No caso da fronteira, definem-se diferentes territorialidades que são expressas nas práticas cotidianas pelos indivíduos no contexto social em que se inserem.

Os processos relacionados ao poder sobre territórios – o poder de afetar, influenciar, controlar o uso social do espaço físico – não criam homogeneidade ou uma qualidade única do território, nem mesmo, obrigatoriamente, geram um território, pois podem se “empilhar” tanto quanto articular-se em tensão constante ou gerar conflitos abertos. Ao contrário do território, que de alguma forma define “nós” e os “outros”, o “próprio” e o “não-próprio”, ou seja, carrega um sentido de exclusividade, a territorialidade é um processo de caráter “inclusivo”, incorporando novos e velhos espaços de forma oportunista e/ou seletiva, não separando quem está “dentro” de quem está “fora”. Por isso mesmo, a territorialidade de algum elemento geográfico dificilmente coincide com os limites de um território, embora possa justificar a formação de novos territórios (MACHADO et al, 2005, p. 91).

É o entendimento da historicidade de Pedro Juan Caballero bem como o processo de territorialização que permitem a definição de território turístico nessa área fronteiriça que, como qualquer outra possui um caráter complexo e contraditório (MELO, 1997). A cidade paraguaia, ao longo dos anos, passa por diversas fases que vão imprimindo as atuais características (conforme relatado no capítulo 1).

O território turístico de Pedro Juan Caballero, foi sendo configurado na medida em que o turismo foi se apropriando daquele espaço<sup>72</sup>. “O território nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Dessa apropriação, surgiram territorialidades decorrentes do uso do território fronteiriço pela atividade turística.

À medida que o turismo “usa” o território fronteiriço (SANTOS, 2002) novas relações sociais, econômicas, políticas e culturais se estabelecem. Os moradores sentem que a atividade já faz parte de seu dia-a-dia e da dinâmica da cidade paraguaia. A cidade e as pessoas vão mudando conforme a lógica estabelecida pelo turismo (aspectos que serão retratados no próximo capítulo).

#### **4.3.1 Espacialização do turismo de compras**

Em 1975, o comércio relacionado ao turismo de compras concentrava-se na Avenida Dr. Francia (linha de fronteira), que de 1975 a 1990 foi a principal rua do comércio paraguaio.

---

<sup>72</sup> Entende-se que espaço e território são categorias diferentes. Conforme Raffestin (1993, p. 143) “É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza em programa em qualquer nível). Ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa o espaço”.

Curiosamente, a ocupação e a urbanização da cidade também ocorreram ao longo dessa linha. Instalam-se casas comerciais e residências:

*[...] a medida que la ciudad crecía hacia el oeste, fueron surgiendo, paralelamente a la línea fronteriza, las calles y hoy se han convertido en las principales vías de circulación, tales como la Avenida Dr. Jose Gastar Rodriguez de Francia, Mariscal López y Carlos Antonio López. Estas vías están interligadas con la rua V de acceso a la ciudad que se constituye en el limite sur de la misma” (ROIG, 1984, p. 136).*

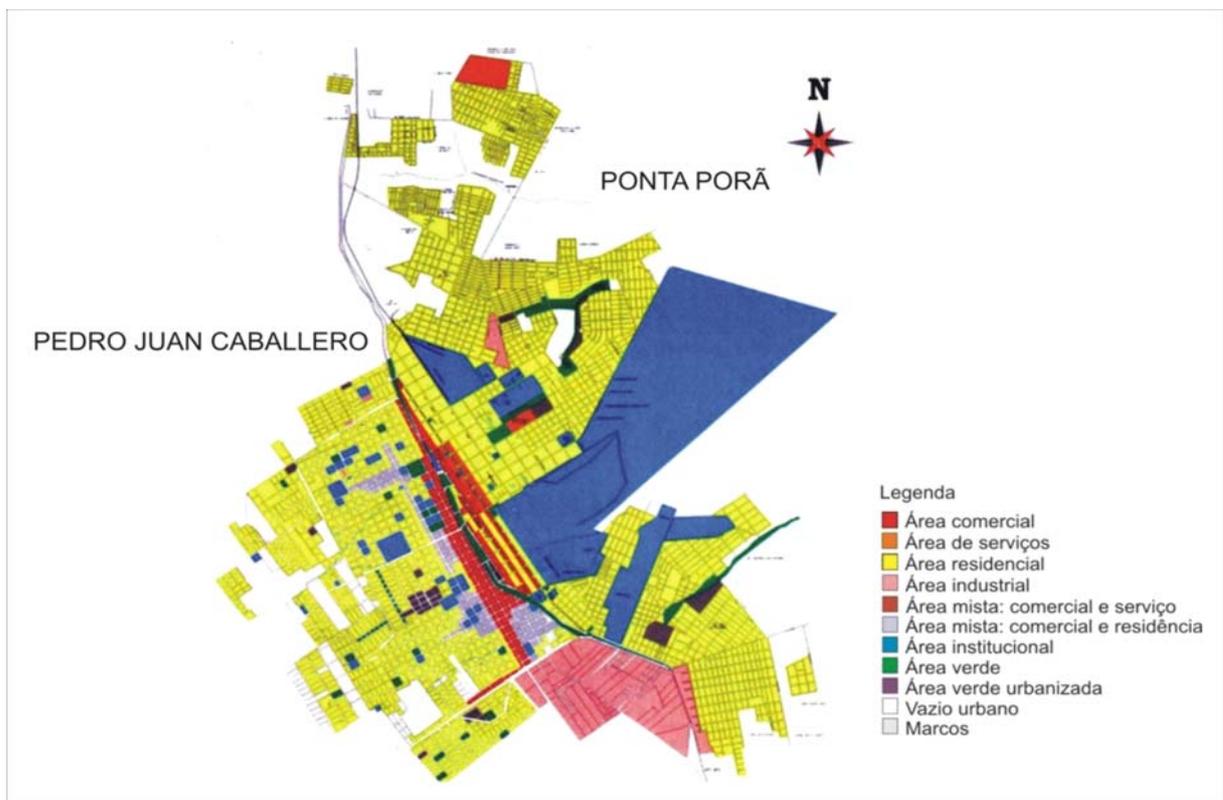


Figura 08: Traçado urbano das cidades gêmeas Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, 2005<sup>73</sup>.

Fonte: Prefeitura Municipal de Ponta Porã – Plano Diretor, 2005.

Nesse período, a rua Mariscal Lopez (segunda rua paralela à Av. Dr. José Gaspar Rodriguez de Francia) era pouco movimentada. O fluxo se concentrava na “Dr. Francia”. Segundo Medina (2006)<sup>74</sup>, a gradativa instalação na década de 90 do comércio informal – camelôs - nessa rua fez com que muitas pessoas optassem por abrir seus estabelecimentos comerciais na Rua Mariscal. A figura 09 mostra a Av. Dr. Francia sem a instalação do comércio informal.

<sup>73</sup> Figura sem escala.

<sup>74</sup> MEDINA, Tomás. Entrevista concedida a Patrícia Cristina Statella Martins. Pedro Juan Caballero, 2006.



Figura 09: Av. Dr. Francia sem os “informais”  
Fonte: OLMEDO, 1927. p. 248.

Esse comércio informal surge na década de 90 quando a prefeitura de Pedro Juan Caballero autoriza a instalação de camelôs na rua Dr. Francia. Cardona (2006)<sup>75</sup>, “[...] os campesinos abandonaram a área rural e vieram para a cidade, venderam a serra, venderam a terrinha que eles tinham que era pouca coisa e vieram porque havia como uma ilusão uma melhoria de vida da cidade. Então há um êxodo para a cidade e passam a trabalhar de forma informal”. Com a instalação dos camelôs, a avenida Dr. Francia deixa de ser a principal rua do comércio que passa a se concentrar também na Rua Mariscal – que até o presente momento não possui comércio informal (repare na Figura 10 como esta rua é mais livre, menos “congestionada”).

---

<sup>75</sup> CARDONA, Sacha Aníbal Benítez. Entrevista concedida a Patrícia Cristina Statella Martins. Pedro Juan Caballero, 2006.



Figura 10: Rua Mariscal Lopez, 2006.

Os camelôs se aglomeram dos dois lados da avenida Dr. Francia e se misturam com vendedores ambulantes. Estão tão próximos que cobrem praticamente toda a rua e, conseqüentemente, entrada e fachada do comércio formal. Na figura 11, é possível notar a aglomeração desse comércio do lado esquerdo da avenida. A figura 12 mostra claramente a maneira com que os informais bloqueiam a entrada e fachada do comércio regular de Pedro Juan Caballero.



Figura 11: Av Dr. Francia e o comércio informal (lado esquerdo da rua)



Figura 12: Av. Dr. Francia e o “desaparecimento” do comércio formal (lado direito da rua)

Outra expressão de tal informalidade é o shopping Mercosul, localizado exatamente na linha internacional:

Esse comércio possui do ponto de vista da infra-estrutura mais de duas centenas de barracas que se voltam ou para o lado brasileiro ou para o lado paraguaio. Aos fundos das barracas, além do vazio que é usado para a passagem e estacionamento de veículos de passeio e de turistas (ônibus), encontram-se dejetos e demais formas de resíduos sólidos cuja destinação não é adequada uma vez que ocorre o processo de queimada desses resíduos; além da ausência de vegetação ou qualquer tipo de indicativo de preocupação com o meio-ambiente (LAMBERTI, 2007)<sup>76</sup>.

Essa ocupação ao longo da linha internacional<sup>77</sup> é considerada desordenada. São milhares de pequenos comerciantes (principalmente do lado paraguaio) vendendo bebidas, cigarros, roupas, calçados, alho, CDs e DVDs. Em função da política cambial favorável ao

<sup>76</sup> LAMBERTI, Eliana. Entrevista concedida a Patrícia Cristina Statella Martins. Dourados, 2007.

<sup>77</sup> Este assunto tem gerado polêmica e despertou a atenção das autoridades paraguaias que tentam encontrar uma alternativa econômica para os camelôs caso tenham que se retirar da linha internacional. A ocupação do lado brasileiro também preocupa autoridades – são 500 pessoas que vivem da comercialização de pequenos artigos incluindo produtos importados (o que contraria legislação brasileira). A prefeitura de Ponta Porã possui um projeto de urbanização para o local para transformá-lo em ponto de atração turística. Mas disse não ter condições de agir por falta de recursos e alternativas para oferecer aos comerciantes que teriam que ser retirados (OCUPAÇÃO, 2007).

turismo de compras, o número de comerciantes tem aumentado e a linha internacional tem se transformado em um verdadeiro “camelódromo” (OCUPAÇÃO, 2007, p. 8).

Além da preocupação estética - segundo a Prefeitura Municipal de Ponta Porã (OCUPAÇÃO, 2007), bem como dois entrevistados - a linha internacional deveria ser o cartão postal desse território turístico. Porém tanto o Shopping Mercosul quanto esse comércio informal da Avenida Dr. Francia são compostos por diferentes tipos de irregularidades e conflitos (LAMBERTI, 2007).

Apesar de todas essas peculiaridades, é na Avenida Dr. Francia e na Rua Mariscal Lopez juntamente com as transversais que vão das ruas Yegros, Iturbe, Perpetuo Socorro, 14 de Mayo, Curupayty, Mcal. Estigarribia e Julia C. Estigarribia que o fluxo relacionado ao turismo de compras está concentrado<sup>78</sup>. Ressalta-se que um dos locais mais procurados pelos turistas durante suas compras – Shopping China – no início desta pesquisa localizava-se dentro da área mencionada, mas, durante a realização desse estudo inaugura-se novo empreendimento localizado na entrada da cidade. Por ser um dos locais freqüentado pelos turistas e apresentar características que devem ser comentadas,<sup>79</sup> foi incluído na pesquisa

A figura 13 mostra a planta urbana de Pedro Juan Caballero ilustrando a área pesquisada e a linha de fronteira.

---

<sup>78</sup> Constatação feita durante trabalho de campo.

<sup>79</sup> Com a inauguração da nova localização (julho de 2005), o empreendimento até então conhecido como Casa China passa a denominar-se Shopping China. O estabelecimento passa a oferecer além da variedade de produtos importados outras facilidades que para Moletta e Goidanich (2003) são importantes – e algumas essenciais - para a atividade de turismo de compras: estacionamento, praça de alimentação, segurança, posto de gasolina, área recreativa para crianças, laboratório fotográfico, tabacaria, salão de cabeleireiro.

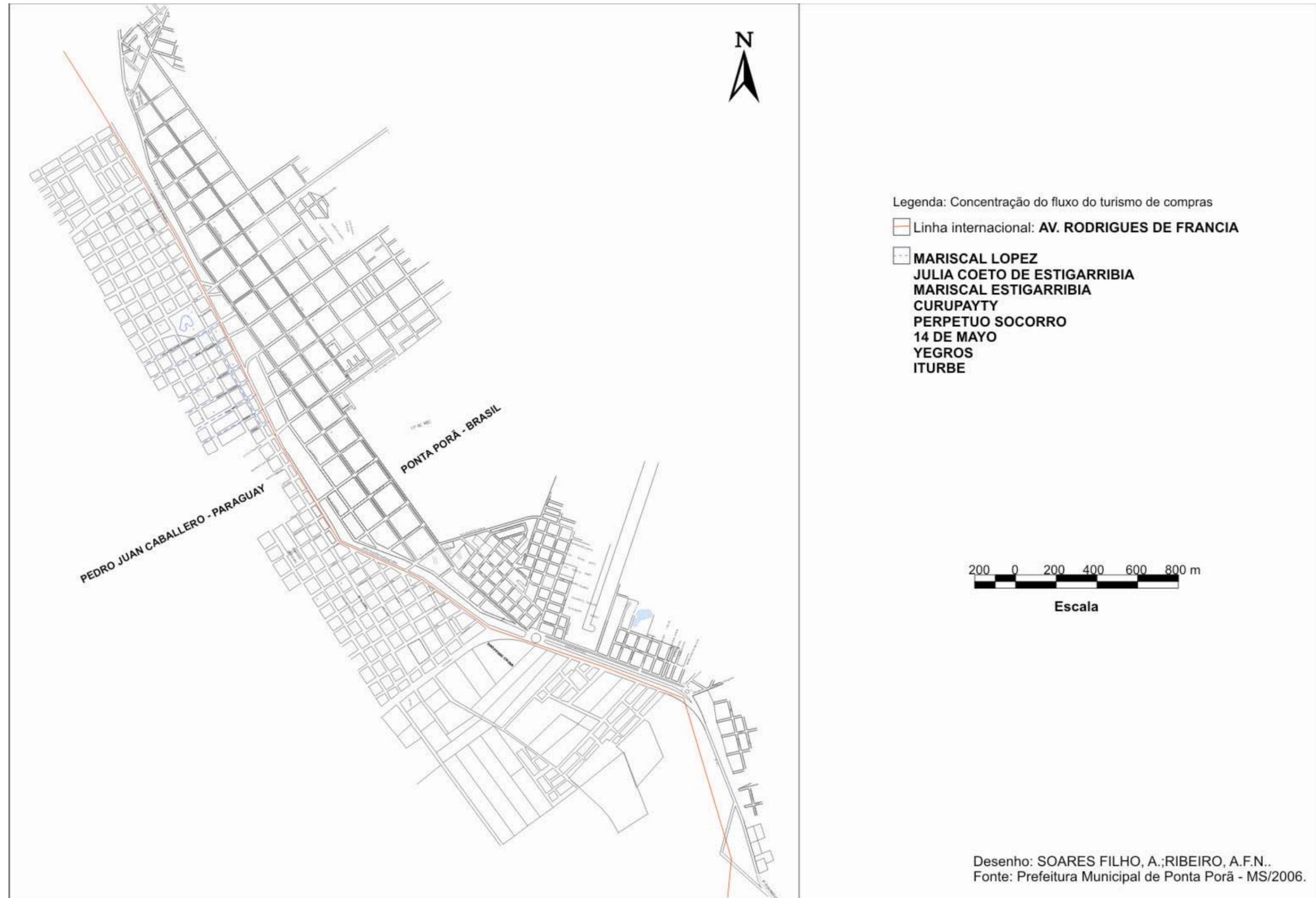


Figura 13: Concentração do Fluxo de Turismo de Compras

E é a respeito de algumas particularidades e aspectos do turismo de compras que trataremos no próximo capítulo. O capítulo 5 retratará tais particularidades a partir da visão dos entrevistados. Aspectos que permeiam seu cotidiano, que dizem respeito aos costumes dos cidadãos pedrojuaninos, as alterações na cidade e que se refletem na consolidação do território turístico de Pedro Juan Caballero.

## **CAPÍTULO 5**

### **AS TERRITORIALIDADES DECORRENTES DO TURISMO DE COMPRAS NA FRONTEIRA VIVA DE PEDRO JUAN CABALLERO**

Neste capítulo, pretende-se apresentar as territorialidades que surgiram em decorrência do turismo de compras na fronteira Pedro Juan Caballero e Ponta Porã. Verificar a participação da atividade turística na produção de tais territorialidades e na alteração do cotidiano de sua gente torna-se ainda mais instigante por estarmos falando de cidades próximas. E essa proximidade, como define Santos (2002), não se limita a distâncias, mas diz respeito também à contigüidade física entre pessoas numa mesma extensão, vivendo com a intensidade de suas inter-relações que vão além das relações econômicas. “Em áreas de fronteira internacional como a que aqui está sendo focalizada, a relação com a ‘alteridade’, com o Outro, do outro lado da divisória, é decisiva na configuração das relações sociais como um todo” (MACHADO et al., 2005, p. 93).

Relações essas pouco conhecidas justamente pelo estigma que as fronteiras sempre tiveram enquanto lugares de tensão, problemas administrativos, políticos, jurídicos, de segurança, entre outros.

Vale ressaltar, que as alterações na vida das pessoas não provêm apenas do turismo. Conforme Greenwood (1995 apud BANDUCCI JÚNIOR, 2001b, p. 77):

Analisando a atividade a partir de seus efeitos sobre culturas particulares, Greenwood ressalta que não se pode tomar os valores, hábitos e comportamentos de uma dada comunidade como estáticos avessos a mudanças, e a partir daí, imputar à presença do turismo a causa de toda e qualquer alteração positiva ou negativa que porventura nela venha a ocorrer. Cabe ao pesquisador perguntar-se se as mudanças que presencia numa determinada cultura são de fato decorrentes da atividade turística ou se são resultado de outros aspectos e circunstâncias a ela associados, devendo estar atento à multiplicidade de fatores determinantes do fazer social, bem como do próprio fenômeno turístico. Num mundo globalizado são inúmeras as variáveis – de ordem social, econômica, religiosa, militar, tecnológica, entre outras – que atuam sobre comunidades locais operando mudanças, promovendo desequilíbrios sociais e ambientais.

Entende-se que a atividade turística molda a dinâmica da vida local, interferindo nas relações socioculturais já estabelecidas e no processo de transformação de tais territórios (conforme relatado em capítulo anterior). Sendo assim, analisaram-se essas territorialidades

sob o aspecto cotidiano daqueles que estão envolvidos direta ou indiretamente com a atividade turística há, pelo menos, vinte anos.

### 5.1 Olhares pedrojuaninos

Caracterizar ou retratar uma Fronteira Viva (OLIVEIRA, 2005) como a de Pedro Juan Caballero, sob a perspectiva daqueles que moram e que estão envolvidos direta ou indiretamente com uma das atividades que mantêm tal vivacidade – o comércio – configura-se um desafio interessante.

São brasileiros e paraguaios que se misturam diariamente convivendo com duas nacionalidades e três idiomas<sup>80</sup> (guarani, português e espanhol), usando-os conforme as circunstâncias<sup>81</sup> (GOIRIS, 1999). *“El fronterizo piensa y habla en forma diferente, a veces mezclando al hablar el guaraní con el portugués o el castellano con el portugués”* (BENITEZ, 1991, p. 60). Aspecto que, para Goiris (1999), demonstra a singularidade do pedrojuanino, já que em nenhuma outra cidade paraguaia existe essa oportunidade.

Para o fronteiriço, noções de espaço e nacionalidade muitas vezes são tão abstratas quanto à idéia de uma linha que separa o país (MULLER, 2005, p. 584):

O próprio conceito de fronteira é empregado de modo diferenciado por quem não é morador desse tipo de espaço e por um habitante desses locais. Para aqueles que vivem nestes lugares, a linha divisória é tênue e não passa necessariamente pela demarcação geopolítica. Eles se dizem “da fronteira...”

As pessoas entrevistadas afirmaram que a fronteira é o único local que oferece facilidades mas, também, dificuldades. Citaram como facilidades o acesso a mercadorias

<sup>80</sup>Para Goiris (1999) o guarani não é tão falado por ter sido perseguido por Dr. Francia e Carlos Antônio Lopez. Aqueles que o falavam eram motivo de gozação. Fomentou-se o espanhol como sendo o idioma oficial e único. Tal fato reflete no atual sistema educativo do espanhol. Apesar das limitações, o idioma guarani tem sido um elemento essencial para conservar a identidade cultural da sociedade pedrojuanina. Mas é o espanhol que possibilita os estudos universitários e favorece as relações comerciais, sociais e turísticas.

<sup>81</sup>Fato presenciado pela pesquisadora inúmeras vezes durante o período de trabalho de campo. Pessoas mesclavam português, espanhol e muitas vezes quando não queriam compartilhar determinadas informações ou observações, mas sentiam necessidade de conversar sobre o assunto com outro paraguaio ali presente, faziam-no em guarani.

importadas mais baratas; possibilidade de se aprender pelo menos dois idiomas (português e espanhol); conviver com duas culturas; poder escolher em qual país estudar.

Para um dos entrevistados as facilidades são as mesmas das outras cidades. Para outro, (o mais otimista, podemos dizer) só existem facilidades “acho uma maravilha morar aqui. Comunicação, informação. Se morasse no interior seria diferente”.

Quanto às dificuldades, dois entrevistados citaram as leis; para outros dois não há dificuldades “Quem não mexe com porcaria vive tranquilo”. Com relação às leis, uma das entrevistadas cita o exemplo do Shopping Mercosul. Segundo ela, pessoas não pagam nada e o local possui diversos tipos de estabelecimentos “Cresci ouvindo que lá era terra de ninguém e agora estão lá (são costas quentes)”.

Esses moradores freqüentam ambos os lados semanalmente por motivos diversos como ir ao supermercado (atividade citada por cinco entrevistados). Outras atividades são passear; visitar amigos e parentes; ir a restaurantes; abastecer o carro; ir ao cassino. Timothy (2006, p. 12) fala dessas características em áreas de fronteira:

*A couple of unique patterns are associated with cross-border shopping. First, there appears to be a notable spatial pattern, wherein the closer a person lives to the border, the more frequently he/she will cross for smaller item (e.g. petrol, groceries, and cigarettes). The further one lives from the border, the less frequently he/she will cross, but the items purchased will be bigger (e.g. clothing, electronics and appliances).*

As pessoas freqüentam os supermercados do lado paraguaio e compram roupas, calçados, móveis e eletrodomésticos do lado brasileiro<sup>82</sup>

Ressalta-se que todos os entrevistados afirmaram que na cidade existe o turismo de compras, mas ao serem questionados sobre o que seria turismo não souberam responder. Apenas um respondeu à questão “Turismo atividade que implica entretenimento, lazer, distração. Tempo ocioso, visita-se lugares. Aqui há o turismo de compras e cassino”. Na visão de um dos entrevistados, é importante incentivar a atividade para que ela seja mais bem aproveitada.

Ao serem questionados sobre quem são os freqüentadores da cidade em busca desse turismo de compras, os entrevistados disseram que a maior parte é para consumo próprio

---

<sup>82</sup> Segundo informações obtidas durante a pesquisa de campo, tais itens são comprados do lado brasileiro pela possibilidade de se parcelar. Do lado paraguaio, com exceção de duas lojas que recentemente e apenas para alguns clientes aceitam parcelamento, os pagamentos são exigidos à vista.

(principalmente com dólar favorável) e fluxo ocorre principalmente durante feriados brasileiros, férias de julho e dezembro. Essa fala vai ao encontro da fala dos turistas e com o que se verificou durante a pesquisa de campo. Pessoas compram para consumo próprio e há aumento do fluxo turístico durante período de férias e feriados. Mesmo assim, Pedro Juan Caballero ainda recebe alguns sacoleiros “Hoje pessoas compram para consumo próprio. Poucos sacoleiros. Não é mais como antigamente (recebíamos de 15 a 20 ônibus por dia). Hoje fiscalização é maior”.

Dois entrevistados disseram que outras modalidades como o turismo ecológico e cultural deveriam ser incentivadas. “Para ter turismo tem que ter atração. Aqui poderiam incentivar o turismo rural (pelo agronegócio) e relacionado a guerra. Hoje só tem o turismo de compras (que é em função do dólar). Deveria ter Centro de Convenções. Compras e cassino seriam atrações”.

Ainda na mesma questão sobre o que seria turismo para o entrevistado, havia as perguntas “Qual tipo de turismo? Quando e como começa esse turismo?” e apenas um único entrevistado trouxe mais detalhes a respeito da atividade “ontem e hoje”. Segundo ele, “Não mudou. Mesmas pessoas. Compram perfumes, porcelana, eletrônicos (mais recentemente). O movimento começa próximo à antiga China<sup>83</sup> (localizada próxima a antiga Casa dos Pueblos) longe do centro. A maior casa era a dos Pueblos. D. Tereza<sup>84</sup> também manteve o negócio da família “Não tinha camelôs, era uma maravilha, era um pasto, grama linda, divisa era bonita. Os estrangeiros já haviam chegado na cidade”.

Surpreenderam-nos as respostas quando questionados “Nos últimos 26 anos (de 1980 para cá), houve alguma alteração no fluxo de turistas em Pedro Juan? Como essa alteração mudou/interferiu na sua vida pessoal? E na profissional? Foi bom ou ruim?”. Foram respostas totalmente diferentes. Uma delas extremamente sucinta “Sim. Aumentou. Aprendi mais com a experiência”. Uma delas com mais detalhes:

---

<sup>83</sup> Localizada na rua Julia C. Estigarribia esquina Av. Dr. Francia e Mariscal Lopez.

<sup>84</sup> A entrevistada ficou em dúvida se D. Tereza foi mãe ou avó do Sr. Felipe Cogorno atual proprietário do Shopping China (verificamos que D. Tereza é a mãe do Sr. Felipe. A entrevistada se referiu à continuidade do negócio mesmo após a morte de seu marido que era neto do fundador do empreendimento). O comércio foi fundado em 1934 com o nome de Casa Nipon. É uma das mais antigas firmas comerciais. Em 1940 passa a denominar-se Casa China, e em Julho de 2005, Shopping China.

Muda totalmente a forma de vida. Vem gente de fora, e esse fluxo fez com que as pessoas aumentassem seu poder aquisitivo (mesmo com continuidade dos problemas sociais). Já não tem horários para trabalhar. É um avanço. Alguns feriados passam a abrir. O hábito da siesta<sup>85</sup> muda (comércio não fecha mais). Há quatro Universidades, tudo consequência do fluxo, do crescimento.

Uma das entrevistadas cita novamente o novo Shopping China “Pensou-se que o centro morreria. Mas fluxo aumentou. Cidade está mais viva”.

A entrevistada bem como outros comerciantes<sup>86</sup> temiam uma diminuição do fluxo de turistas no centro da cidade - figura 13 - já que esse empreendimento localiza-se na entrada da cidade e oferece diversas facilidades e vantagens em um único lugar. Constatou-se que até o presente momento isso não aconteceu.

As outras duas respostas retratam aspectos positivos decorrentes da movimentação dos turistas que conseqüentemente traz algumas alterações na vida dos entrevistados e na cidade paraguaia. Para os entrevistados, eles precisam se adaptar e o que mais se aprende é a diversidade de temperamento, caráter e nível cultural. Mudou, mas não é ruim “Tinha o hábito da siesta. Mas diminuiu pelos turistas. São exigências da globalização<sup>87</sup>. Não podemos dormir –siesta-, deixar de trabalhar nos feriados. Há maior dinâmica, produção”. A cidade nunca teve tanta estrutura como agora, e uma dessas pessoas atribui isso ao turismo de compras que melhorou qualidade de vida e nível econômico. Ressalta que Pedro Juan Caballero tem clima de cidade universitária, possui mais movimento. São nove universidades que oferecem juntas 23 cursos (sendo medicina e odontologia os de maior prestígio “Antigamente não havia esse movimento”.

Pode-se dizer que as alterações nos hábitos, como a siesta e trabalhar em alguns feriados, são territorialidades decorrentes do turismo de compras. Constatou-se que esses hábitos foram mudando. A cultura paraguaia possui alguns hábitos que são diferentes dos da cultura brasileira. O horário de trabalho é um desses hábitos. O comércio de Pedro Juan Caballero costumava fechar das 12 às 15h para que se pudesse fazer a sesta e para que toda a família pudesse almoçar junta.

O comércio não fecha mais no horário de almoço, as famílias se revezam e almoçam separadamente<sup>88</sup>. Algumas pessoas levam a refeição e comem ali mesmo no trabalho.

---

<sup>85</sup> Descanso após o almoço.

<sup>86</sup> Dados obtidos durante pesquisa de campo feita em julho de 2005 logo após a inauguração do Shopping China.

<sup>87</sup> Questionou-se o que seria globalização para esse entrevistado. Para ele, é assimilar hábitos internacionais padrões. Principalmente de cidades grandes. É uma tendência.

<sup>88</sup> Muitas lojas caracterizam o que se denomina comércio familiar.

Atualmente, parte do comércio funciona aos domingos no período matutino e em quase todos os feriados. Aos domingos, não se trabalhava na cidade “até os restaurantes fechavam” (OCAMPOS, 2006)<sup>89</sup>. Nos feriados de 14/05 (Independência Paraguaia), Sexta-Feira Santa<sup>90</sup>, 25/12 e 01/01 não se trabalhava. Havia uma resolução na Prefeitura que determinava que quem abrisse ganhava multa: “era uma ordem” (OCAMPOS, 2006).

Esses feriados continuam a ser respeitados com exceção de 14/05 – Independência Paraguaia – em que tradicionalmente ocorre um desfile cívico. Não obstante isso o comércio permanece aberto.<sup>91</sup> “O comércio não vem fechando as portas por conta destes feriados e apostamos na recuperação da nossa economia. Com a baixa do dólar e o aumento da cota, isso vem acontecendo” (MEDINA, 2005 apud RUBENS, 2005, p. 5).

Timothy (2006) em seus estudos verificou que feriados como Natal e Páscoa tendem a apresentar alto nível de consumo. Durante o Natal tal fato também é realidade em Pedro Juan Caballero porém, durante a Páscoa – conforme mencionado anteriormente - o comércio permanece fechado. Os pedrojuaninos possuem alguns rituais próprios das comemorações da Semana Santa – vizinhos e amigos se visitam e são recebidos com a “chipa paraguaia” – e na Sexta-feira Santa homenageiam seus mortos (BANDUCCI; JÚNIOR; ROMERO, 2005, p. 527);

No Paraguai, na Semana Santa não se pode correr, atirar pedras, gritar, fazer fogo (só o necessário para o mate) pois estes procedimentos correspondem em última instância, a pisar, atirar pedras e maltratar a Deus. É um período sagrado, marcado pelo comedimento e por sacrifícios, ainda que, da mesma forma, por fortes manifestações de estímulo ao contato social

Tais alterações em relação aos dias e horários de funcionamento, vão ao encontro da realidade de outras áreas fronteiriças que oferecem horários diferenciados como forma de atrair turistas (MICHALKO; TIMOTHY, 2001; TIMOTHY; BUTLER, 1995 apud TIMOTHY, 2006). “*Also, levels of cross-border shopping tend to be higher during long breaks, such as summer vacation and major holidays, suggesting that there is a significant*

---

<sup>89</sup> OCAMPOS, Dionísia A. L. Entrevista concedida a Patrícia Cristina Statella Martins. Pedro Juan Caballero, 2006.

<sup>90</sup> Inclusive a partir da quinta-feira após o almoço.

<sup>91</sup> Ressalta-se que durante pesquisa de campo algumas pessoas disseram que mesmo durante esses feriados alguns camelôs trabalham. Mas no comércio em geral (formal) esses dias são respeitados.

*pleasure element involved rather than it being simply a rational economic activity*” (TIMOTHY, 2006, p. 12).

Os hábitos vão sendo alterados, alguns adaptados para atender ao turista. Ocampos (2006) justifica ainda que essa alteração é necessária, para que os comerciantes possam pagar seus funcionários. Essa mudança vai ao encontro do comportamento dos turistas que tendem a se deslocar para realizar compras em Pedro Juan durante feriados e férias escolares como julho e dezembro.

Segundo Medina (2006)<sup>92</sup>, “o paraguaio muda seu comportamento - fica mais aberto ao brasileiro e conseqüentemente atende melhor os turistas”. Essa fala corresponde às impressões dos turistas com relação ao que muda na cidade de Pedro Juan Caballero. E tanto pelo olhar do turista como pela fala dos entrevistados, é algo positivo. Essa também pode ser considerada uma das territorialidades que surgem do contato com os turistas em função da necessidade de se comunicar e de se atender cada vez melhor.

Os entrevistados concordam que houve alterações positivas decorrentes da atividade turística.

Antes lojas do Paraguai não se preocupavam com marketing, vitrine e limpeza. Não se via promoção. Em Ponta Porã rede hoteleira aumenta (de 1990 a 1997 novos hotéis são construídos). Hoje há bares e restaurantes em Ponta Porã e alguns em Pedro Juan Caballero. De 1980 para cá, novas casa boas em Pedro Juan [sic]. Ganharam mais com o comércio.

Para um deles, a melhoria das cidades é algo normal, e é atribuída a sua evolução natural. Tais alterações, dizem respeito à infra-estrutura das cidades, ao comportamento do pedrojuanino que trabalha diretamente com o turista. Jamais cidade teve estrutura como agora. Apesar de reconhecer a mudança, um dos entrevistados ressalta que falta muito para excelência (referindo-se a restaurantes e hotéis e ao problema em relação ao comércio informal). Tal aspecto também vai ao encontro de algumas das colocações feitas por turistas.

Essas alterações positivas na vida das pessoas e na cidade também foram constatadas pela Câmara de Comércio de Pedro Juan Caballero (COMÉRCIO, 2007). Para a entidade, a melhoria na qualidade de vida é visível no comportamento das pessoas “Alguns setores como o de revenda de motocicletas e o crescimento de financeiras com pessoas buscando crédito para investir na realização de sonhos de consumo há algum tempo reprimidos são exemplos

<sup>92</sup> MEDINA, Tomás. Entrevista concedida a Patrícia Cristina Statella Martins. Pedro Juan Caballero, 2006.

de que a situação está melhorando” (TOMAZ MEDINA, 2007 apud COMÉRCIO, 2007, p. 4). Outro comportamento observado é o ingresso cada vez maior de jovens em cursos universitários, fato atribuído também ao ganho proporcionado pelas vendas. O poder aquisitivo daqueles envolvidos diretamente com o comércio está melhorando e tem injetado recursos na economia tanto de Pedro Juan Caballero como de Ponta Porã.

Outros dados interessantes a respeito da sociedade pedrojuanina devem ser comentados. Todos os entrevistados, independente da nacionalidade, afirmaram que o fronteiriço é diferente dos outros paraguaios “Quem vive aqui fala guarani, português. Mescla de culturas. Não há essa facilidade de comunicação em outro lugar. Há integração (se casam) o que é interessante para evitar discórdia”.

*Fronterizo, una palabra que llama la atención. Resulta que en la frontera hay un modus vivendi, entonces el fronterizo tiene una característica especial; piensa y obra, muy diferente que las gentes que vienen del interior del país o que viven en el interior del país. Por varios motivos; convivimos aquí con nuestros hermanos de Ponta Porã y eso hace que tanto lso de este lado, como los de allá, tengan una mentalidad original, de aquí, de la frontera (BENITEZ, 1991, p. 59).*

O idioma é um dos responsáveis por essa diferença, há um “jogo de cintura” conforme palavras de um dos moradores “Aqui é uma cultura diferente. Nós assimilamos a cultura brasileira e por isso somos diferentes. Somos únicos. Nossa linguagem é uma mistura”. Ainda a esse respeito, uma entrevistada – brasileira - acrescenta “Paraguaio tem mais facilidade para falar português do que os brasileiros o espanhol. São acessíveis a nossa cultura assimilando-a”. A percepção de que os paraguaios aderem mais à cultura brasileira do que vice-versa também foi compartilhada por outro entrevistado “ Do mesmo jeito que os brasileiros aqui são diferentes. Cidades são peculiares, muita coisa é diferente: duas línguas, duas moedas, dois costumes. Os costumes paraguaios vêm mais do que os brasileiros vão para lá”. Entende-se que os costumes se mesclam (como o habito de tomar tereré, bem como a culinária) mas brasileiros aprendem o espanhol na mesma proporção que os paraguaios aprendem o português e não se inserem “do lado de lá” como os paraguaios o fazem.

Percebe-se que algumas alterações decorrem diretamente do aumento do fluxo de turismo e outras decorrem do e crescimento da cidade paraguaia. Conforme os relatos, tais mudanças são positivas tanto do ponto de vista físico de Pedro Juan Caballero como na vida dos pedrojuaninos.

Por mais que não percebam, o turismo permeia o cotidiano desses cidadãos e reflete na organização da cidade e no incremento do comércio. Os horários de trabalho e descanso são modificados bem como o comportamento daqueles que trabalham envolvidos com a atividade turística. Do ponto de vista dos próprios moradores, é algo positivo. O pedrojuanino está mais aberto, comunicativo, e melhora sua qualidade de vida (ganham mais, consomem mais e isso reflete na economia de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero). O comércio passa a se preocupar com seu visual, com o atendimento. Novas lojas são instaladas e outras são reformadas para melhor atender ao turista.

Esta pesquisa não tem o intuito de julgar ou não se a formação desse território turístico bem como as territorialidades decorrentes dessa constituição são positivas, negativas etc. O objetivo é registrar a maneira com que a atividade turística tem agido no dia-a-dia desses pedrojuaninos e de certa forma impressa na configuração física da cidade de Pedro Juan Caballero.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comércio de produtos importados expresso pelo turismo de compras transforma o território de Pedro Juan Caballero em um território turístico.

O fenômeno do turismo é mais amplo do que pressupõem seus próprios atores, os pedrojuaninos. Não apenas do ponto de vista econômico mas também do social, cultural e político. Está presente em pequenos detalhes e comportamentos de seu cotidiano o que nos permite identificar algumas territorialidades decorrentes desse processo<sup>93</sup>.

Territorialidades pressupõem culturas, relações. Fala-se em territorialidades como o hábito da siesta que nem sempre é praticado frequentemente; comportamento do pedrojuanino que muda positivamente e melhora de sua qualidade de vida; novas alterações do ponto de vista físico de Pedro Juan Caballero como locais para lazer; oportunidades de estudo; e o próprio comércio que passa a ter uma preocupação com sua estética e com atendimento oferecido. Os territórios fronteiriços vistos não apenas como limites físicos são grandes temas a serem descobertos por suas particularidades, similaridades, complementaridades, diferenças.

Particularidades relativas ao tipo de fronteira, à motivação dos turistas que a freqüentam – já que pode ser a fronteira em si ou outras atividades - , as ações de planejamento e gestão que devem considerar os países envolvidos, concentrando esforços e evitando que direcionamentos e construções ou infra-estrutura sejam feitas em duplicidade . Em algumas fronteiras, a similaridade de línguas poderá ser um fator que motive ou impeça um turista de visitá-la.

É necessário considerar não apenas os aspectos econômicos (que geralmente são os primeiros a serem lembrados) mas também aspectos sociais, legais e culturais. Enfoques além da questão econômica que geralmente se preocupa em analisar taxa de câmbio, tarifas, cotas, tecendo comentários sobre a competitividade entre os países e muitas vezes sugerindo restrições a cruzar fronteiras.

Raramente se analisa o comportamento das pessoas que compram, as motivações que as levaram a comprar, o que compram e qual o sentimento que esta por trás desse consumo “[...] os consumistas nas sociedades capitalistas sabem, atualmente, que não precisam daquilo que compram” (MAC CANNEL, 1992 apud BURNS, 2002, p. 68). Faltam, inclusive, análises referentes aos produtos falsificados, afinal “*la garantia soy yo*”.

---

<sup>93</sup> Lembrando que não é fruto única e exclusivamente do turismo.

Outras análises a respeito da atividade turística em territórios fronteiriços poderão se concentrar: nas características daqueles que trabalham diretamente com o turismo; nas políticas públicas direcionadas a atividade e a atuação do Mercosul nesse contexto; percepções mais aprofundadas sobre segurança e alimentação (algumas pessoas tem receio de comer a comida de cidades fronteiriças).

Tecnicamente ou estatisticamente, é preciso rever o conceito de turista e excursionistas considerando as especificidades destas áreas. A maioria dos visitantes não pernoita (característica também verificada por TIMOTHY; BUTLER, 1995; TIMOTHY, 2006) e segundo estatística oficial proposta pela Organização Mundial de Turismo não poderiam ser considerados turistas. Na realidade, a definição proposta para turistas, decorre do modelo de estatísticas que são feitas pelo número de pernoites. Mas a própria Organização Mundial de Turismo (2001, 2003) afirma que ainda existe confusão sobre essas definições fundamentais. Estados de um mesmo país podem usar definições diversas para coleta de dados ao elaborarem suas estatísticas. A mudança das definições segundo Rejowski e Barretto (2001, p. 12), “[...] atendem necessidades de ordem prática, como a de facilitar a confecção de estatísticas”. Nesse sentido, as estatísticas em áreas fronteiriças deveriam considerar o fato que a maioria dos visitantes não pernoitam.

Porém esses visitantes se comportam como turistas e utilizam toda a infra-estrutura disponível (exceto hoteleira). Independente de pernoitarem ou não deveriam ser considerados turistas (TIMOTHY; BUTLER, 1995; TIMOTHY, 2006).

Ainda em Pedro Juan Caballero cabe indagar o porquê esses turistas apesar de freqüentarem a cidade há anos, vão sempre aos mesmos lugares e realizam sempre as mesmas atividades durante o período em que compram. Seria possível iniciar tal questionamento baseando-se em Urry (2001, p. 71):

O olhar turístico contemporâneo é cada vez mais sinalizado. Existem marcos que identificam as coisas e os lugares dignos de nosso olhar. Essas sinalizações identificam um número relativamente pequeno de pontos centrais turísticos. O resultado é que a maior parte dos turistas se concentram em uma área muito limitada.

Os pesquisadores que se aventurarem por esta temática, precisam encontrar maneiras que os permitam conhecer melhor o povo fronteiriço bem como os turistas que freqüentam tais lugares. Maneiras que não os façam sentir-se intimidados ou receosos. Por parte dos

moradores, o receio decorre do desconhecimento e do fato por haver atividades ilegais derivadas da lógica funcional que permeiam o dia-a-dia desta fronteira. Por parte dos turistas, porque muitas vezes pretendem levar além da cota permitida, e talvez não se sintam a vontade de falar, contribuir em trabalhos e sobretudo por estarem em seu momento de descanso.

Procurou-se oferecer parâmetros, idéias e mostrar limitações da pesquisa em áreas de fronteira que requerem convivência direta pra maior aprofundamento, confiança por parte de moradores e turistas.

Se a temática fronteira ficou esquecida (MARTIN, 1992; PAIXÃO, 2006) e recentemente volta a ser objeto de preocupações, que não dizer da temática turismo e fronteiras. Faz-se necessário retratar, conhecer e iniciar pesquisas que analisem as pessoas que ali estão (turistas e/ou moradores). Tal abordagem permitirá visualizar como se comportam os lugares que constituem objeto desses olhares e quais as relações com outras práticas sociais (URRY, 2001).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABINZANO, Roberto Carlos. *Las regiones de frontera: espacios complejos de la resistencia global*. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites**. Estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 113-130.

ANDRADE, José Vicente de Andrade. **Turismo**. Fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 2001.

ARROYO, Mônica. A internacionalização do externo no ambiente dos negócios: novos elementos na dinâmica territorial. In: CASTELLO, Iara Regina et al. (orgs). **Fronteiras na América latina: espaços em transformação**. Porto Alegre: UFRGS/ Fundação de Economia e Estatística, 1997. p. 27-43.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. Turismo e antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCCI, JÚNIOR, Álvaro; BARRETTO, Margarita (orgs). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001a. p. 21-47.

\_\_\_\_\_. Turismo da pesca e suas contradições no Pantanal Mato-Grossense. In: BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro; MORETTI, Edvaldo César (orgs). **Qual paraíso? Turismo e Ambiente em Bonito e no Pantanal**. São Paulo: Chornos; Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001b. p. 75-99.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro; ROMERO, Arnaldo. Culto aos mortos na fronteira entre Brasil e Paraguai: os rituais da Sexta-Feira Santa em Pedro Juan Caballero. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites**. Estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005. p. 511-538.

BENITEZ, Apolônio Jimenez. Testimonios Nordestinos. **Imprenta Salesiana**, Asunción – Paraguay, mar. 1991.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**: bases de uma política integrada de desenvolvimento regional para a faixa de fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005a.

\_\_\_\_\_. Ministério do planejamento, orçamento e gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. 2005b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>> Acesso em: jul. 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Segmentação do Turismo**. Marcos Conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BURNS, Peter M. **Turismo e antropologia**: uma introdução. São Paulo: Chronos, 2002.

CASTELLO, Iara Regina et al. (orgs). **Fronteiras na América Latina**: espaços em transformação. Porto Alegre: UFRGS/Fundação de Economia e Estatística, 1997.

CHIAPPINI, Lígia. Cultura fronteiriça dos mercosul: poderes dos sem poder. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites**. Estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 437-474.

COMÉRCIO reage na fronteira. **Diário MS**, Dourados, ed. 3356, 04 jul 2006. Caderno Região, p. 5.

COMÉRCIO do Paraguai cresce 20%. **Diário MS**, Dourados, ed. 3621, 31 maio 2007. Caderno Região, p. 4.

CONEXÃO SEBRAE. **Roteiro turístico vai unir cidades fronteiriças**. Mato Grosso do Sul, p. 8, jan.- fev. 2007.

COOPER, Chris et al. **Turismo, princípios e práticas**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2000.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. Nova luz sobre a Guerra do Paraguai. **Nossa História**, Rio de Janeiro, ano 2, n.13, p. 18-23, nov. 2004.

DORFMANN, Adriana; ROSÉS, Gladys Teresa Bentancor. Regionalismo fronteiriço e o “acordo para os nacionais fronteiriços brasileiros uruguaios”. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites**. Estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 195-228.

FARRET, Ricardo. Especificidades das áreas urbanas de fronteira. In: CASTELLO, Iara Regina et al. (orgs). **Fronteiras na América Latina: espaços em transformação**. Porto Alegre: UFRGS/ Fundação de Economia e Estatística, 1997. p 107-113.

FEDATTO, Nilce A. S Freitas. Educação em Mato Grosso do Sul: limitações da escola brasileira numa divisa sem limites na fronteira Brasil-Paraguai. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites**. Estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 491 510.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FRAGA, Rosendo. Uma guerra e muitas versões. Manuais adotados nos países do Mercosul ainda contam histórias diferentes sobre a Guerra do Paraguai. **Nossa História**, Rio de Janeiro, ano 2, n.13, p. 42-44, nov. 2004.

GADELHA, Carlos Augusto Grabois; COSTA, Laís. A política nacional de integração e desenvolvimento das fronteiras: o programa de desenvolvimento da faixa de fronteira – PDF. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites**. Estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 25-46.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; McINTOSH, Robert W. **Turismo: princípios, práticas e filosóficas**. 8 ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOIRIS, Fabio Aníbal Jará. **Descubriendo la frontera: historia, sociedad y política en Pedro Juan Caballero**. Ponta Grossa: Inpag, 1999.

\_\_\_\_\_. **Paraguay: ciclos adversos y cultura política**. Assunción: Servilibro, 2004.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.20, p. 141-159, out. 2003.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton (org). **Território e territórios**. Niterói, 2002. p. 17 - 37. Monografia (Pós-Graduação em Geografia) – PPGeo, Universidade Federal Fluminense.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

JESUS, Laércio Cardoso de. **Erva-mate: o outro lado.** A presença dos produtores independentes no antigo Sul de Mato Grosso 1870-1970. Dourados, 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004.

LAMBERTI, Eliana. **Dinâmica comercial no território de fronteira:** reexportação e territorialidade na conurbação Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Aquidauana: UFMS, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006.

MACHADO, Lia Osório. **Limites, fronteiras e redes.** In: STROHAECKER, T. M. et al. (orgs). **Fronteiras e espaço global.** Porto Alegre: AGB, 1998. p 41-49. Disponível em <<http://www.igeo.ufrf.br/gruporetis/>>. Acesso em 23 jul. 2006.

MACHADO, Lia Osório et al. O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites:** estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 87-112.

MACHADO, Lia Osório. **Limites e fronteiras:** da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. Disponível em <<http://www.igeo.ufrf.br/gruporetis/>>. Acesso em 23 jul. 2006.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e nações.** São Paulo: Contexto, 1992.

MELO, Luiz Bica de. Reflexões conceituais sobre a fronteira. In: CASTELLO, Iara Regina et al. (orgs). **Fronteiras na América Latina:** espaços em transformação. Porto Alegre: UFRGS/Fundação de Economia e Estatística, 1997.

MESQUITA, Zilá. Procura-se o coração dos limites. In: LEHNEN, Arno Carlos; CASTELLO, Iara Regina; SCHÄFFER, Neiva Otero (orgs). **Fronteiras no mercosul.** Porto Alegre: UFRGS/co-edição Prefeitura Municipal de Uruguaiana, 1994. p. 69-73.

MOLETTA, Vânia Beatriz Florentino; GOIDANICH, Karin Leyser. **Turismo de compras.** 4 ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2003.

MORAES, Cláudia Corrêa de Almeida. Turismo – segmentação de mercado: um estudo introdutório. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org). **Turismo:** segmentação de mercado. 3 ed. São Paulo: Futura, 1999.

MORETTI, Edvaldo César. Atividade turística: produção e consumo do lugar Pantanal. In: BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro; MORETTI, Edvaldo César (orgs). **Qual paraíso?** Turismo e

Ambiente em Bonito e no Pantanal. São Paulo: Chornos; Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001. p. 41-73.

MULLER, Karla M. Espaços de fronteiras nacionais, pólos de integração. In: Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 573-592.

OCUPAÇÃO da linha internacional mobiliza autoridades. **Diário MS**, Dourados, ed. 3667, 06 ago 2007. Caderno Região, p. 8.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos. In: Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 377-408.

OLMEDO, Natalício. *Álbum Gráfico de Concepción*. Talleres Gráficos. Assunción: La Colmena, 1927.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

\_\_\_\_\_. **Turismo internacional** – uma perspectiva global. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ORTIZ, Renato. A viagem, o popular e o outro. In: **Encontro/Congresso ANPOCS**, Caxambu. Out. de 1995, 22p. (Ensaio).

PAIXÃO, Roberto Ortiz. **Turismo na fronteira**. Campo Grande, MS: UFMS, 2006.

PENNER, Reinaldo et al. *Informe sobre el comercio de productos informáticos en Ciudad Del Este: La gran oportunidad de Industrialización*. Asunción, Paraguai: Paraguay Vende, 2005.

PENNER, Reinaldo. *Movimiento Comercial y financiero de Ciudad del Este*. Disponível em < <http://www.bcp.gov.py/gee/investman/penner/east.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2006.

PÉYBALE, Raymond. As regiões fronteiriças e o projeto de integração do Mercosul. In: LEHNEN, Arno Carlos; CASTELLO, Iara Regina; SCHÄFFER, Neiva Otero (orgs). **Fronteiras no mercosul**. Porto Alegre: UFRGS/co-edição Prefeitura Municipal de Uruguaiana, 1994. p. 14-21.

PROJETO Turismo sem Fronteira firma acordo. **DIÁRIO MS**, Dourados, ed. 3357, 05 jul. 2006. Caderno Região, p. 5.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimo. **Vias de comunicação e articulações econômicas do antigo Sul de Mato Grosso (Séculos XIX e XX):** notas para discussão. Dourados, 2004. 37f. Digitado.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. A ordem a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: Tito Carlos Machado de (org). **Território sem limites:** estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: UFMS, 2005. p. 9-15.

RAMÍREZ, Julio. Amambay: *Evolución econômica y potencialidades agropecuárias y turísticas.* In: MASI, F.; BORDA, D. **Economías Regionales y Desarrollo Territorial.** Asunción: CADEP, 2002.

REJOWSKI, Mirian; BARRETTO, Margarita (orgs). **Turismo:** interfaces, desafios e incertezas. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

REJOWSKI, Mirian; SOLHA, Karina Toledo. Turismo em um cenário de mudanças. In: REJOWSKI, Mirian (org). **Turismo no percurso do tempo.** 2 ed. São Paulo: Aleph, 2002. p. 75-122.

RIBEIRO, Leticia Parente. **Zonas de fronteira internacionais na atualidade:** uma discussão. UFRJ, 2002, 29p. Disponível em <<http://www.igeo.ufrf.br/gruporetis/>>. Acesso em: 23 jul. 2006.

ROIG, Catalina Moreira Quevedo de. *Estampas Pedro Juan Caballero.* Assunción: Imprenta Alborada S. R. L, 1984.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço:** rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

RUBENS, Eder. Pedro Juan quer atrair brasileiros. **O Progresso.** Dourados, 13 mai. 2005. Caderno Cidades. p. 5.

SANTOS, Milton (org). **Território e territórios.** Niterói, 2002. Monografia (Pós-Graduação em Geografia) – PPGEIO, Universidade Federal Fluminense.

SILVA, José de Melo e. **Fronteiras Guaranis**. A trajetória da nação cuja cultura dominou a fronteira Brasil-Paraguai. 2 ed. Atualização e notas de Hildebrando Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2003.

SQUINELLO, Ana Paula. **A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...** Ensino, memória e história de um conflito secular. Dourados: 2001. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001.

STEIMAN, Rebeca. **Brasil e América do Sul: questões institucionais de fronteira**. UFRJ, 2002. Disponível em <[www.igeo.ufrj.br/gruporetis/](http://www.igeo.ufrj.br/gruporetis/)> Acesso em: 23 jul. 2006.

STEIMAN, Rebeca; MACHADO, Lia Osório. **Limites e fronteiras internacionais**. Uma discussão histórico-geográfica. UFRJ, 2002. Disponível em <<http://www.igeo.ufrj.br/gruporetis/>>. Acesso em: 23 jul. 2006.

TIMOTHY, Dallen J; BUTLER, Richard W. *Cross-border Shopping: a North American perspective*. **Annals of Tourism Research**, v. 22, n. 1, p. 16-34, 1995.

TIMOTHY, Dallen J. *Political boundaries and tourism: borders as tourist attractions*. **Tourism Management**, v. 16, n.7, p. 525-532, 1995.

TIMOTHY, D. J.; TOSUN, C. *Tourist's perceptions of Canada-USA borders as a barrier to tourism at the International Peace Garden*. **Tourism Management**, v. 24, p. 411-421, 2003.

TIMOTHY, Dallen J. *Relationship between tourism and international boundaries*. In: WACHOWIAK, Helmut (editor). **Tourism and Borders. Contemporary issues, policies and international research**. Bonn, Germany, 2006. p. 9-18.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. Turismo e política internacional. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godói; NETTO, Alexandre Panosso. **Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade**. São Paulo: Aleph, 2003.

TORRECILHA, Maria Lúcia. **A fronteira, a cidade e a linha**. Campo Grande: Uniderp, 2004.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 2001.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing turístico: receptivo e emissor: um roteiro estratégico para projetos mercadológicos públicos e privados.** São Paulo: Pioneira, 1999.

VERBEKE-JANSE, Myriam. A sinergia entre compras e turismo. In: THEBALD, William (org). **Turismo Global.** 3 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

WACHOWIAK, Helmut (editor). *Tourism and Borders. Contemporary issues, policies and international research.* Bonn, Germany, 2006.

WACHOWIAK, Helmut; ENGELS, Daniel. *Academic contributions on cross-border issues in tourism around the world.* In: WACHOWIAK, Helmut (editor). **Tourism and Borders. Contemporary issues, policies and international research.** Bonn, Germany, 2006. p. 149-265.

## APÊNDICE 01 – ENTREVISTA COM OS MORADORES

Nome: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Data da Entrevista: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: ( ) Paraguaia ( ) Brasileira ( ) Outra

Residência ( ) Pedro Juan ( ) Ponta Porã

**1- Há quanto tempo trabalha envolvido com o turismo? Em que área?**

**2- Sexo** ( ) masculino ( ) feminino

**3- Estado Civil**

( ) Solteiro (a) ( ) Casado (a) ( ) Viúvo (a) ( ) Divorciado (a) ( ) Outro (a)

**4- Grau de instrução**

( ) 1º grau incompleto ( ) 1º grau completo ( ) 2º grau incompleto

( ) 2º grau completo ( ) Superior incompleto ( ) Superior completo

( ) Sem instrução

**5- Nível de Renda Pessoal**

( ) 0 a 1 SM ( ) + de 1 a 3 SM ( ) + de 3 a 6 SM ( ) 4 + de 6 a 9 SM

( ) 5 Mais de 10 SM ( ) Não citou

**6- Existe alguma facilidade ou dificuldade no seu dia-a-dia pelo fato de morar na fronteira?**

**7- O senhor (a) frequenta o Brasil ou o Paraguai? Para quê? (verificar com que frequência e investigar se faz compras no país vizinho).**

**8- Como aproveita seus momentos de folga?**

**9- Alguma das atividades acima é feita no país vizinho? Quais?**

**10- O que é o turismo para o senhor (a)? Para o senhor(a) existe turismo aqui nas cidades gêmeas? Qual tipo de turismo? Quando e como começa esse turismo? (ver o ano, fatos que influenciaram a atividade).**

- 11- Qual tipo de pessoa frequenta a cidade? (se ele não souber responder questionar sobre turistas ou sacoleiros). Qual (ais) a (s) época (s) do ano de maior movimento?
- 12- Nos últimos 26 anos (de 1980 para cá), houve alguma alteração no fluxo de turistas em Pedro Juan? Como essa alteração mudou/interferiu na sua vida pessoal? E na profissional? Foi bom ou ruim?
- 13- Em que aspecto os turistas mudaram a cara de Pedro Juan? E de Ponta Porã ? (para tentar descobrir o que foi construído com esse fluxo, o que foi mudando. Para que eu possa definir o turismo de compras nessa região).
- 14- O que mais poderia ser oferecido ou aproveitado para o aumento do fluxo de turistas?
- 15- Tanto Ponta Porã como Pedro Juan Caballero são influenciadas pela oscilação cambial. Como as cidades se comportam perante tais oscilações?
- 16- O senhor acha que Pedro Juan está se modernizando? Mas o que entende por modernização?
- 17- Em vários livros, autores falam da diferença do fronteiro em relação aos paraguaios do interior. O senhor (a) concorda com essa afirmação? Por que? Há integração entre as duas nacionalidades?
- 18- E com relação a Ciudad Del Este que também é uma cidade fronteiriça? O senhor (a) saberia dizer qual diferença ou mesmo semelhança, se é que há com Pedro Juan Caballero?



<p><b>12- A compra é a principal motivação de sua viagem?</b> 1 ( ) Sim 2 ( ) Não</p>	
<p><b>13- O que o senhor (a) costuma comprar?</b></p>	
<p><b>14- As viagens são influenciadas pela cotação do dólar ou independem?</b></p>	
<p><b>15- As compras são para :</b> 1 ( ) consumo próprio 2 ( ) venda 3 ( ) ambos 4 ( ) outro _____</p>	
<p><b>16- Quanto costuma gastar no período em que permanece na cidade?</b> 1 ( ) até R\$ 100,00 2 ( ) R\$ 101,00 a R\$ 400,00 3 ( ) de R\$ 401,00 a R\$ 700,00 4 ( ) R\$ 701,00 a R\$ 1.000,00 4 ( ) mais de R\$ 1.000,00 5 ( ) não citou</p>	
<p><b>17 - Além das compras, conhece algum lugar (passeio) em alguma das cidades?</b> 1 ( ) Sim (vá para 18) 2 ( ) Não (vá para 19)</p>	
<p><b>18- Qual (is) lugar (es) o sr (a) conheceu? O que o senhor (a) achou deste (s) lugar (es)?</b></p>	
<p><b>19- Por que? Caso houvesse um atrativo o senhor (a) viria? O que gostaria de ver?</b></p>	
<p><b>20- O senhor (a) Utiliza algum serviço da cidade de Pedro Juan ou Ponta Porã? (farmácia, restaurante, posto gasolina etc)</b></p>	
<p><b>21- Qual a impressão que o senhor (a) tem da cidade de Pedro Juan?</b></p>	

<p><b>21.1 – Algo lhe desagrada? E o que mais lhe agrada?</b></p>	
<p><b>22- Como percebe o atendimento dos lojistas e empregados das lojas: é satisfatório?( são educados, receptivos?) Percebe alguma alteração nesse atendimento desde a primeira vez que veio a PJ até hoje? Em que sentido mudou? A que atribui essa mudança?</b></p>	
<p><b>23-Nessa (s) vinda (s) o senhor (a) costuma ter contato com as pessoas da cidade? Qual a impressão que o senhor (a) tem dos paraguaios ?</b></p>	
<p><b>24- Algum costume lhe chama atenção?</b></p>	
<p><b>25- Conhece algo da cultura local , história?</b></p>	
<p><b>26-Como classificaria a viagem do senhor (a) ? É turismo?E o que é turismo para o senhor (a) ?</b></p>	
<p><b>27-Quando o sr (a) vem aqui, sente-se diante de uma fronteira?</b>  1 ( ) Sim                      2 ( ) Não</p>	

<b>28-O que a fronteira representa para o sr (a)? (lazer, segurança, história etc)</b>	
<b>29-O senhor (a) já avançou além da segunda rua de Pedro Juan?</b> 1 ( <input type="checkbox"/> ) Sim ( vá para 30)                      2 ( <input type="checkbox"/> ) Não (vá para 31)	
<b>30-Onde o senhor (a ) foi? Fazer o que? Isso é algo comum? (ver se foi a primeira vez, se é esporadicamente e etc).</b>	
<b>31-Por quê?</b>	